

MEMÓRIAS PÚTRIDAS DE UM VOYEUR CEGO

GIORDANO ANDRIOLA

Memórias Pútridas de um Voyeur Cego

Giordano Andriola

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0003
Andriola, Giordano

Memórias Pútridas de um Voyeur Cego
Giordano Andriola
Appaloosa Online Indie Publishing
Ed: São José dos Campos SP – 2017

Capa:
by Brödel, Max - 1870-1941 Germany
Robarts Library, the Internet Archive

Produção:
Appaloosa Online Indie Publishing
Felippe Regazio / Produção e Edição
Raisa Mendonça / Finalização de Capa

Este Livro Contém:

- . Memórias Pútridas de um Voyeur Cego
- . Sobre o Autor
- . Entrevista com o Autor

Parte 1

A Infância é a Morte Embriagada

Amor de Vó

Quando a minha mãe morreu - idiotamente, fazendo rapel na serra do sapirica - eu, que tinha apenas 8 anos, tive que ir morar com a minha vó. Dona Celsa Crueira, a carniceira. Puta que pariu. Ali foi, certamente, o meu purgatório. Mas também foi a minha primeira faculdade. A velha andava com um 38 cano longo que herdou de seu pai, meu bisavô Estanislau Crueira, ex-sargento do exército brasileiro, que não fazia mal a ninguém - de vez em quando gostava de treinar tiros, usando a minha bisavó como alvo.

A minha vó tinha vícios diversos. Os que ela mais gostava eram jogar baralho, fumar o seu cachimbo e ficar engatilhando a porra do revólver a cada 3 minutos. Na verdade, este último era mais um tique nervoso. Já meu avô era um sortudo. Havia morrido ainda jovem, vítima de um “afogamento” num riacho que não tinha nem 2m de profundidade. Dizem que foi suicídio. Vai saber. O fato é que ele tinha se livrado da convivência com a carniceira. Sobrou pra quem ficou vivo.

Não vou mentir, as noites eram divertidas. Muito baralho, bate-boca e ameaças de morte. Quando as velhas pediam cigarro, eu já levava aceso. Além do que, eu também funcionava como garçom, servindo licor 43 e amendoim. Adentrava a madrugada

e a minha vó me mandava dormir três vezes. Na terceira, ela já me dava uma coronhada. Normal. Eu já encarava aquilo como um ato carinhoso.

Quando tava começando a me acostumar com a vida de “filho de vó” nada convencional, eis que surge a surpresa: a polícia bateu na porta da velha. Dona Celsa tava sendo acusada de tráfico de armas e formação de quadrilha. Puta que pariu! Eu nunca senti tanto orgulho da minha vovozinha. Ela foi algemada na minha frente e eu me lembro de sua última frase: “vê se não queima minha casa, ô moleque filho da puta!”. Dois dias depois a velha se matou. Querosene e isqueiro. Um velório estragado.

Meu pai apareceu. Casado com Berta, a cafetina do “Mil Prazeres Bar”. Puta merda. Eu preferia a dona Celsa. Juro que preferia. Mas agora ela tava carbonizada e enterrada num cemitério mais cheio do que o carandiru. Tive que ir morar com ele. Foi a minha segunda faculdade. Eu era um fracasso iminente.

O Empate da Imaculada

Eu devia ter uns oito ou nove anos. Meus pais haviam viajado para o Chile a fim de reatarem os laços matrimoniais. Fiquei sozinho em casa com Jacylene, nossa empregada. Meu pai era um sádico de carteirinha. Havia trazido a menina, que era moradora do sítio do meu tio no interior, prometendo para seus pais que iria lhe dar um bom estudo na capital. Tudo conversa fiada. Meu pai era malandro. Vivia da herança que seu pai lhe deixara e nunca bateu um prego numa barra-de-sabão. Mexia com agiotagem e trambiques alhures. Minha mãe era uma perfeita submissa. Abaixava a cabeça para tudo. Uma típica mulher de malandro. Ela apanhava do meu pai quase todas as noites mas, aos sábados, os dois freqüentavam o encontro de casais em cristo na igreja católica. Minha mãe andava com um terço na mão e me forçava a ir à missa aos domingos de manhã. Naquele domingo eu iria escapar deste sacrilégio. Ficara sozinho com Jacylene durante uma semana. Era tudo o que eu queria. Escaparia dos castigos do meu pai e da bipolaridade da minha mãe. Jacylene devia ter uns 16 anos. Era uma moreninha de cabelos cacheados. Olhos negros e puxados. Boca e nariz pequenos. Não era tão bonita, mas já tinha um corpo de mulher. Eu já a tinha brechado diversas vezes no banho e, há muito

tempo, sonhava em chupar aqueles peitinhos de mamilos escuros. Pareciam biscoitos negresco. A sua bucetinha era lisa. Não tinha pentelho algum. Eu passava o dia todo pensando em Jacylene. Na escola, no futebol de rua, assistindo o tio patinhas ou almoçando na casa da minha vó. Eu só pensava na bucetinha de Jacylene, mas não fazia ideia do que era foder. Era uma tarde de domingo. Passava um jogo de futebol na tv. Acho que era Palmeiras x Corinthians. Jacylene sentava ao meu lado no elegante sofá de veludo da minha mãe. Ela vestia uma camisola e comia uma banana. De vez em quando, me dava umas olhadelas sacanas. Tinha algo nela. Digo, havia algo em seu olhar. Era diferente. Mais tarde é que eu tomei conhecimento que só os tarados têm aquele olhar. Eu não era uma criança como as outras. Definitivamente não. Eu não sabia amarrar os cadarços do meu tênis ou andar de bicicleta. Meus amigos zombavam de mim. Mas eu não tava nem aí. Meu negócio era ficar folheando as revistas playboy do meu pai ou brechar Jacylene lavar a sua xoxota com sabonete lux. Algum dos times fez um gol. O narrador gritava feito um louco. Meu pau tava duro. Eu não costumava usar cuecas. Jacylene notou certo volume no meu calção preto de nylon e não titubeou: meteu a mão e começou a me apertar com força. Caralho! Eu nunca havia tido tal sensação. Senti um arrepio incomum.

Esqueci o mundo lá fora. Que meus pais nunca mais voltassem! Eu só queria que Jacylene nunca mais desgrudassem aquela mão do meu pau. Ela foi além. Abaixou meu calcão e começou a tocá-lo. Meu pau era fimosado e Jacylene forçava uma punheta, o que me causou certo incômodo. Veio-me na memória uma revista de sacanagem do meu pai em que eu vi uma mulher com a boca no pau de um cara loiro e bigodudo. Ela parecia alegre. Foi aí que eu, que quase nunca falava alguma coisa, dei uma ordem à Jacylene:

-- Chupa, Jacy!

E ela o fez. Meu coração batia rápido. Pensei que fosse ter um ataque cardíaco quando a boquinha quente de Jacylene chupou o meu pequeno pau fimosado. Porra, aquilo era tudo o que um garoto da minha idade queria. Eu queria que se fodessem os caras que sabiam empinar uma bicicleta, driblar todo mundo que nem o ronaldinho ou amarrar os cadarços do all star cano-longo. Eu queria que se fodessem os garotos bonitinhos que iam à escola com meio pote de gel no cabelo e só tiravam nota A. Eu queria que se fodessem aqueles filhinhos-de-papai que passavam à tarde no fliperama gastando a mesada gorda que recebiam dos seus pais bancários. Queria que todos se fodessem. Tinha uma garota chupando o meu pau e eu não queria mais nada nesse mundo. Eu não queria mais ir à missa.

Eu não queria ir à escola. Eu não queria mais receber beijinho de boa noite da minha mãe ou comer o pudim da minha vó. Eu não queria mais um videogame ou a porra dum forte apache no aniversário. Eu só queria o boquete da Jacylene e que tudo, realmente, se fodesse. Ela chupava com gosto. Parece que estava chupando um frutilly. Eu só conseguia me manter imóvel como se estivesse dominado por uma onça-pintada no meio de uma mata fechada. A campainha tocou. Maldita hora para alguém fazer uma visita. Ora, vão se foder! Jacylene deu um pulo e olhou pela janela. Era um grupelho de três ou quatro senhoras que participavam, junto da minha mãe, de um grupo de orações. Jacylene foi atendê-las.

-- Olá. Hoje é o dia da senhora Carolina ficar com a Imaculada Conceição.

-- Ela não se encontra. Viajou pra bem longe!

-- Você pode receber?

-- Sim, posso.

-- Amanhã você passa a santa pra vizinha.

-- Pode deixar!

As velhas foram embora e Jacylene entrou em casa segurando em suas mãos a imagem da Imaculada Conceição. Que cena cômica. Ela deixou a santa em cima de um armário no canto da sala e voltou para o sofá. Outro gol na tv. Jacylene estava

mesmo afim. Tirou a roupa e se aproximou de mim. Eu olhei de perto aquela bucetinha. Engraçado, tinha uma espécie de língua saindo dali. Era mesmo lisinha. Ela segurou minha cabeça e a aproximou de seu corpo.

-- Chupa meu peitinho, vai!

Eram peitinhos pequenos. Os toquei com minhas pequenas mãos. Eram durinhos. Meti a boca. Ela segurava forte o meu cabelo. Colocou um das pernas sobre o braço do sofá e me fez olhar para cima:

-- Quer lamber minha xoxotinha, quer?

Senti-me o seu escravo. Um cão de rua sem rumo. Um mendigo sem ter uma marquise para ficar debaixo durante um temporal. Pus a língua lá e senti um gosto azedo misturado a um cheirinho de sabonete lux de baunilha. O que mais poderia acontecer? Eu era a criança mais feliz do mundo. Fodam-se os parques aquáticos ou as garotinhas da escola com suas calcinhas-de-babado por baixo de suas saias. Eu já não queria saber de mais nada. Havia chegado a hora. Jacylene me deita sobre o sofá e monta em cima de mim. Eu olhava para o teto e via o grande ventilador rodar na velocidade máxima. Na tv, mais um gol. Eu não vi o momento exato, mas eu também havia marcado um gol em Jacylene. A bola tava no fundo da rede. Era quente. Molhado. Eu iria ser engolido. Eu suava e

minhas mãos tremiam. Jacylene se levantou subitamente. Vestiu a camisola e me olhou como se fosse uma leoa arrependida de ter atacado o antílope.

-- Pronto, acabou!

-- Acabou nada! Volta aqui, Jacy!

-- Não, menino, não. Pare!

-- Vem cá, Jacy!

-- Não. Já tá bom! Fica quieto!

Tava 3 a 0 pro Palmeiras. Jacylene foi pra cozinha me preparar um lanche. Fui até o corredor e vi sua bundinha rebolando naquela fina camisola. Voltei pra sala, vesti o calção de nylon que estava jogado sobre o tapete e sentei aborrecido no sofá. Jacylene voltou da cozinha com umas torradas e suco de cajá. Sentou-se ao meu lado, como se nada tivesse acontecido, e começou a serrar as unhas. Comi as torradas com raiva. Jacylene já não olhava mais para mim. Parecia me ignorar. O jogo terminou. Jacylene se levanta, olha para mim e me toma pela mão:

-- Vem. Tá na hora de rezar pra Imaculada Conceição!

Muito Spaghetti pra Pouco Sartana

Eu passava o dia todo enfurnado numa congestão de cenas imaginárias. Quando não estava vendo decapitações, assistia travecos piçudos dando a bunda para amantes decadentistas. Nunca fui normal. Mamãe tratou de me colocar em colégios católicos, mas a minha psicopatia só aumentou com o tempo. Ganhei meu primeiro boquete com oito anos. A garota tinha sete. Pudera, não havia muito o que fazer naquele cu de mundo onde eu nasci, cresci e gozei numa revista playboy pela primeira vez. Se eu acreditasse nesse negócio de sorte, talvez agora estivesse debaixo das rodas de um ônibus em plena avenida prudente de morais. Eu prefiro acreditar em sujeição. E em bujetas rosas. O fato é que é difícil fazer escolhas na vida. Quem escolhe e quem não escolhe sempre acaba perdendo. Você sempre acaba perdendo, haja o que houver. Deus é um sádico. Esqueçam o moteoro de madrugada ou a hecatombe final durante uma cagada depois do almoço. Você vai morrer aos poucos. Sua urina vai doer para sair e o câncer no cu não te deixará em paz. Deus é amor. E o amor é a ruína do homem. Você já amou? Quem mais você amou além de sua mão? Se você for ambidestro, certamente a punheta será mais proveitosa. Eu nunca amei na vida, mas gostaria de contar uma

estória. Estória mesmo. Ninguém vai acreditar, mas que se foda. Eu devia ter uns treze ou catorze anos. Nunca havia namorado. Trepar muito menos. A única coisa que eu tinha era uma playboy da Lúcia Veríssimo que eu escondia por trás do meu guarda-roupas. Já comi muito aquela mulher na punheta. Certa vez, ela me negou o cu. Fiquei desapontado. “No cu não. A gente nem tem tanta intimidade, garoto!”. Um banho de água fria. No colégio as coisas iam mal. Aliás, nunca foram muito bem. Mas na oitava série, eu trathei de mudar isso. Comecei pelo meu pau. Sempre tive problemas em aceitar que ele era pequeno. Mas quando vi o do Mauro Celso no vestiário, eu tive uma constatação: o meu conseguia ser menor. Puta merda! Por que o meu pau não era do tamanho do pau do Bavani? O cara comia até a professora. Aquilo não me afetou tanto por causa de uma dica do Roberto “Cara-de-Rato”.

-- Faz como eu, cara. Enrola uma meia no pau e põe dentro da cueca. Sabe a Lurdinha do primeiro ano do científico?

-- A surda-muda?

-- Ela mesmo.

-- Que é que tem?

-- Tô comendo!

No outro dia, antes de sair pra aula, não tive dúvidas: peguei uma meia grossa, enrolei no meu pau minguado e guardei

dentro da cueca vermelha. Quando cheguei no colégio, Roberto já me esperava com a sua namorada, Lurdinha, e outra garota a quem eu ainda não havia sido apresentado.

-- Olha quem chegou, pessoal! Meu amigão! Eu disse que ele chegaria, Sonia, eu disse!

Sonia me olhou com lascívia. E foi direito ao ponto: meu pau. Tinha um problema: Sonia era deficiente física. Andava arrastando a perna direita e era mais conhecida como “pé-de-rodo”. Não era questão de preconceito, mas eu sabia que todo o colégio iria pegar no nosso pé. Ela era mais velha. Tinha dezesseis. Tinha peitos enormes e era filha de italianos. Se aproximou de mim. Eu era menor que ela. Ela passou o braço em volta do meu pescoço e me arrastou até a cantina.

-- Então!

-- Então o quê?

-- Me paga uma coca. Tô com sede!

-- Não tenho dinheiro, pô!

-- Quer buceta?

-- Sim...

-- Me paga uma coca. Já pedi!

Tirei míseros cinqüenta centavos do bolso e lhe paguei a maldita coca-cola. Ela tomou tudo numa só tragada. Arrotou na minha cara e com olhar penetrante me fuzilou:

-- Bora pra trás da quadra!

Saiu pelo pátio arrastando aquela sua perna esquerda mórbida. A sua bunda era grande como duas bolas de basquete coladas. Eu tava fodido. Aquela filha da puta iria abaixar a minha e calça e desvendaria o meu truque. Eu tive que inventar alguma coisa.

-- Sonia...

-- O que é?

-- Quer outra coca?

-- Quero.

-- Pega o dinheiro!

-- Não. Quero essa coca que ta aí dentro sua calça!

-- Pô, Sonia, nem deu o toque pra primeira aula. Assim, logo cedo, ele não levanta direito!

-- Deixa de frescura, seu porra! Senão eu arranco esse pau na marra!

Aquela filha duma puta queria um talão de cheques. Só que eu tava sem fundos. Chegou a hora. Ninguém atrás de quadra. Eu tinha que ser mais esperto.

-- Primeiro mostra os peitos!

-- É pra já!

Dois melões pularam fora da blusa de algodão. Meus olhos nunca viram coisa mais bonita! Até o seu Marculio, faxineiro,

ficou por trás de um pilar vendo aquela cena.

-- E então?

-- E então o quê?

-- Não vai pegar, chupar, morder?

-- Ah, é!

De forma desajeitada, peguei naqueles peitos enormes. Sonia mantinha os olhos fechados. Seu Marculio, por trás do pilar, me dava um sinal de joinha. Sonia se enfezou. Pegou minha cabeça e meteu nos seus peitos. Naquele momento, esqueci de tudo. Não sabia meu nome e nem onde estava. Mas chegava o derradeiro momento. Sonia, brutalmente, meteu a mão no meio das minhas pernas.

-- Que porra é essa?

-- Meu pau.

-- Que negócio grande!

-- Pois é – Toca a sineta anunciando o início da aula.

-- Você vai almoçar hoje lá em casa!

-- Por quê?

-- Vai me pedir em namoro na frente do meu pai, ué!

Puta merda! Eu tava fodido! O Roberto passou a aula toda me infernizando.

-- Vai namorar com a Soninha “pé-de-rodo”! Vê se me traz um tiramisú da sobremesa, cara!

-- Vai tomar no cu, Roberto! Tu só me mete em bronca, porra!

-- Vai por mim, ela ta gamada em você!

-- No meu pau-de-meia, né?

-- Também!

-- Ótimo, Roberto, ótimo!

-- Aproveita e perde esse cabaço, seu merda!

Por esse lado, o Roberto tava certo. Eu tinha de perder o tal cabaço, e que fosse com a Soninha “pé-de-rodo”! Meio-dia.

Soninha me esperava na pracinha em frente ao colégio.

-- Meu pai já ta chegando pra buscar a gente.

-- Não leva a mal, Soninha. Tô com diarréia e só consigo cagar em casa.

-- Não inventa desculpa. Olha lá, chegou meu pai!

Seu Zanello estacionou seu versailles cinza na esquina e já tomou uma multa do guarda-de-trânsito.

-- Que filho de uma puta! Acabei de estacionar, vejam só!
Entrem logo, rápido!

Clima tenso. Soninha apoiou o braço por sobre o meu ombro e tratou de me apresentar.

-- Papá, esse é o novo namorado!

-- Feio, hein? Mas o seu antigo era mais feio ainda!

-- Pega leve, papá! Ele é tímido!

-- Já sei que é meio viado!

-- Não, papá! Ele só é bem educado.

-- Sei...

-- Ele vai almoçar conosco!

-- Já explicou as regras a ele?

-- Ainda não.

-- Pois eu explico: só pode se servir uma vez. Se quiser se servir novamente, seja do que for, tem que pagar. Tenho uma balança lá em casa. Repetindo o prato, é por quilo. Entendeu?

-- S-Sim...

-- Pega leve, papá! Ele vai se assustar!

-- Assustar, porra nenhuma! Seu outro namorado comia feito um cavalo, cazzo!

Chegamos à casa dos Zanello. A mãe de Soninha era um hipopótamo que devia pesar uns 150kg. Ela me deu um beijo seguido de um tapasso no rosto.

-- Como é feio esse, hein? Você só me arruma traste hein, filha!

-- Pega leve mamma, viemos Almoçar!

Sentamos à mesa. Soninha me serve. Um farto prato de spaghetti alla puttanesca. Eu nem tava com tanta fome.

-- Esqueci de dizer. Se deixar comida no prato, também paga!

Eu tava com vontade de dar um tiro na barriga daquele velho escroto. O filho-da-mãe comia feito um cachorro, suava como um porco e grunhia que nem javali. A aventura já tinha dado o

que tinha de dar. Queria dar o fora dali. Queria desenrolar a meia do meu pau e jogar dentro do prato daquele gordo filho dum puta! Mas era tarde. Soninha queria me possuir feito o diabo.

-- É hora da sobremesa!

-- Agora não, mamma! Tenho que ensinar física ao meu namorado!

-- Mas já?

-- Já. O coitado tá de recuperação!

-- Além de feio é burro?

Tive vontade de mandar a gorda pro inferno, mas me contive. Subimos pro quarto. Não sei como Soninha subia aquela escada com aquela perna. Me senti mal. Aquilo iria terminar em merda. Porra, eu assisti “Goodfellas!”. Esses italianos são foda! Entramos no quarto. Era tarde. Soninha tira a roupa. Que peitos perfeitos! A buceta era mais cabeluda do que a minha cabeça! Penso em pular pela janela, mas é tarde! Soninha se aproxima, abaixa a minha calça. Minha cueca, a princípio me salva. Alguém bate na porta.

-- O que é?

-- Sonia, você deixou seu caderno lá embaixo!

-- Já pego, mamma, já pego!

Soninha se veste, sai do quarto e eu não penso duas vezes. Pulo

da janela e caio direto no jardim da casa dos Zanello. Acho que torci meu pé. Não interessa. Corri o mais rápido que pude, só que esqueci um detalhe: deixei a porra da minha mochila no quarto de Soninha. Tão cedo eu iria escapar daquela maldita! Não tinha jeito. Teria que encará-la, novamente, no colégio. E foi assim que ocorreu. No outro dia, logo cedo, entrei no colégio pela porta dos fundos e fui direto pra sala. As luzes ainda estavam apagadas. Fui para o meu canto no fundão e me sentei. Bruscamente, a luz se acende. Levanto a cabeça e me deparo com ela, Soninha “pé-de-rodo”. De pé, mão esquerda no quadril, ela se aproxima arrastando sua pesada perna em minha direção. Era o meu fim. Ela iria me dar uma facada na jugular ou iria arrancar meus olhos com uma colher-de-chá. Eu tava fodido. Muito fodido. Havia chegado a hora. Ela chegou perto de mim, colou meu rosto no meio de seus enormes peitos e me olhou fixamente. Se eu bem conhecias as histórias da Camorra, eu não tinha muito tempo de vida.

-- S-Soninha, veja bem...

-- Veja bem, nada. Tá aqui sua mochila. Eu sei que você foi embora por causa da diarréia, mas hoje você não me escapa!

-- Como assim?

-- Hoje vou lhe apresentar pro meu tio!

-- O quê?

-- E esquece aquele papo do meu pai. É tudo invenção. Pode repetir o spaghetti quantas vezes quiser.

Nem Todo Pássaro Gorjeia

Valdo não cresceu no Brooklyn nova-iorquino. Nasceu e foi criado no bairro do Carmo, mais precisamente na rua das Mangabeiras. Mas como Henry Hill, de “Goodfellas”, também tinha um sonho: ser gângster. O crime o atraía mais do que jogar futebol ou empinar pipa. Seu pai, Nésio, antigo operário de uma fábrica de camisetas, lhe falava sobre a importância de se ter uma profissão. Queria ver o filho formado. Com diploma na mão. Valdo não queria saber de nada disso. Se fosse para ser um embusteiro, que fosse pelo lado mais apetecível. Arma em punho, roubo a banco ou a carro-forte. Era isso que o menino queria. Estudar e trabalhar era passatempo de gente frustrada. O garoto não se sentia um merda como seu irmão, Claudionor, que trabalhava o dia todo como borracheiro na oficina do seu Durval. O menino queria mais correr perigo. Bater de frente com polícia, matador e o escambau. Queria sentir o gosto da morte sem adstringentes. Aos doze anos, largou a escola para protesto dos seus pais. Saiu de casa e foi morar com um primo, o Sandoval, no “morro da cotia”. Sandoval, seis anos mais velho, já era macaco velho no crime. Bicho-solto. Andava pra cima e pra baixo com um “ferro” na cintura e no morro era mais conhecido como “Caticó”. Serviu de professor de Valdo.

Um verdadeiro mestre. Colocou “trinta-e-oito” na mão do menino e logo ensinou o jeito matreiro de desenrolar a vida como um gato de rua no meio da noite. Logo vieram os primeiros roubos. Roubava de ferro-de-passar à calota de pneu. Não estava satisfeito. Queria mais. Queria ver a cor do dinheiro que nunca tivera. Queria sentir a textura daquelas cédulas das quais nunca havia posto a mão. Chamou Caticó num canto e abriu o jogo:

-- Quero grana, Caticó, quero grana!

-- Relaxa, Valdinho. Cê tá começando, não vá se precipitar!

-- Precipitar o caralho, Caticó. Me apresenta pro traficante, primo!

-- O “Gorjeia” é barra-pesada! É melhor ficar na tua, Valdinho!

-- Bora, porra, me leva até ele!

Caticó, sem poder conter Valdo, o levou até Gorjeia, chefe do tráfico no “morro da cotia”. Gorjeia era magro como um sabiá. Tinha um bigode que lhe cobria o lábio superior e parte dos dois dentões da frente. Uma criatura peculiar. Feio como um rato de esgoto. Os cabelos, escassos e repartidos ao meio, as olheiras que lhe emolduravam os olhos baixos davam a impressão de que Gorjeia estava moribundo. Mas aquele aspecto funéreo era puro disfarce. Foi só o malandro-mor abrir a boca que deu pra Valdo perceber que estava de frente a um

dos caras mais perigosos que já conhecera.

-- Que é que tu quer, moleque?

-- Trabalhar.

-- O supermercado lá de baixo tá pegando menor-aprendiz.

-- Não, cara. Quero trabalhar pra você.

-- Pra mim? Tá me achando com cara de empregador, porra?

-- Você sabe...quero entrar pro tráfico!

-- Tráfico de quê? De biscoito?

-- Não. Quero vender droga, preciso grana, entende?

Caticó se mete:

-- Dá uma chance pro moleque, Gorjeia. Tu vai ver, ele é bom!

-- Cala a boca, Caticó. Meu papo é reto. Tô falando com o menino!

-- Foi mal, foi mal!

Valdo retoma o assunto:

-- Então, Gorjeia, tô dentro?

-- Vâmo fazer um teste.

-- Sim...

-- Tu vai me levar essa maconha lá no Elinaldo, o “Corcunda”.

-- Onde fica?

-- Lá no matadouro. Ali perto da capela. O Caticó sabe onde é.

-- Tudo bem. Passa pra cá!

-- Olho-vivo, moleque!

-- Pode deixar!

Valdo pega a “carga” e se manda pro outro lado da favela. Cruza córregos, ruelas e toda espécie de vias traiçoeiras dentro daquele emaranhado de labirintos que enfeitavam a travessia do menino. Enfim, Valdo chega no tal “matadouro”. Bate na porta e um cara gordo, sujo, comendo um pão-francês com mortadela lhe atende:

-- Que é?

-- Quero falar com o Corcunda.

-- Tá falando com ele. Em carne e banha.

-- Opa, Corcunda, tô trampando pro Gorjeia.

-- E daí?

-- Vim deixar o material.

-- Entra aí, garoto!

Valdo entra e se senta num sofá velho e rasgado. Corcunda confere o material. Cheira, olha, olha, cheira. Abre o pacote. Parece não gostar do que tá vendo. O menino fica apreensivo. Corcunda respira fundo, olha pro garoto e sentencia: “É da boa. Essa é da boa, garoto!”. Valdo parece aliviado. Queria mais era pegar a grana e sair dali. Mas “Corcunda” queria assunto.

-- Tá com pressa, garoto?

-- Um pouco.

-- Relaxa. Vou pegar um guaraná pra você.

-- Não precisa...

-- Precisa sim, porra. Qual é teu nome mermo?

-- Valdo.

-- Tem apelido?

-- Me chamam de Valdinho.

-- Nome de bicha, hein? Vou te chamar de “corredeira”.

Beleza?

-- Certo!

-- Cuidado com o Gorjeia. Aquele lá é psicopata.

-- Sei...

-- Mas é gente boa. Só mata em último caso. Sabe como é, né?

-- Corcunda...

-- Fala!

-- Dá pra passar a grana? Preciso subir o morro!

-- Grana, grana, tudo grana! Ninguém quer mais conversar, falar da vida...tudo é dinheiro, caralho!

-- É que...

-- Toma, garoto, toma! Some da minha frente. Fala pro Gorjeia que hoje não vai dar pra ir lá. Hoje eu vou pro culto.

-- Tá certo, Corcunda. Falô!

É muito dinheiro. Valdo nunca tinha colocado a mão em tanta grana. Sobe o morro como um foguete. No caminho, esbarra em crianças, cachorros, galinhas e até numa mãe-de-santo.

Chega na boca do Gorjeia arfando. Abre a porta, tira o bolo de dinheiro do bolso e se aproxima do seu “chefe”:

-- Ái, Gorjeia, tá aí a grana!

-- Só isso? Aquele gordo imundo do Corcunda tá de sacanagem!

-- Pô, eu ainda tentei argumentar com ele, mas o cara tava pilhado.

-- Filho da puta. Hoje mesmo eu mando apagar aquele viado!

-- Gorjeia...

-- Já sei, moleque, tá aqui a sua parte. Amanhã tu começa pra valer. Gostei da desenvoltura!

-- Valeu, Gorjeia!

Valdo sai da boca e se encontra com Caticó, seu primo. O menino sorri, está radiante, feliz como uma criança carente que ganha uma bicicleta do papai-noel. Caticó malda alguma coisa:

-- Ái, Valdinho, tá felizardo, hein?

-- Claro!

-- E aí, como foi lá?

-- Tranquilo, Caticó. Ganhei a minha primeira comissão pela entrega que eu fiz, cara. Vou descer lá no centro e comprar umas roupas.

-- Legal. Peraí que eu vou com você!

À noite, a fatídica notícia: mataram o Corcunda. Já tava

previsto. Gorjeia não brinca em serviço. Mas havia algo errado: Corcunda nunca havia causado problema algum. Era um cara ponta-firme na boca. Mas roubo não se admite. Corcunda pegou a carga e não pagou o que devia: levou bala. Caticó sentia algo estranho no ar. Chegou junto de Valdo e lhe empurrou contra parede:

-- Fala aí, Valdinho, cê tá metido nisso aí, né?

-- Sim, tenho que admitir.

-- Eu sabia, Valdinho. Pra ser a primeira entrega, tu pegou em muito dinheiro.

-- O mundo é dos mais espertos, Caticó. O gordo foi burro: colocou aquela grana toda na minha mão. Dois bolos enormes de dinheiro. Escondi um dentro da cueca e passei o outro pro Gorjeia, outro otário. E o idiota ainda me pagou comissão!

-- Caralho, Valdinho, quem não te conhece que te compre!

-- Crime não é pra amador, Caticó!

Caticó saiu de casa e foi dar uma volta. Sentia um enorme peso na consciência, mas agora era tarde. Seu aluno ficara melhor que o professor. Um súbito arrependimento lhe arrebatou: o menino perdera o medo. E Caticó sabia que era aí que morava o perigo: sem medo, somos cachorros loucos babando pelo osso da falsa presunção. Caticó sabia muito bem o que o futuro guardava para o menino. Não havia mais nada a fazer. A não

ser descer o morro e tomar uma cerveja no velório do Corcunda.

Parte 2

A vida é um Vinho Caro Servido num Copo
Descartável

A Vida é um Vinho Caro Servido num Copo Descartável

- Por favor, pare de ficar levando meu marido pro mau caminho. Ele já tem 74 anos, duas pontes de safena e é diabético.
- Mau caminho? Eu só levo ele pro bar de seu Elídio e, quando o dinheiro dá, a gente vai lá pra dona Elza. Nas quintas-feiras, as meninas barateiam o serviço.
- Tu é um pilantra, mesmo. Vai acabar matando o Armando. Acabe com isso, tô lhe pedindo. Amanhã ele vai pro médico, vai ter que trocar a medicação que não tá fazendo efeito por causa do diabo desse rum com coca que ele é viciado.
- Tá vendendo?
- O quê?
- O problema é a medicação. Ele bebe rum com coca há 50 anos, dona Vilma.
- Deixa disso, moleque. Se ele morrer, a culpa será sua. Tá ouvindo?
- Tô. Mas deixa eu ir que o seu marido tá me esperando lá no templo sagrado do São Elídio. Hoje tem jogo, inclusive.
- Puta merda, garoto. Tu num tem coração, né?

- Tenho, mas confesso que prefiro o fígado.
- Vê se, pelo menos, não deixa ele se empaturrar de carne de porco. O médico já deu o ultimato!
- E eu te mato!
- Vai pra puta que pariu, moleque!

Eu entendia a preocupação de dona Vilma, mas seu Armando era um grande parceiro de copo no bar de seu Elídio. Era uma espécie de avô pra mim. Um avô que eu nunca tive. E eu também sabia que seu Armando tava nas últimas. Não era pra menos: duas pontes de safena, além da diabetes. Mas o velho era viciado em rum com coca e carne de porco. Todo dia, quando eu saía do trabalho, ele me ligava: "Ô vadio! Vai se chegando lá no Elídio que já já eu tô por lá. Vê se não demora, seu qualira!". Tudo bem, dona Vilma. Eu entendia. Eu só não queria estragar uma amizade cagando regra pro velho. Ao chegar no bar, seu Armando logo se agitou: "Puta merda, hein? Tava dando a bunda, porra? Tô aqui a mais de uma hora. O jogo já vai começar! Ô, Tino, traz o de sempre!". As palavras de dona Vilma me socaram a mente. Resolvi abrir o jogo:

- Seu Armando...
- Manda!
- Que tal, só hoje, o senhor suspender esse "de sempre" aí?
- Tá louco, seu vadio?

- Tava passando na sua rua e a dona Vilma falou que amanhã o senhor vai ao médico.

- O senhor tá no céu, porra! A Vilma já tá enchendo o saco?

- Não é querendo ser chato, mas acho que ela até tem razão, seu Armando.

- Vai à merda e não me torra a paciência, garoto. O jogo já vai começar! Ô, Tino, tá cozinhando esse porco no fogo do inferno? Que demora da porra!

Não teve jeito. Com o velho não tinha acordo. Bebeu oito copos de rum com coca e matou umas três porções de carne de porco ao molho graxento do mestre cuca 'Tino do motor'. O jogo acaba. Vou pra casa sentindo algo que eu nunca sentira antes: um enorme peso na consciência. Não consegui dormir. Às seis da manhã, o meu telefone toca:

- Alô?

- Ribeiro...

- Quem tá falando?

- É o Tino!

- Fala, Tino!

- O seu Armando morreu, cara.

- Puta que pariu!

- Pois é. Tô te ligando mais pra avisar que a Dona Vilma pediu pra você nem pisar lá no velório. Tá escutando?

- Tô...

- A velha disse que se tu for lá, te mata com uma baioneta.

- ...

- Valeu, Riba!

- Valeu, Tino!

Caralho. Seu Armando morreu logo numa quinta-feira. Era o dia de irmos lá em dona Elza. Olhei pela janela e o vento me bateu no rosto, trazendo um cheiro de morte desconsolada. Perdi um grande amigo e nem pro velório iria poder comparecer. Troquei de roupa e descii. Criei coragem e entrei na rua de seu Armando. Muita gente do lado de fora da casa. Carlão, filho de seu Armando, me viu de longe a acenou. Veio ao meu encontro:

- Opa, Ribeiro!

- Sinto muito...

- Acontece. O velho tava doente, não é culpa sua. A minha mãe tá de cabeça quente...cê entende, né?

- Entendo. De qualquer forma, quero me desculpar se fui omisso. Eu gostava muito do seu pai.

- Ele também gostava muito de você, Ribeiro.

- Pois é...

- Ribeiro...quer saber de uma coisa?

- O quê?

- Meu pai sempre fugiu da minha mãe. As idas ao bar, por exemplo, eram só uma forma dele não ter que encarar a dona Vilma.

- Sim...

- Se isso te conforta...

- Bom, vou indo nessa. Qualquer coisa, pode me chamar!

- Ribeiro...

- ...

- Não é brincadeira. A velha quer mesmo te matar.

- Manda ela entrar na fila!

Fui embora. Que Dona Vilma, as putas velhas da 'Tavares de Melo' e uma cambada de espermatozóides bastardos do seu Armando chorassem na beira do caixão. Agora eu era um etéreo assassino de velhos beberrões. Só me restava assumir o rótulo e virar um serial killer teor alcoólico 48 % ou homenagear o velho Armandão à noite lá no recanto lúbrico da madame Elza Sandoval. Foda-se a baioneta da dona Vilma. Naquela noite, seu Armando seria levado para o nono portal do inferno (ali perto da praça São Clemente) dentro de uma garrafa de rum.

A Culpa é dos Pombos

- Ô Maria, pare de jogá comida pr'esse pombo, porra! Vai empaçuá o bicho, carai!
- Chiquinho, vai ver se eu tô lá no cabaré de Salete, seu corno! Num me encha o saco!
- Ô mulher teimosa da porra! Tá sujando a calçada do meu bar toda!
- Tu nunca varre essa merda mermo, cacete!
- Puta que pariu, Maria. Vou é tomá uma dose aqui pra aguentá!
- Vai, pinguço! Encha o rabo de cana que mais tarde eu vou pro forró e tu vai ficá me ligando de madrugada, corno chato!
- Se tu fô, vai durmí na rua!
- Na rua? E o “pé de lâ” num tem casa não?
- Deixa de putaria, Maria. De madrugada, tu sempre bate na minha porta.
- E a casa também num é minha?
- Porra, Maria! Tudo por causa desses pombo do cacete!
- Por causa de sua bestêra, isso sim!
- Hômi, inda vou matar esses pombo de bala! Tá ouvindo?
- Vai 10, vem 20!
- Carai, Maria! Ainda vou tê um derrame por tua causa!
- Tô muito preocupada, visse?

- Vô é trabalhá pra num me irritá!

Um cliente chega no bar falando alto:

- Qual a cerveja que tu tem aí?

- As que tão no painel aí na parede!

- E os preço?

- Tão lá também. É só lê.

- Má rapái, deixe de brabeza, visse?

- O bar é meu, eu falo como quizé.

- Apois me dê uma lata de pitú e um prato de picado.

- E tu sabia o que quiria e ficô de imbromação?

- Porra, meu amigo. Pricisa disso?

- Num sô teu amigo. Se pricisa ou não, é pobrema meu.

- Apois, não quero é máí merda ninhuma.

- Disso eu já sabia dêrde que tu entrô.

- Vá tumá no cu, veí safado!

- Vá chupá uma madêra, viado véi!

Maria entra no bar e interpela seu Chiquinho:

- Qué isso, hein Chiquinho? Issé jeito de tratá cliente agora?

- E eu num sei que esse bicho aí é o teu macho, sua safada?

- Dêxe de fulerage, Chiquinho!

- Fulerage? Fulerage é eu dividí a mulé cum um caba desse!

- Apois fique aí. Num venha atrás de mim, visse?

- Vá! E num volte!

Seu Chiquinho senta numa cadeira, coloca um cd de Fernando Mendes no aparelho de som e aumenta o volume das caixas. Enche um copo de cachaça e toma tudo de uma só vez. O seu olhar fixa em inúmeros grãos de arroz espalhados pela calçada de seu bar. Três pombos pousam. Bicam o farto banquete, jogado por Maria, desesperadamente. Seu Chiquinho resolve agir. Pega a sua carabina, aponta para o pombo mais gordo e acerta-o em cheio. Duas crianças que brincavam na calçada se assustam e saem correndo aos berros. Seu Chiquinho cata o pombo morto e coloca-o em cima da mesa. Volta a encher o copo de cachaça e aumenta, mais ainda, o volume das caixas de som. Naquele dia, ele seria o seu próprio freguês.

Zulmira, a Cobradora

- Você soube?
- Do quê?
- Seu Ivo morreu. Pensei que tu soubesse.
- Que merda.
- Vou dar uma passada aí. Chego já!

Seu Ivo Praxedes era dono do meu lugar preferido nessa merda de cidade: o “Abstemius Bar”. Lá eu bebia fiado e ainda pedia o troco. Acabou a bocada. Seu Ivo era uma cópia fiel daquele ator...o Danny DeVito. Gostava muito daquele velho putanheiro. Lembro da nossa última conversa: “Ó, tô decidindo vender o bar, juntar com umas economias aí, comprar uma escuna e alugá-la só para eventos não-convencionais: swing, surubas, orgias e putarias congêneres”. Que ideia fantástica de seu Ivo. O problema era Zulmira, sua esposa e cozinheira do bar. Era ela a responsável por entupir nossas artérias com a melhor tripa assada da rua Oziel Maratá. “É foda. A Zulmira não quer saber desse negócio de ganhar dinheiro com a putaria alheia. O negócio dela é vender o bar pra criar peixe lá na lagoa de São Piragibe. Porra de peixe, hômi. Isso lá da dinheiro!”, bradou seu Ivo. O velho entendia do negócio: a uns trinta anos atrás, alugava sua casa, em São Piragibe, para os tais eventos

não-convencionais. “Ganhava um dinheirinho bom, rapaz. Na época, quem me deu a ideia foi um amigo meu lá da Bahia, o Clidenor. Só que a Zulmira descobriu tudo e melou o negócio”, lembrou. Tenho boas recordações daquele bar. O interfone toca:

- Desce aí. Tô com uma encomenda pra você.
- Tô indo.

Valdir, o papudo, antigo atendente do “Abstemius Bar” tinha um envelope nas mãos:

- A dona Zulmira mandou lhe entregar.
- Só recebo se for dinheiro.
- Pega, porra.
- Valeu, papudo!

Subo, entro em casa e abro o envelope. Puta merda. Num é que a dona Zulmira, velha filha da puta, fez as contas de tudo o que eu devia e mandou a comanda pelo papudo! Dentro do envelope tinha outro papel. Um bilhete:

“Em virtude dos anos de inadimplência dos clientes, meu marido nunca pôde realizar o seu último desejo: comprar uma escuna para a realização de eventos não-convencionais. Após a sua partida, me sinto na obrigação de realizar este sonho. Para isso, o seu pagamento é muito importante.

Ass: Zulmira Carneiro, esposa do falecido.

Mickey Mouse Ex Machina

1997. Eu trabalhava numa agência de viagens (era o que fazia quem se formava em turismo). Vendia pacotes da Disney, geralmente, para pais que queriam se ver livres de seus filhinhos mongolóides durante as férias escolares. Era mel na chupeta. Certo dia, no final do expediente, fiz a única venda do dia. O nome da cliente era Silvana. 32 anos. Delícia de morena. Não sabia se olhava para o computador ou para o seu decote. Que tesão. Aliás, o tesão aumentou quando ela me disse que era advogada criminalista. Interrompeu nossa conversa para atender a ligação de um de seus clientes, que lhe telefonava diretamente do presídio Teobaldo Siqueira. Imaginei aquela mulher me iludindo do mesmo modo como iludia os seus queridos detentos com aquela voz rouca e sensual. O fato é que fiquei imbuido de fechar a agência naquele dia, além de finalizar a porra da venda. Silvana desligou o seu celular tijolão e voltou-se para mim: “Meu filho, o Marcos Lúcio, tem 11 anos. Só quer saber de revista de mulher pelada. Quero que ele faça algo condizente com a sua idade. Resolvi mandá-lo pra Disney”. Resolveu foder com a vida filho, pra ser mais exato. Foda-se. Eu tava ali pra vender essa merda e a comissão era gorda. Além do que, eu tava era de olho em Silvana. Que

mulher! Será que ela gostava de transar fumando enquanto assistia o ‘patrulha do crime’ no canal 8? Ela se levanta para beber água. Se ela peidasse aquele vestidinho apertadíssimo iria rasgar no ato. Que bunda! Eu ia acabar entrando pelo cano nessa venda se ficasse olhando praquela calcinha enterrada. Ela bebe a sua água, olha para o relógio de parede e reclama:

- Porra, o Zezé tá demorando a vir me buscar.

- Zezé?

- Meu marido, o Zezé Mons Sant (José Gomes da Silva, na verdade).

- O pintor?

- ARTISTA PLÁSTICO! Você conhece?

- Um pouco. A gente estudava na mesma escola quando criança.

É claro que eu conhecia o “zé cheira-pimba”. Só custei a acreditar que aquele mulherão era casada com o maior especialista em troca-troca infanto-juvenil do antigo colégio Santa Gertrudes. Meu pau amoleceu. Foi a maior broxada da minha vida. Alguém bate na porta. Fui abrir torcendo pra que não fosse assalto. Pior. Era o Zezé e o seu filho, o tal Marcos Lúcio. O filho da puta fez de conta que não me conhecia e logo se dirigiu à Silvana:

- Sil...já comprou o pacote da Disney?

- Ainda não. Falta o só o sistema efetivar a compra.
- Pára tudo, flor. Eu e o lucinho resolvemos ir, todos juntos, pra um lugar muito melhor!
- Onde?
- Gramado! Cancela isso aí, agora!

Puta que o pariu. Naquele momento imaginei o Mickey, o Pateta, o Pluto e o Pato Donald fazendo um gang-bang com esse viado. Gramado? Bem que ele poderia se mandar com o punheteiro do lucinho pro Afeganistão e deixar a gostosa da Silvana aqui comigo. Nada mal. Os três vão embora. Durante dez segundos, pensei em abandonar aquela merda de emprego. Que nada. No outro dia, eu continuaria a vender pacotes de viagem para a Disney, satisfazendo a “família-margarina” brasileira. Naquele momento, só me restou maldizer a vida, os deuses, as advogadas criminalistas e o filho da puta que inventou a porta rolante.

O Tempo é o Caldeirão da Esperança

Guêpa, Milton e Claudemir. Amigos inseparáveis. Desde o tempo em que realizavam pequenos roubos nas praias urbanas de Natal. “Turistô, dançô!”, dizia Milton. Hoje, a situação é outra: o veloz Guêpa, antes responsável por correr feito um guepardo com os “achados”, agora trabalhava como flanelinha na rua do Fórum. Milton, o cabeça da trempe, agora vendia NatalCap e Claudemir, mais conhecido como “gordo”, virou vendedor de amendoim nos coletivos da capital. Claudemir foi além: dia desses, descolou uma camiseta da Manassés e saiu pelos coletivos contando o seu testemunho e arrecadando uns trocados. Foi descoberto enquanto acendia uma pedra de crack perto da Igreja do Galo. O trio que aterrorizava as praias natalenses na década de 80, agora confundia-se com o decadentismo urbano das ruelas da cidade alta. Guêpa insurge: “Carai, doido. Que vidinha de fí de rapariga essa nossa. Temo que fazê alguma coisa”. Claudemir tem uma ideia: “Hômi, bora montá um morre-em-pé. É garantido”. “Ô gordo buceta. Só pensa bosta. Nói râmo arrumá o dinheiro aonde, bicho da cabeça de pica!”, respondeu Milton. Começou a discussão. Guêpa era o mais ávido. Logo se posicionou: “O negoço é o seguinte: bora voltá pu crime. Tô cansado de só tomá na tampa

nessa porra, tá ligado?”. Gordo é pessimista: “E o tempo que tu passasse no caldeirão (do diabo)? Serviu não? Dêssê besta, rapái. Quero mái isso não. E ur meur doir minino?”. Gordo não queria mais a vida do crime. Tinha, agora, dois filhos. Tava pensando em aceitar Jesus e entrar pra Igreja Pentecostal dos Últimos Dias, como a sua esposa, Janquelle, tanto pedia. “Rô entrá pá igreja viu, neguim? Meu primo rai me ajudá a montá o morre-em-pé, e rô vendê cremosin durante o dia, seus naiga!”. Guêpa e Milton ficaram surpresos. Sem Gordo, o trio perdia um grande parceiro. “Apoi tá, seu gordo buçanha. Rá vendê essas gala desses cremosin, seu chupão”, respondeu Milton. Era o fim da parceria. O que os unia era a malandragem, hoje perdida nos confins do tempo que não perdoa quem olha pra trás.

Gordo cumpriu o que disse. Se virou bem. Comprou até um Passat 74 no “desmanche do gogó” e colocou um adesivo no vidro traseiro: “Foi Deus quem me deu”. Guêpa continua guardando carros na rua do Fórum. Agora manda no pedaço. Já tabela os preços e cobra por hora. Milton foi promovido: agora vende NatalCap debaixo de uma barraca na praia da redinha. O tempo pode ter matado uma grande amizade, mas não matou as possibilidades.

O Bom Ladrão faz a Ocasião E as Honras da Casa

- Me vê uma carteira de Hilton.
- Não tem.
- Então me vê uma de Free.
- Não tem, senhor!
- E qual o cigarro que tem aí?
- Não tem cigarro!
- Aqui não é a cigarreira do seu Catunda?
- Era.
- Como assim?
- Sou sobrinho do Catunda. O velho adoeceu. A minha tia, Ozilda, pediu pra eu tomar conta do negócio. Ele tá lá no hospital São Bartolomeu, caso queira visita-lo.
- E o cigarro?
- Vendi tudo pro seu Rosimiro da cigarreira da esquina.
- Puta que pariu, hein?
- Sou evangélico, senhor. Aqui não entra cigarro e, muito menos, cachaça.
- Então tire o nome de “cigarreira”!
- Tirarei. Irá se chamar “banca boa fé”.
- Vai ter culto também?

- Vai. Inclusive, hoje é quarta. Trouxe essa caixa de som e um microfone pra pregar a palavra do senhor hoje às 17h.
- Caralho, coitado do seu Catunda. Espero que ele se recupere logo.
- Difícil.
- Olhe aqui, moleque. Deixa de conversa fiada que eu tô vendo uma caixa de cigarro ali no canto, perto do freezer.
- Já vendi pro seu Rosimiro.
- Dá essa porra desse cigarro logo! Passa duas carteiras de Hilton!
- Tá bom, tá bom. Pela última vez, vou vender.
- Que última vez que nada! Você tá escondendo o cigarro pra retabelar o preço na malandragem. Se eu contar isso pro seu Rosimiro, você tá fudido!
- Faz isso não, senhor. Eu guardei os cigarros porque tô reorganizando a banca. Tava muito bagunçada. Sabe como é, né?
- Sei...dá um pé-de-moça também!
- É cortesia...por favor, não comenta com o Rosimiro, ok?
- Pode deixar!

No cruzamento da rua João Maciel com a Maximo Cavalcanti, cheguei na cigaretteira do seu Rosimiro Amâncio. Como quem não quer nada, pedi uma dose de cachaça e um pacotinho de

amendoim com casca.

- Seu Rosimiro, cadê o velho Catunda?
 - Viajou pra visitar o filho lá nas Minas Gerais.
 - Pensei que ele estivesse doente.
 - Doente? Só se for de ruindade!
 - Quem é aquele cara que tá tomado conta da cigarreira dele?
 - Rapaz, é um vizinho dele. Pilantra todo. Num sei por que o Catunda se confia nesse cabra.
 - Seu Rosimiro, como sou teu amigo, vou dizer: o cara tá retabelando o preço do cigarro pra vender em grosso pro Emídio lá na feira da manjuba. Fica de olho!
 - Omi, num diga isso! Peraí que vou pegar essa fela da puta!
- Seu Rosimiro, policial militar aposentado, pegou o seu 38, botou na cintura e se encaminhou pra cigarreira do seu Catunda.
- Ô meu filho, venha aqui!
 - Opa, seu Rosimiro, eu ia lá falar com o senhor neste instante!
 - Pra quê?
 - Vou precisar fechar a cigarreira de 13h. Vou resolver um negócio ali. Dá pro senhor colocar o Vandinho pra ficar aqui enquanto eu não volto?
 - Eu sei o que você vai resolver. Pode ir tirando essas caixas de cigarro tudinha de dentro desse saco, seu puto! Já avisei pra

dona Ozilda. Pode ir pegando o beco!

- Que é isso, seu Rosimiro? Eu sou da igreja, num mexo com coisa errada!

- Deixe de putaria e vá saindo daí, pilantra safado!

Com meu espírito colaborativo, me ofereci para tomar conta da cigarreira enquanto dona Ozilda não chegava. Fiquei folheando uma revista brazil (Regina Rizzi na capa) enquanto bebericava uma dose de cachaça caranguejo. Quando avistei dona Ozilda vindo da esquina, não pensei duas vezes: meti uma caixa de Hilton na mochila. Uma não, duas. Dona Ozilda me agradeceu e ainda me deu a revista de brinde pelo ato heroico do dia. Ainda bem que eu peguei aquelas duas caixas de cigarro. Já pensou se, depois de fazer tudo aquilo, eu fosse agraciado com uma mísera revista de R\$ 4,50?

Não há Último Tango na Sarjeta

- E aí, Tico. Senta aí, bora tomar uma.
- Não posso - já sentando - tô tomando um remédio aí pra parar de beber, rapaz.
- Sei...
- Bem queria - já derramando cerveja no copo - mas é recomendação médica.
- Tô vendo...
- Vixe - dando o primeiro gole - tá vendo como sou esquecido? Agora já era. Bora beber.
- Tu é um filho da puta mermo, hein?
- Mas rapaz, foi involuntário.
- Teu rabo, Tico. Bebe aí e bora colocar o papo em dia.
- Vem cá, antes que eu me esqueça, me arranja cinquentinha?
- Isso você não esquece, né?
- Porra, vadio. É dando que se recebe!
- É dando que se descabaça!
- Vai rolar?
- Pega, morte-lenta!
- Tu sabe que eu não vou te pagar, né?
- Claro que sei.
- Então me arruma mais vintex?

- Vai à merda, Tico. Tá achando que eu sou tuas nêga?
- É justamente pra minhas nêga, meu compadre.
- Compadre é o caralho que eu não batizei teu filho.
- Descola?
- Bebe aí e pára de encher o saco, Tico.
- Aí...
- Oi.
- Tu soube do Célio?
- O quê?
- Tava bebendo fardado na bar do futrica. Apagaram o bicho.
14 tiros.
- Só isso? Aquele canalha merecia o dobro!
- Num diga isso, vadio!
- Digo! E digo mais: tu se ligue.
- Por quê?
- Tu vivia pra lá e pra cá com o cara que eu sei.
- Deixe de hisória...
- Não se faça de doido que doido também apanha, Tico.
- Bora mudar de assunto...

Nesse momento, Rosângela, caso meu, jogava grãos de feijão verde para os pombos. O bar de dona Carminha ia à míngua. Culpa do pessoal 'descolado-prafrentex' que começou a frequentar o bar vizinho, de dona Santana. A tarde ia caindo

junto com os dentes de 'falange', antigo pinguço frequentador da rua Otoniel Dutra. Maldita hora que eu fui chamar o Tico pra sentar na mesa. Esse infeliz me persegue. Queria mais era pedir a conta e cochichar um atraente convite no ouvido de Rosângela, a atendente mais deliciosa de todos os 'pé-sujos' da zona oeste. Resolvo agir:

- Tico...
- Habla!
- Vou pedir a conta.
- Vâmo beber aonde agora?
- Na casa da sua mãe, cacete!
- Lá não tem biritá. Tenho certeza.
- Num fode, Tico. Tenho um negócio pra fazer aí...
- Com a Rosângela, né? Pode ir. Deixa a conta aberta que eu vou continuar por aqui.
- Vai pro caralho, Tico! Vai beber às custas do teu pai!
- Se ele não estivesse morto, eu até que ia...
- Tu não tem jeito. Tô de saída...vê se não fica abrindo conta no meu nome, viado!
- Vá lá. Cuidado pra tua mulher não te pegar, hein?
- Vai me chantagear, seu merda?
- Se você me arrumar os vinte conto, eu até faço um esforço...
- Pega essa porra, seu maldito! É a última, hein, Tico? Tá

escutando né?

- Tô! Vá lá e dê o trato na Rosângela. Pede uma latinha de pitú e uma tripinha assada, amigones? Tu é o cara!

- Caralho, Tico. Onde que eu tô com a cabeça que não lhe dou um tiro?

- Eu lhe respondo: na xoxota da Rosângela! Acertei?

- Eu vou embora antes que eu lhe mate, seu viado. Só uma lata, hein?

- Deixa comigo, irmãozinho. Vá lá e faz o que todo mundo queria fazer no teu lugar!

- Vai pro inferno, Tico!

E ele foi. Meia hora depois, Tico teve um infarto fulminante e morreu ali mesmo na mesa do bar. Puta merda. Eu deveria ter, pelo menos, dado um abraço no cara. Afinal de contas, Tico era meu amigo de infância. Fomos criados juntos na 'ladeira da cigana' , ali na Santa Cacilda. Pensei na trepada com Rosângela. Pensei que talvez Tico, realmente, estivesse tomando algum remédio. É tarde. Queria desejar um 'descanse em paz', mas aquele ali não iria descansar nunca. Que, pelo menos, se encontrasse com o pai e bebesse todas às custas do velho lá no bar do cramunhão. Adeus, Tico!

No outro dia, logo cedo, fui ao velório. A impaciência me corroia. Algo me deixava inquieto: onde, diabo, foi parar os

meus setenta reais?

Parte 3

O Destino é um Blueseiro Desdentado

A Nova Bossa do Infortúnio

Duas e meia da tarde. Acordei muito tarde. Ou muito cedo. Já não sei se sou eu que estou assassinando o tempo com uma arma de espoleta ou se é o tempo que, em ritmo lento, me decapita com uma faca de plástico. Antes de escovar os dentes, pego uma lata de cerveja sobrevivente da noite anterior. A cerveja é uma bosta, aliás, uma “bossa”. Sento o rabo numa velha cadeira de madeira e fico, no alpendre da casa de praia do tio Ivanhoé, olhando as ondas quebrarem nas pedras. Um “indo e vindo infinito” como me lembra o mala do Lulu Santos na 104 FM. Gentileza do meu tio me dar a chave de sua casa de praia. Uma senhora casa na praia de Santa Mirtes. Gosto desse lugar. A mulher dele, a tia Elma, detesta. Ela gosta de praia onde a classe-média se concentre nos veraneios e dê ao lugar um ar de shopping center, com direito a crianças berrando, madames desfilando seus peitos e narizes recém-turbinados e cinqüentões bebendo uísque dezoito anos enquanto comentam sobre o carro do ano e a alta do dólar na última semana. O coitado do tio Ivanhoé, por capricho da mulher, teve que comprar um chalé em ‘Porto das Pavoas’ e deixou a casa, em Santa Mirtes, abandonada. Me deu a chave para que eu pudesse usá-la livremente. No começo, eu costumava usar a casa como

motel esporádico. Depois, comecei a frequentar mais o lugar quando sentia aquela vontade de se matar, mas não tinha inspiração suficiente. Na praia de Santa Mirtes, se respirava o desejo de acabar com todo aquele infortúnio que me inundava dentro daquela quitinete do edifício Caraú. Ontem, por exemplo, comecei pelo estoque infinito de cachaças do invejável bar que tinha no canto da sala. Fritei um pacote de lulas e me veio a vontade de tomar uma cerveja. Recorri ao bar de seu Sadi. O velho só vendia uma única marca: “Bossa Nova”. Me garantiu que era ‘engolível’. Eu acreditei e comprei uma caixa. Filho da puta. O que ele colocou nessas latas? Detergente? Água Sanitária? Cano de espingarda? Resolvi encarar. Matei cinco. Não tive figado para encarar a sexta. Peguei uma carteira de cigarrilhas ‘Vicente Pinzon’, que estava guardada numa gaveta do armário da cozinha, e fui até a beira-mar fumar um pouco. Já passava da meia-noite. Não estava tão bêbado para não notar duas moças aproveitando a baixa-mar e mergulhando naquela água congelante. Esfreguei os olhos e vi o que queria ver: as duas estavam nuas. Eu resolvi encarar aquele mar semi-revolto. Tirei a bermuda e mergulhei. As duas riam e cochichavam algo. Cheguei mais perto. Duas nativas de quinze ou dezesseis anos. Puxei papo:

- Acho que vou procurar mergulhar mais a essa hora.

- O mar tá bom, né? respondeu uma delas, Magnólia.
 - Bom é o que tem nele. Pena que não trouxe a tarrafa.
 - Tu mora na casa de seu Ivan?
 - Tô só passando uns dias. Ele é meu tio. Vocês conhecem?
 - Sim. 'Nóis' somo filha de Sadi.
 - Sadi do bar?
 - Esse mermo.
 - Comprei uma cerveja maravilhosa lá, há pouco tempo.
 - Inda tem?
 - Não. Mas o que não falta é opção.
 - Tem algo quente?
 - Fora eu?
 - ...
 - Tem, claro. A mulher do meu tio deixou uma amarula em cima da geladeira.
 - Gosto!
 - Bora?
 - Sendo assim...bora!
- Magnólia deixou a irmã pra trás e me seguiu. Aquela praia deserta, enfim, me reservava algo que não fosse auto-exílio. Entramos pelados em casa. Esqueci da amarula e parti pro ataque. O mar me curou da embriaguez e Magnólia me curou da noite mal-ajambrada. Trepávamos ali no sofá de veludo da

Tia Elma quando alguém bate na porta. Magnólia dá um pulo, veste rápido a roupa e olha pela brecha da porta. Era a sua irmã, Marja, que empatava a foda.

- Mulé, vâmo embora!

- Tô indo!

- Pai tá puto. Eu disse que tu só tinha ido ali na casa de vó Lurdinha. Mái ele achou estranho tu ter ido lá uma hora dessa. Te ajeita e bora pegar o beco.

Magnólia vai embora sem dizer tchau. E eu fiquei ali esparramado no confortável sofá da tia Elma com o gozo entalado. Puta que pariu! Lembrei da amarula. Abro a garrafa e bebo do gargalo. Já passam das duas da madrugada. Magnólia, uma hora dessas, deve estar levando uma surra de cinta de seu Sadi. Uma pena. Volto a deitar no sofá. Antes de pegar no sono, sinto o cheiro de maresia e penso no que acabou de acontecer. Abro a janela e vejo a lua brilhar naquele mar, assim como brilhava na nudez do corpo molhado daquelas ninfas. Por alguns minutos eu, realmente, esquecera das tragédias que voltariam a me acometer quando o sol se levantasse.

A Crença é a Auto-Ajuda dos Condenados

Ela tava com uma blusa verde de linho. Calça branca, calcinha enterrada. O seu olhar me convidava pra comê-la de ladinho enquanto eu lhe falava sacanagens ao pé do ouvido. Fernanda me cutucou e cortou o meu barato. “Dá pra parar de ficar olhando pra toda puta que aparece?”. Eu tive que disfarçar, mas a morena não parava de me provocar. “Se você não parar de olhar pra essa vagabunda, eu vou embora agora!”. Tudo bem, tudo bem. Chegou a vez de Fernanda ser atendida no ginecologista. Saí pra fumar. Caralho, eu devia ter pegado o telefone daquela morena. Na calçada, me deparei com um vira-latas marrom, bem cuidado. Olhei para o céu vermelho e acendi o segundo cigarro. Resolvi chamar aquele vira-latas de pepe. Tirei uma paçoquinha do bolso esquerdo da camisa, desembrulhei e joguei pra cima. Pepe pegou no ar. Bom garoto! Pensei comigo mesmo: o suicídio é o primeiro recurso que dispomos desde que nos parem. A maioria das pessoas prefere o cinismo. Ou virar publicitário, o que dá no mesmo. Pepe se fartou com a paçoquinha e se deitou. Eu não sou como pepe. Os cães e gatos, certamente, não pensam em suicídio. Eles se auto-boqueteiam. Isso resolveria metade dos problemas da humanidade. O céu estava em chamas. Acendi o terceiro

cigarro. Puta merda, que demora. Tudo isso pra examinar um corrimento? Entrei na clínica pra pegar um pouco de café. A morena, agora sentada, folheava uma revista Caras, que mostrava Luana Piovani se bronzeando de topless enquanto o seu namorado (fingia que) lia um livro de auto-ajuda. Ela levantou a vista e me olhou como quem estivesse me convidando pra uma rapidinha no banheiro unissex. Era agora ou nunca. Criei coragem e me sentei ao seu lado. Ela atende o celular: “Oi, meu bem. Já tá na esquina? Tô aqui te esperando. Vem logo!”. Meu bem? Queimei a garganta com o café fervente enquanto olhava uma ruiva deliciosa que entrava na clínica. “Demorei, chuchu? Desculpa. Tive uma audiência demoradíssima!”. As duas se beijaram discretamente enquanto se entreolhavam num semblante apaixonado. Entendi tudo. “Ai, como tô nervosa...vai dar tudo certo, chuchu!”. Resolvi me meter:

- Algum problema?
- Não, não...fiz uma inseminação artificial. É hoje que vou saber se tô grávida!
- Ah...
- Estamos ansiosíssimas! Somos casadas há onze anos, sonhamos ter um filho!
- Boa sorte!

Voltei pra calçada. Acendi o quarto cigarro. É assim que eu lido com decepções: fodendo o meu pulmão. Pepe estava no mesmo lugar. Agora, continuava sua sessão de terapia-holísitca-canina num auto-cunete invejável. Tem gente que faz acupuntura, meditação, macumba e pilates por não conseguir realizar tais técnicas hedônicas de autoconhecimento corporal. Tirei mais uma paçoquinha do bolso e joguei pro pepe. O filho da puta recusou. Auto-boquete é melhor que paçoquinha. Fernanda me aparece de repente:

- Já tá no fantástico mundo de bobby, de novo?

- Que foda demorada, hein?

- Melhor que a nossa!

Fernanda sabia me acertar cruzados de direita como ninguém. Saímos da clínica e ela me obrigou a ir ao supermercado. Me lembrei da morena sem nome-ladra de espermatozoides. Se o exame desse negativo, poderíamos tentar novamente. Eu, ela e a ruiva jurista. Eu não acredito em esperma congelado, assim como não acredito naquela coroa que vende iogurteira top therm no programa da Marcia Goldschmidt. Eu não quero acreditar nos ginecologistas, no auto-boqueteamento canino, na calcinha fio-dental enterrada no cu, em yôga ou na paixão lésbica. Definitivamente, eu só acredito no cheiro do corrimento da boceta de Fernanda. E nada mais.

O Acaso Sofre de Alzheimer

Eu não entrei no crime por acaso. Aliás, eu detesto o acaso. Entrei nessa pela grana. Só pela grana. Desempregado, devendo aluguel, pensão-alimentícia e com três agiotas no meu encalço. Eu morava no edifício Macatra, um prédio mais velho que a calcinha bege da minha vó. A proprietária do apartamento, dona Darcileide do 307, uma velha de 84 anos que sofria de Alzheimer, todo santo dia tocava a campainha:

- Oi, dona Darcileide.
- Oi, meu filho!
- O que foi?
- Vim só saber se tá tudo em ordem.
- Te pago na próxima semana, fica tranquila!
- Não vim por isso não, meu filho...
- O recado tá dado!
- Fica com Deus!

Já tava cansado daquela merda. Me lembro bem, era uma quinta-feira. Desci pra fumar um cigarro e me deparei com uma figura um tanto estranha: um sujeito gordo, quarentão, usando um sobretudo xadrez e sandálias havaianas com meias marrons. Eu resmungava sozinho quando o cara se aproximou e me interrompeu:

- Desculpa, é que eu tava escutando a tua conversa...
- Que conversa?
- A tua contigo mesmo.
- Deixa pra lá!
- Tá tão fodido assim?
- Problema meu, cara. Deixa pra lá!
- Tá afim de ganhar 5 mil por semana?
- Quem eu tenho que matar?
- Ninguém, pô!
- Então que mamata é essa?
- Bicho, é o seguinte...
- Lá vem...
- Escuta, malandro: tô precisando de alguém pra despachar uma mercadoria aí pra mim...
- Mercadoria? Seja mais claro!
- Cocaína pura vindo de Paramaribo, bicho. Coisa fina!
- Quer me foder?
- Não. Tu só tem que levar, toda sexta-feira, duas maletas com a “carga” pro edifício Cáucaso, aquele ali da rua de baixo. Não dá nem duzentos metros, bicho!
- 5 mil na hora?
- Te garanto!
- Tô dentro. Mas...pera aí, qual o teu nome?

- Pode me chamar de Ortiz.

- Beleza!

- Ó, a gente se encontra aqui, amanhã, ao meio-dia!

- Combinado!

Fiquei nervoso. Cocaína vinda do Suriname? Eu tava precisando da grana. Não tive muito tempo pra pensar. Peguei uma garrafa de rum e tomei um grande gole. O telefone tocou. Era Edna, a mãe do meu filho:

- Ô, canalha!

- ...

- Ô viado!

- ...

- Responde, filho da puta!

- Deixa a minha mãe fora disso!

- Só pra te lembrar que o prazo é segunda-feira. Já falei com a minha advogada. Deposita essa merda, senão tu tá fodido!

- Relaxa, amanhã o dinheiro tá na sua conta.

- Já? Virou matador de aluguel ou michê?

- Não fode, Edna! Amanhã o dinheiro tá na conta.

- É bom mesmo!

- Agora pode desligar o telefone e voltar pro boquete no Valdir.

- Vai pro inferno, seu bosta!

Edna era dondoca de carteirinha. Costumava resolver tudo à

base de trambiques e pompoarismos. Se bem que o pompoarismo não deixa de ser um puta trambique num pau desprevenido. Mas isso não vem ao caso. Eu havia prometido depositar a grana da pensão, mas antes tinha que fazer o tal “serviço”. No outro dia, como combinado, me encontrei com o Ortiz ao meio-dia. O cara tava dentro de um buggy enferrujado folheando uma apostila de matemática.

- E aí, cara? Estudando?

- É, bicho. Vou fazer o concurso do Banco do Brasil!

- Conta outra!

- É verdade, porra! Quero deixar essa vida, bicho!

- Sei...mas, e aí, como vai ser?

- É o seguinte: tá aqui as maletas. Muito cuidado, hein? Essa é da boa!

- Do Suriname?

- Que Suriname?

- Tu não disse que a cocaína é de Paramaribo?

- Não, porra. É só apelido, saca? Essa carga vem lá do Cesário!

- Que Cesário?

- Ali do “morro da mutuca”!

- E pra quem eu tenho que entregar?

- Tu chega lá no edifício Cáucaso e sobe pro apartamento 808.

Tu vai falar com o Burunga. Ele já tá sabendo.

- Ok!
 - Não tem perigo. Vai lá!
 - E o pagamento?
 - Tá com o Burunga, relaxa!
- Peguei as malas, desci a rua Lopes Varela e cheguei no edifício Cáucaso. O porteiro aparava, com uma tesourinha de unha, os pêlos do nariz.
- Opa, vou subir pro 808!
 - Lá pro seu Cláudio?
 - Burunga!
 - É esse mesmo! Sobe lá!
- Estanho...o cara nem interfonou. Foda-se. Entrei no elevador. Caralho, aquela porra parece que ia desabar! Quando parou no oitavo andar, um velho, que devia ter entre 75 e 80 anos, me recebeu com um largo sorriso: “Tava te esperando, meu amigo. Vamo entrar, vamo entrar!”. Caralho, aquele era o dono da “carga”? Puta merda! O apartamento do cara parecia uma sacristia. Santo pra tudo quanto é lado. Coloquei as malas em cima da mesa. Com cuidado, o velho se aproximou e as abriu. Deu uma checada no material. Abriu um saquinho de cocaína, meteu o nariz e falou: “Eita, essa é lá do Cesário! É a melhor que tem, viu?”. Porra, o velho tinha mais experiência com o pó do que a Gretchen com divórcio. “Pera aí, meu filho, que eu

vou pegar teu pagamento!”. Havia chegado a parte boa. O velho veio com um pacote bege, daqueles de pão, colocou um bolo de dinheiro e me entregou. “Tá aí, 5 mil! Se quiser conferir, confere”. Não precisei. Burunga me pediu para sentar enquanto preparava um café. Apesar da curiosidade, decidi não fazer perguntas. Dispensei o café e resolvi me mandar.

- Seu Burunga, vou indo nessa. Ainda tenho que passar no banco!
- Fica, garoto. Precisamos esclarecer algumas coisas!
- É...tá bem!
- É o seguinte: quem manda na Gomorra?
- Você?
- Não, porra! É o Nicolau!
- Que Nicolau?
- O meu irmão. Daqui, essa “mercadoria” vai lá pra “vila da jaqueira”. O Ortiz não te explicou?
- Não.
- Pois é. O teu serviço tá feito.
- E o Nicolau?
- Esse tu nunca vai ver a cor. E é melhor tu ficar com o bico fechado.
- Por mim, tudo certo!
- Agora pode seguir teu rumo. Até a próxima sexta!

- Até!

Já na calçada, senti um alívio. Foda-se o Burunga e o Nicolau, o dinheiro tava na mão. Chegando no Macatra, Ortiz me esperava, com um gato cinza nos braços, encostado no buggy enferrujado.

- Já?

- Já!

- Moleza, né?

- Ortiz...

- Fala!

- Quem é o Nicolau?

- Nunca vi o rosto do sujeito. Parece que é irmão do Burunga.

- Estranho...

- É melhor tu esquecer isso. Aproveita a grana, é o que eu faço!

- Ortiz...

- Porra, tu é chato, hein? Fala!

- Deixa pra lá...

- Não esquece: próxima sexta, aqui na mesma hora, no mesmo lugar!

- Falou!

Tudo certo. Tudo feito. Grana fácil na mão. Tudo o que eu queria naquele momento era descansar. Não queria brincar com a sorte. Subi sete andares de escada, entrei no apartamento,

tirei a roupa e me deitei no velho sofá manchado de esperma,
baba e vinho barato. Quando peguei no sono, a campainha
tocou. Olhei no olho mágico: era a dona Darcileide. À
contragosto, abri a porta:

- Oi, meu filho. Vim só saber se tá tudo em ordem!

De Pernas pro ar

(Por Que a Cama Não é King-Size)

- Cara, não dá pra você continuar comendo a filha do Dr. Sizenando.
- Claro que não dá, aquela loira tem 1,85m. Preciso de uma cama king size.
- Porra, tô falando sério. O cara tá colocando até detetive atrás da garota.
- Como tu sabe?
- Toda noite, da janela do meu apartamento, vejo um Santana preto estacionado ali ao lado do bar do seu Filemon.
- E...
- Um gordo careca, de cavanhaque, desce e fica bebericando uma soda limonada. Tem cara de PM.
- Desencana, Evilásio. Deve ser irmão do Filemon.
- O Filemon não tem irmão, porra. Tô te falando. O cara é juiz. Bota quem quiser no teu encalço!
- Juiz? De futebol?
- Caralho, Baldo. Não dá pra conversar contigo.
- Tá ok. Vou te dar uma colher de chá. Fala aí...
- Falar o quê? A filha do cara tem 17 anos, porra!

- Mas tem cara de 27.
 - Deixa de ser cínico, Baldo. O cara vai te colocar numa esparrela. Despacha essa garota!
 - Não dá...
 - Por que?
 - Tô muito emotivo, sabe...
 - Caralho, Baldo. Deixa de conversar merda!
 - É sério. Dá última vez que a gente tava transando ela chorou na hora do gozo. Puta que pariu, cara. Fiquei tão emocionado que chorei junto.
 - Vai à merda, Baldo! Tu vai acabar preso! Despacha a garota hoje!
 - Ela tá vindo pra cá.
 - Vindo? Cara, tu não tá entendendo: despacha! Bota a cabeça na janela, vê se eu tô mentindo!
- Realmente. Havia um Santana preto 93 estacionado próximo do bar do seu Filemon. Como disse o puto do Evilásio, também havia um gordo careca, de cavanhaque, óculos escuro e jaqueta preta. A cara do sargento pincel. Resolvi descer e ver aquilo de perto. Cheguei no bar de seu Filemon e puxei papo com o velho:
- Seu Fila, manda aí uma passarinha frita e uma quartinha de cana.

- Tu podia ter dito o de sempre, né?
- Fala baixo, seu fila.
- Ôxe, por que?
- Por nada, por nada.
- Tu tá é endoidando de vez!
- Seu fila, mudando de assunto...
- Diga...
- Quem é aquele careca ali?
- Num sei...tá todo dia, de noite, por aqui. Só pede uma soda e fica mexendo no celular. Num fala com ninguém. Tô é achando estranho, visse?
- Valeu, seu fila. Até a próxima!
- E a passarinha, danado?
- Bota na gaiola!
- Ah, corno safado!

Passo pelo clone do sargento pincel e lhe dou um esbarrão proposital:

- Porra,cara. Derrubou minha soda toda!
- Perdão. Seu fila, traz uma soda aqui pro...como é teu nome?
- Ferro.
- Pro seu Ferro!
- Valeu!
- Pro seu Ferro...ficou esquisito. Deixa pra lá, bora tomar um

cana?

- Não posso.

- Por que?

- Sou diabético.

- Não pode é cerveja. Cana pode. Deixa de frescura!

- Tá bom, tá bom!

- Seu fila, suspende a soda. Traz aquela cana e a passarinha!

- O bar do seu Filemon é uma maravilha.

- Nunca te vi por aqui...

- Pois é – dando um gole na cachaça- tô começando a gostar daqui.

- O Santana é seu? Porra, faz tempo que não vejo um Santana desses. É 93?

- É meu, sim – dando mais um gole- É 93. Meu carro de estimação.

- Tu gosta de uma cachacinha, né? Seu fila, traz um latão!

- Devagar, garoto...

O careca embebedou-se. Começou a falar sem parar. Eu entrei no embalo:

- Tu mora por essas bandas, Ferro?

- Não, não. Tô de serviço, sabe?

- Serviço?

- É. Tô investigando um negócio cabeludo aí.

- Cabeludo?

- É. É a filha do Dr. Sizenando. Uma loira, alta, gostosa pra cacete. Tá dando prum cara que mora nesse prédio aí em frente. O Dr. Size, que é muito meu amigo, contratou meu serviço. Quer lascar o cara, sabe?

- Sei...

- Só porque o cara é um fodido. Ele não sabe nem quem é! Se fosse um bacana, até ele tava dando a bundinha junto, aquele fresco!

- O Dr. Size é viado?

- Aquilo dá um rabo amuado!

- Já imaginava!

- Mas tô aqui pra fazer meu trabalho, né? Quando a galega chegar, vou dar o toque pruma viatura que o Dr. Size deixou nas ‘entocas’, ali na rua de trás. A menina tem 17, vai dar é merda pro galudão!

Paguei a conta e fui averiguar. Realmente, havia uma viatura da polícia na rua de trás. Caralho, eu tinha que pensar rápido. Lidiane, a filha do juiz, me mandou uma mensagem: “tô chegando”. Não pensei duas vezes: peguei um táxi e me mandei pro meu cativeiro predileto: a casa do meu tio, Joãozinho.

- Joãozinho, seu puto. Abre essa porra!

- Num acredito. Qual foi a merda dessa vez?
- Mulher.
- Casada?
- Pior. Menor de idade e filha do Dr. Sizenando, aquele juiz casca-grossa.
- Engraçado, tu é o único cara que eu conheço que se fode por causa de xoxota.
- Abre logo, porra.
- Vem, seu canalha. Amanhã tu se manda!

No outro dia, acordei com um telefonema. Era o Evilásio. Passou a noite em cana. Acontece que Lidiane, chegando lá no prédio, foi informada pelo porteiro que eu tinha saído. Não conformada, interfonou pro Evilásio e pediu pra ele descer. Na calçada, os dois conversavam quando a viatura da polícia chegou e deu o flagrante no coitado. Evilásio queria que eu desfizesse o mal-entendido e assumisse a parada. “Viu só? Viu só? Sobrou pra mim, porra! Desfaz isso, senão eu te mato, seu filho da puta!”. Respirei fundo e voltei pra casa. Abri uma lata de cerveja, sentei no sofá e acendi um ‘plaza’. Peguei o telefone e mandei uma mensagem pra Lidiane: “vem agora que a barra tá limpa”.

O Destino é Um Blueseiro Desdentado

Eu era Julio Marangoni. Não, não era. Julio Marangoni nunca existiu. Era só a bosta de um pseudônimo criado pelo Celsito Sá, dono do jornal “Público”, para que eu assinasse as crônicas semanais que me garantiam o uísque vagabundo, o pó e as putas que faziam ponto no bar de dona Izete. Como eu detestava escrever aquelas crônicas. Era necessário agradar Celsito, assim como era necessário agradar a minha mulher todo santo dia depois de chegar em casa às duas da madrugada. Rita meu deu nove ultimatos. No décimo, me deu um pé na bunda. Tive que alugar um cubículo na rua Salomão Siqueira, a famosa ‘rua da paúra’. Nessa mesma época, Celsito me deu uma nova atribuição: resenhista político. Segundo ele, eu teria de trabalhar em cima de ‘furos’. Foi então que me veio a ideia de publicar uma resenha a respeito do chifre que o deputado federal Nilson Mafra tomou de sua esposa. O fato não era grande coisa, se a sra. Mafra não tivesse passado o chifre no marido com Nestor Mafra, irmão, e assessor, do deputado. Belo incesto parlamentar! Foi a minha chance. Meti um puta texto ao lado da sessão de colunismo social do Joãozinho Borba. Falei até do vídeo vazado na internet e da depilação íntima em formato de coração da deliciosa Sandrinha Mafra. Na minha

mesa, o telefone toca: “O Sr. Celso Sá lhe aguarda em sua sala”. Subi com o pé nas costas:

- Opa, Celsito!
- Entra, Beto!
- Mandou me chamar?
- Claro, porra!
- E então?
- É o seguinte... (pausa para uma cafungada no pó).
- Desenrola, seu puto!
- A resenha foi um sucesso, bicho!
- Sério?
- Sério. Na próxima edição, a tua resenha vai ocupar uma página inteira, bicho! Aliás, vai dividir a página com quatro novos patrocínios que ganhamos graças ao seu talento literário.
- E...
- E o quê?
- Porra, Celsito! Quero saber é do aumento, cacete! Daqui a pouco tu vai me colocar no lugar do viado do Joãozinho na coluna social e o meu salário fica a mesma bosta!
- Calma...
- Que calma?
- A Sandrinha Mafra ligou há pouco...
- E daí?

- Quer te conhecer, seu puto! Pediu seu número. Disse que quer te encontrar lá no Carmoni's hoje à noite.
- Puta merda. Isso é emboscada, ô filho da puta! Quer me ver morto amanhã na primeira página?
- Deixa de besteira, Beto. Vai por mim. O esquema é certo!
- Vê lá, hein? Não vai me meter em roubada!
- Sossegá!
- Só vou sossegar com o aumento.
- Faça o que tem que fazer e terá!
- Mas...
- Falô, Beto!

Às nove da noite, vou ao Carmoni's. Restaurante italiano frequentada por políticos, empresários e putas de luxo. Sento numa mesa e o garçom logo me traz um vinho branco: "A sra. Sandra pediu que lhe servíssemos da melhor forma possível". Na entrada, vejo alguém chegar. Era Sandrinha. Que mulherão! Engraçado, ela me lembra muito aquela atriz... como é mesmo o nome? Lembrei: Isadora Ribeiro! Dois seguranças a acompanhavam. Ela se senta e nos cumprimentamos:

- Julio Marangoni? Que prazer!
- Pode me... (não, eu não iria dizer meu nome verdadeiro nem fodendo)
- Oi?

- Deixa pra lá. O prazer é todo meu!
- Que bom que você veio! O Celso me disse que você tava um pouco nervoso...
- Não tanto.
- O que achou do lugar?
- Caro. Mas de graça até injeção na testa, né?
- Então... (a sua mão toca a minha)
- ...
- Você sabe que não é sobre o seu texto de ontem que eu quero falar, né?
- Não?
- Não. Apesar de eu ter gostado dos seus dotes literários. A descrição que você fez da minha xoxota foi digna de um prêmio Jabuti!
- Que bom que gostou. Quem viu o vídeo tá cagando pra traição. O seu coração de pentelhos roubou a cena. Sacou?
- Saquei!
- Mas...do que você quer falar?
- Quero que você faça uma continuação do texto.
- Como assim?
- Não banque o tolo. Eu só fui pra cama com o Nestor pra colher informações à respeito do esquema dos medicamentos que o Nilson tá envolvido até o pescoço. Quero foder com

aquele pilantra!

- Porra!

- O vídeo serviu pra gerar repercussão e o seu texto ajudou.

- E...

- O Celsito irá lhe propor a continuação do texto. Você irá denunciar o esquema.

- E o que eu ganho com isso? Um tiro na cabeça?

- Um apartamento no ‘alto da cruviana’. Tá bom pra você?

- É...

- Tá tudo no meu nome. Aquele canalha não tem nada. Mais fácil do que isso, só trepar comigo daqui a pouco, né?

- Caralho. Tu é pior que a Mata Hari!

- Bem pior! E aí? Tá dentro?

- Até o talo!

Saímos do restaurante e fomos direto pra cama do motel mais caro da cidade. Confesso que não consegui me concentrar na trepada com aquela bela mulher. Nada me tirava da cabeça a ideia de amanhecer com a boca cheia de formiga num córrego lá perto do ‘mormaço’. Puta merda. No outro dia, Celsito me passou todas as informações e eu escrevi a resenha. Antes da publicação, me encontrei com Sandrinha.

- Tá aqui a chave do apartamento. Amanhã, o meu secretário te passa a papelada.

- É...palavra você tem.
- Tô me mandando pra Nova Zelândia. Faça bom proveito do apartamento.
- E o Nilson?
- Tá pra ser preso a qualquer momento.
- Legal...
- Fui!

No outro dia, o jornal saiu com o meu texto em destaque. Eu era o anônimo mais importante do mundo naquele momento. O cara que denunciou um esquema de corrupção e ainda ganhou um apartamento no ‘alto da cruviana’! Mas não foi bem assim. O filho da puta do Celsito foi apanhado como um dos cabeças do tal ‘esquema dos medicamentos’ e rodou junto com os irmãos Mafra e uma penca de papagaios de pirata que entraram no esquema como laranjas, livrando a cara de, pelo menos, doze deputados. A verdade é que o Celsito deu mole e acabou abrindo o bico em troca de alguns patrocínios e fornecimento gratuito de pó cabroboense. Mas, e eu? Eu tinha direito a um apartamento, certo? Sandrinha não perdoou ninguém. Nem a mim. A chave que ela me entregou era deu um armário que ficava dentro da sala de Celsito. E antes que o tal ‘secretário’ viesse me entregar alguma papelada, a Interpol tratou de prender a canalha assim que ela colocou os pés no aeroporto de

Auckland. Bela bosta que eu me meti. Mas Julio Marangoni se livrou dessa. Em nome dele, deixei o prédio do jornal com a sensação de quem acaba de perder alguma coisa que nunca teve. Eu não falo do apartamento ou de Rita. Muito menos da bosta de emprego no jornal. Eu falo do penoso abandono que me acometeu nas últimas setenta e duas horas ou nos últimos trinta e seis anos. Antes de chorar qualquer choro sem lágrimas, decidi sentar no meio-fio. Os ônibus passavam e ‘tiravam fino’ das minhas pernas. Mais uma vez, eu recusaria a estaca zero e toda essa longa infelicidade que teimam em chamar de destino.

O Vazio é o Melhor Amigo do Homem

- Ô, Bob!
- Fala!
- Tá vendo aquela coroa?
- Tu é doente, Gérson!
- Por quê?
- A dona Ruth tem 86 anos e tá se recuperando do terceiro AVC!
- Não é da dona Ruth que eu quero falar, porra!
- Ah, tá! Então fala!
- Esse cachorro que ela ta segurando na coleira... Que raça é essa?
- Bulldogue. Por quê?
- Tá ligado o Silas lá do Armazém São Marcos?
- Sei, o que tem ele?
- Ele me disse que esse cachorro custa uma nota preta. Coisa de dez mil!
- O quê?
- Isso mesmo, porra. Dez mil!
- A velha tá saindo de casa com uma pepita de ouro encoleirada!
- Pois é!

-- Mas...Por que você ta tão interessado no cachorro?

-- Cara, a mulher do Silas é louca por um Bul...Bul o quê mesmo?

-- Bulldogue, porra!

-- Isso.

-- E o que tem a ver o cu com as calças?

-- Eu tô de olho naquela Kombi que o Silas tá vendendo. Se eu arrumar o Bul... esse cachorro aí, faço o jogo com ele. Sacou?

-- Pirou, Gérson?

-- Por quê?

-- Vai roubar o cachorro da dona Ruth?

-- Vem comigo nessa, Bob. Quando eu descolar a Kombi, a gente monta a nossa lotação lá na praia da Cantuária.

-- Ser seu sócio? Prefiro voltar a morar com a minha mãe.

-- Pensa na grana, Bob!

-- Gérson, esquece isso!

Num súbito momento de descuido, o Bulldogue de dona Ruth se solta da coleira, derruba a velha na calçada e sai correndo, em disparada, atrás de um gato em plena avenida Governador Aristides Gusmão. De forma embolada, dona Ruth tenta chamar o seu cachorro enquanto tateia o chão em busca da sua bengala.

-- P-Puppo, v-volta aqui, Puppo!

Gérgson não perde tempo. Pula da mureta em que estava sentando e sai, à galope, atrás do seu sonho material.

-- Ô, Gérgson! Deixa de loucura, porra!

-- Vai à merda e não me empata, Bob!

Numa caçada alucinante, o Buldogue corria atrás do gato e Gérgson disparava atrás do Buldogue. As pessoas que presenciavam a cena se assustavam. Gérgson estava obstinado. O seu rosto se desmanchava em suor, seus olhos esbugalhados fitavam o cachorro como se estivesse vendo um pote de diamantes. Na esquina da rua Ruy Rabelo com a Prof. Sílvio Vaz, o gato subiu numa árvore e o cachorro, arfando, se deitou ao chão. Gérgson parecia não acreditar. Se aproximou do Buldogue e quando se abaixou para apanhá-lo, teve uma surpresa: o cachorro estava morrendo. Num último suspiro, o olhar de Puppo cristalizou-se. O cachorro tivera um infarto fulminante. Gérgson pegou o cachorro nos braços e resolveu levá-lo até dona Ruth.

-- Lamento muito, Dona Ruth. A senhora viu que eu corri o máximo que pude pra tentar pegar o seu cachorro.

-- Agradeço muito, meu filho. O puppo já tava velho. Tinha problema cardíaco.

Sentado na mureta, Bob gargalhava de forma descontrolada. Gérgson se aproximou, subiu na mureta e desconsolado

desabafou:

-- Sabe, Bob...

-- O quê?

-- Essa foi a última vez que eu corri atrás de alguma coisa na minha vida.

Parte 4

A Morte é um Anjo da Guarda Negligenciado

A Morte é um Anjo da Guarda Negligenciado

34 tiros. O corpo, sem identificação, mais parecia uma tábua de pirulito. Assim terminava mais um expediente do legista Demétrio Cardoso. O celular toca.

-- O que é, Edinalva?

-- Tá ocupado?

-- É claro, porra!

-- Quando sair daí, lembra de trazer cebola, carne moída, molho de tomate e macarrão.

-- Tá certo, Edinalva, tá certo!

-- Cardoso...

-- O que é agora, Edinalva?

-- O macarrão é parafuso. Não esquece!

-- Terminou?

-- Não. Fala pra sua esposinha parar de ficar me mandando mensagem anônima. Ela tá pensando o quê?

-- Edinalva, por favor...

-- Oi, Cardoso.

-- Pára de ficar me ligando por besteira. Tô trabalhando, porra!

-- Desculpa. Traz o que eu te pedi, tá?

-- Tchau, Edinalva!

-- Ah...

-- Puta que pariu! O que foi, Edinalva?

-- A mensalidade do colégio do Fabinho vence hoje.

-- Já sei, Edinalva, já sei. Vou desligar, caralho!

-- Beijo!

Cardoso tenta se concentrar novamente no caso. Execução.

Devia ser traficante. Vai pra vala comum. Anota aqui, anota ali.

Marca daqui, marca de lá. A porta se abre:

-- Fala, Cardoso! Tá aí né, seu puto!

-- Puta que o pariu, Furtado. Tô tentando me concentrar nessa porra, filho da puta!

-- Porra, não. Mais respeito: é um ser humano!

-- Era, Furtado, era! Fica quieto, cacete! Tô concluindo o caso.

Daqui a pouco o Pascoal tá aí e eu não terminei essa merda!

-- Já que você tá terminando, bora tomar umas lá no Serafim?

-- Já, já, Furtado. Fica com o bico fechado!

-- Caralho, Cardoso, tinha alguém com muita raiva do indivíduo aí, hein?

-- Pois é. Tô quase fazendo o mesmo com você. Cala a boca, Furtado, cala a boca!

-- Cardoso...

-- O que é, Furtado?

-- Duas mulheres não é mole. Você tá ficando, a cada dia que passa, mais louco!

-- É da sua conta?

-- Vâmo beber, Cardoso. Deixa que o Pascoal finaliza!

-- Pronto, caralho! Acabei! Acabei, porra!

-- Até que enfim. Fala sério, Cardoso: você tava enrolando, né?

-- Enrolando o seu cu, Furtado. Não sou como esses pelegos aí que batem o ponto e vão jogar baralho lá na copa!

-- Quem faz isso? Tem que denunciar!

-- Minha vó, Furtado, minha vó!

-- Bora, Cardoso. Acertei com aquelea loirinha e a amiga dela lá no Serafim. Hoje a gente se dá bem!

-- Que loirinha, Furtado?

-- Uma daquelas que ficam rondando lá rua da Mutuca.

-- Caralho, Furtado, você não jeito, bicho!

-- Bora, porra, bora!

Cardoso esquece, completamente, das obrigações. Acompanha Furtado e se afunda na esbórnia noite adentro. Papo vai, papo vem. Numa mesa ao fundo, Galdino, delegado de polícia, cheira pó com duas garotas de programa. Ninguém se atrevia a cantar de galo naquele bar. Seu Serafim fazia vista grossa. Os fregueses nem tanto. Enquanto as acompanhantes se levantam para ir ao banheiro, Furtado se aproxima de Cardoso e puxa assunto:

-- Tá vendo o Galdino?

- Tô.
- Tá se achando o pica!
- Deixa ele, ô!
- Que é, Cardoso? Tá do lado do cara agora?
- Não, Furtado. Só não quero ficar me metendo na vida do cara!
- Cardoso, o cara é um escroto!
- Puta que pariu!
- Que foi, Cardoso?
- Esqueci de passar no supermercado. E pior: esqueci de pagar o colégio do Fábio.
- Tu ainda paga o colégio do filho da Edinalva?
- Pago, porra, pago!
- A Lizete vai acabar descobrindo tudo. Aí tu tá ferrado! Comunhão total de bens, Cardoso. Ela vai comer sua bunda com areia!
- Acho que ela já descobriu.
- Como?
- A Edinalva disse que anda recebendo umas mensagens anônimas no celular.
- Tá vendo? Ela tá sondando. A Lizete é esperta, Cardoso!
- Vou ter que ir, Furtado!
- O quê? Nada disso. E as mulheres, porra?

-- Toma o dinheiro, Furtado. Aproveita e faz um ménage. Só não esquece de tomar o viagra!

-- Tu é uma viado mesmo, Cardoso. Vai lá, então!

Cardoso entra em seu Escort 92 quando é interpelado. Alguém lhe dá um cutucão nas costas. Cardoso olha pra trás: é Galdino, o delegado, mais bicudo que o pato donald.

-- Aí, Cardoso, já indo embora, malandro?

-- É, Galdino. Já tá na hora!

-- Fica aí, amigão. Vâmo dar uns tiros, ó: farinha da boa!

-- Não, Galdino. Valeu!

-- Tá nervoso, Cardoso?

-- Não, Galdino. Só quero ir embora.

-- Cardoso...

-- Diz!

-- Me dá uma carona, bicho?

-- Tá bom, Galdino, tá bom. Entra aí!

Galdino entra no carro. Algo parece estranho. Galdino sua frio.

Algumas gotas de sangue começam a pingar do seu nariz.

-- Galdino? Você tá legal?

-- Tô! Toca pro Vereda! Vou esticar a noite, malandro!

Galdino começa a convulsionar. Tarde demais: Galdino tem um infarto dentro do carro. Cardoso freia bruscamente, sai do carro e liga pra Furtado:

-- Fala, Cardoso.

-- Furtado, tu não sabe o que aconteceu!

-- O quê? Fala logo, porra! Peraí, continua chupando. Fala, Cardoso!

-- Dei uma carona pro Galdino. O cara teve uma overdose dentro do meu carro e morreu. Tô aqui em frente ao Vereda! Me ajuda, porra!

-- Carona pro Galdino? Devagar, piranha! Meu pau não é de borracha!

-- É sério, Furtado! Me ajuda, porra!

A ligação cai. Cardoso entra no Vereda Bar e tenta achar um rosto familiar. Lá está Pascoal, antigo legista prestes a se aposentar. Cardoso se aproxima. Não sabe o que fazer. O desespero bate à porta. Cardoso resolve falar com Pascoal:

-- Pascoal!

-- Ô, Cardoso! Você aqui? Senta aí, bora tomar um uísque.

No bigode de Pascoal, está pendurada uma casca de camarão.

Cardoso resolve abrir o jogo:

-- Pascoal...

-- Olhe, você hoje deixou aquele serviço pra eu terminar. Logo hoje, porra? Tu sabe que hoje é dia de uísque triplo aqui no Vereda. Não perco nunca!

-- Foi mal, Pascoal! Tô com um problema sério.

-- O quê?

-- Tava lá no Serafim, sabe? Dei uma carona pro Galdino na saída....

-- Pro Galdino? Tá louco?

-- Por quê?

-- Andar com o Galdino é pedir pra morrer. O cara é ameaçado de morte até pela sogra!

-- Pois nem precisam mais ameaçar.

-- Por quê?

-- O cara teve uma overdose dentro do meu carro. Tá lá mais morto do que nunca!

-- Puta que pariu, Cardoso!

-- Me ajuda, Pascoal!

-- Tô na segunda dose ainda. Não faz isso comigo!

-- Me ajuda, Pascoal!

-- Tá bom! Com uma condição...

-- Pode falar!

-- Pega aquela garrafa de J & B e leva pro carro.

-- Tá certo, Pascoal. Mas bora logo, porra!

Pascoal se aproxima do carro com um copo de uísque na mão. Coloca a cabeça na janela e dá de cara com Galdino moribundo.

-- É o seguinte...

-- Fala, Pascoal!

-- Toca pra área nove!

-- O quê? Tá louco, Pascoal?

-- Vâmo deixar ele lá.

-- Como, Pascoal?

-- Não tem ninguém lá a essa hora. Vâmo colocar ele dentro de um daqueles banheiros químicos.

-- Caralho, Pascoal!

-- Como é que você vai explicar que o cara teve uma overdose dentro do teu carro? E aquele monte de pó no porta-luvas? Tá traficando?

-- É...

-- Toca pra lá. Deixa comigo.

Serviço feito. Pascoal lava as mãos e o rosto numa torneira de rua. Cardoso está pálido. Já são 5h15. Os dois entram no carro e seguem na avenida Dom Eraldo Corrêa.

-- Deixa de frescura, Cardoso. Todo dia tu vê coisa pior. Ainda não se acostumou?

-- Não é isso...

-- E o que é, então?

-- Esqueci de pagar o colégio do Fabinho.

-- Só isso?

-- E o macarrão? É penne ou parafuso?

Gatos Putrefatos

Na Rua Orlando Palhares, as crianças jogavam bola. Parecia final de campeonato. Muita gritaria, troca de empurrões e xingamentos. Pareciam não se importar com o cheiro dos gatos mortos dentro de uma caçamba de lixo logo em frente ao terreno baldio onde acontecia a peleja. Por um momento, lembrei da minha infância. Não por causa do futebol. Eu sempre fui um perna de pau. Acho que foi por causa daquele odor. Aquele cheiro de putrefação. Aqueles gatos mortos, apodrecendo no mais profundo esquecimento, residiam em minha memória. Gol! Um negrinho raquítico comemora fazendo ‘aviãozinho’. De tanta empolgação, corre por todos os lados. Por descuido, acaba pisando em alguns cacos de vidro que estavam na margem direita do campinho de terra. Um grito de dor. O sangue se derrama e acaba se misturando à areia batida. Os pedregulhos manchados de vermelho pareciam denunciar a maldição de pisar em terra alheia. Não duvido que o seu Sinésio tenha espalhado esses cacos de vidro propositalmente. O jogo parou. O garoto machucado se senta, berra de dor e pede ajuda. Os outros só observam de longe. Alguns até querem continuar a partida. O corte no pé parecia grande. O sangue escorria como água de torneira. O cheiro dos

gatos se acentuava. Senti a curiosidade de olhar para dentro da caçamba. Havia um impasse: eu precisava socorrer o garoto. Eu estava de passagem, por que eu fui parar ali? Os gritos de dor aumentavam. Assim como aquele cheiro. Toda a podridão das minhas lembranças me invadia como aquele caco de vidro pontiagudo me cortando a jugular. “Ô, moço, ajuda aqui, moço! ”. Eu sempre fui um covarde. Sempre fugi o quanto pude. Já deixei muito amigo na mão em situações calamitosas. Aquele apelo infantil me socou a boca do estômago. Lembrei das minhas fugas, das trairagens e de negar a cristo trezentas e cinqüenta e sete vezes. “Vem cá, moço, vem! Vem logo!”. Me veio a imagem do Leopoldo perdendo um dedo na máquina de cortar papel. Eu corri. Corri o quanto pude. Era a lei do retorno. Agora eu estava ali, frente a frente com o passado. Eu não estava preparado para um acerto de contas. Era culpa daqueles gatos. Daqueles malditos gatos inchados, exalando o cheiro da minha própria miséria. Subi num caixote de pallets e enfiei a cara dentro da caçamba: gatos de todas as cores, de todos os tamanhos e pelagens. Respirei fundo. Deixei aquela atmosfera funesta entrar pelas minhas narinas e espetar o meu pulmão numa injeção de sentidos desencontrados. “Tio, ajuda aqui, tio! Ele tá perdendo muito sangue!”. Lembrei do dedo de Leopoldo. A agonia estava ali instalada. Desci do caixote e

caminhei em direção ao garoto. O negrinho já não tinha mais lágrimas para verter. O seu olhar, tomado pelo pavor, se dirigia a mim numa espécie de último clamor no deserto. Tirei um lenço do bolso de trás da calça de linho e o amarrei no pé do garoto numa tentativa de estancar o sangramento. Alguém entrou no terreno baldio. Virei o rosto e notei a presença de seu Sinésio. Em silêncio, ele observava tudo de longe. Coloquei o garoto nos braços e decidi levá-lo ao pronto-socorro. Alguém haveria de pontear aquele pé. As crianças me olhavam com assombro. Não pareciam preocupadas com o amigo de pelada. Estavam preocupadas é com o reinicio do jogo. Escutei duas cochichando: “Não, dá, caralho! O hômi tá aí!”. Seu Sinésio se aproximou. Passos firmes em minha direção me fizeram remeter a um passado fugidio que agora se desvelava. Seu Sinésio tirou o chapéu, penteou com a mão os minguados cabelos brancos de sua cabeça e olhou em minha direção com olhos inexpressivos. Sob o vasto bigode, seus lábios se mexiam como estivessem se preparando para dizer algo. Ele olhou para cima, notando a presença de urubus rodeando o seu tão antigo terreno, único bem que o seu pai lhe deixara. As crianças, acuadas, esperavam por um pesado esporro quando, de repente, o velho resolve se agachar sobre o chão de terra. Como Judas, cintilava arrependimento em seu rosto suado. Nenhuma palavra

é trocada. Nenhum perdão é pedido ou oferecido. O cheiro dos gatos putrefatos estava entranhado em nossas intenções.

Macumba Boa é a Alheia

Definitivamente, eu precisava de algo novo. A minha crença limitava-se a inércia da vida e os seus espúrios desdobramentos. Até que eu conheci Valquíria, uma professora de inglês meia-boca que enganava (a base de verbo “to be”) seus alunos num desses cursinhos pra ocupar pré-adolescente punheteiro. Enganar: isso ela sabia fazer muito bem. Não sabia nem disfarçar nos orgasmos. Valquíria sumiu. Inexplicavelmente. O seu jeitinho de ‘171 diletante’ me atraía. De verdade. Me restou Rosana, a diarista do 512. Nunca entendi o que era aquilo tatuado em sua vulva. Deixa pra lá. Acontece que Rosana me fez uma proposta: “Bora, quarta-feira, lá no terreiro de seu Maneco Paixão. Cê tá precisando. Eu noto de longe”. Achei uma boa ideia. Aliás, abro um parêntese pra Rosana. A trambiqueira mais honesta que eu já conheci. Ela surgiu por acaso. Na verdade, eu namorava com Lucélia, a dona do 512. Uma engenheira elétrica que, nas horas vagas, se dizia “poeta regionalista”. Puta merda. A canalha já tinha até lançado livro. Como ela conseguia enganar alguém com aquela merda? Seus versos giravam em torno de coisas do tipo “caatinga, pontes e varais”. Costumava me encher o saco, no pós-foda, declamando seus poemas. Não aguentei muito tempo.

Aí surgiu a Rosana. Bem melhor. Ex-presidiária. Irmã de “Valtinho come-corda”, traficante do morro da curica e sobrinha de Maneco Paixão, pai de santo mais conhecido do bairro novo paraíso. Chegou a quarta-feira. Sete da noite. Subo moto roubada de Rosana e vamos ao terreiro. A curimba começa. Na entrada, Rosana me manda bater palma pra exu (uma pequena imagem de gesso que ficava na entrada do terreiro). A gira girava. Só conseguia prestar atenção numa ruiva de cabelos cacheados que ficava dando flechadas no ar. “É filha de Oxóssi”, disse Rosana. Quando a fumaça do defumador baixa, olho com mais atenção: a ruiva era Valquíria! O que aquela pilantra tava fazendo ali? Lembrei daquele filme, “O clube da luta”, em que a junkie “perseguia” o personagem principal nos grupos de apoio social. Porra, Valquíria, começa a dar aula de alemão em algum jardim de infância, mas até aqui? A gira termina. Me dirijo a saída e uma mão me toca o ombro. É Valquíria.

- Você aqui? Seja bem-vindo!
- Quem diria, hein? Tá até dando flechada.
- Não debocha. Eu incorporo mesmo.
- Não duvido. Me dá uma carona?
- Claro. Vem falar com o seu Maneco.

Seu Maneco Paixão era um velho de 93 anos que tocava o

terreiro há 60. Ele aperta a minha mão e me chama pruma salinha. Acende um cachimbo e me confidencia:

- Vô te contá um negoço...tu conhece essa moça?
 - Quem? A Rosana? Conheço.
 - Não, meu fí. Essa do cabelo alaranjado.
 - Ah, a Valquíria? Tava conhecendo até a semana passada.
 - Num quero essa mulé aqui. Entonce, trata de dá o recado!
- Desisti da carona. Saí pelo portão dos fundos do terreiro, desci o morro, cheguei à avenida e peguei um táxi. Me senti aliviado. Me sentei no bar de seu Elísio e pedi uma cerveja. No primeiro gole, cheguei a uma conclusão: Valquíria era uma entidade. E se nem o dono do terreiro tinha coragem de expulsar aquele encosto, quem era eu pra dar um simples recado?

Trempe que é Trempe Também Treme

Três amigos - Rivera, Odaci e Reginaldo - conversavam na mesa de um bar qualquer nos arredores do bairro do Umbuzeiro. O que era para ser um encontro para tomar “uma cervejinha” acabou numa grade e meia.

-- É o seguinte...

-- Pára de falar, Rivera. Pára essa boca, porra!

-- A sociedade vive um momento de...

-- Puta que o pariu. Tava bom demais até!

-- Lá vem ele com esse papo de sociólogo de meio-curso!

-- Na verdade, eu cursei dois semestres. O bastante!

-- O bastante pra quê?

-- Pra desistir!

-- O bastante pra encher nosso saco, isso sim!

-- Caralho, minha mulher já ligou 23 vezes.

-- A mulher do Reginaldo deveria se chamar “Agiota”. É marcação cerrada, amigo!

-- Não fode, Odaci!

-- Ainda são 2h17. Vâmo pedir a última!

-- Nada disso, Riva. Há duas horas atrás você disse a mesma coisa!

-- Reginaldo, atende a merda dessa ligação ou vai embora,

porra!

- Vou embora mesmo, hoje é aniversário da patroa!
- Se você chegar lá assim a essa hora, vai estragar o dia da Celeste!
- É verdade viu, Riva!
- Ele já estraga o dia da mulher há, pelo menos, 20 anos!
- Caralho, Odaci! Guarda as suas piadinhas, porra!
- Guardo nada! Eu já me separei quatro vezes. Malandro não se cria!
- Nenhuma mulher te aguentou, Odaci.
- Não é verdade. As minhas ex-mulheres eram muito exigentes, isso sim!
- Esperto é o Rivera que nunca casou!
- Eu bem que quis. Mas todas as minhas namoradas acabaram virando lésbicas!
- Inclusive a irmã do Reginaldo!
- Ah, é verdade. Eu era louco pela Rúbia!
- Ó, vocês num vem falar da minha irmã, hein?
- Já tâmo falando!
- A Rúbia era gostosa pra cacete!
- Pois é, rapaz. Tinha uma bunda que todo mundo queria meter!
- Era conhecida como “bunda biônica”!

-- Minha irmã? Que história é essa, rapaz?

-- É verdade, Reginaldo. Não se faça de doido. Tua irmã, pra casar virgem, só liberava a retaguarda!

-- Olha o respeito, Odaci. Hoje você tá demais!

-- O fato é que ela liberou a xavasca pro Rivera. E, pelo visto, se decepcionou!

-- Pra mim uma ova! Ela liberou primeiro pro Eriberto! Nem vem com essa!

-- Não sei. O que eu sei é que ela hoje tá um bagaço! Quase que eu não a reconhecia semana passada lá no supermercado!

-- Nem eu. Porra, o que são vintes anos, hein?

-- Acabaram?

-- Pô, Reginaldo, num fica assim. São coisas da vida!

-- Vai à merda, Odaci!

-- O fato é que o Rivera é tetra-campeão no quesito de converter namorada!

-- Ah, isso é!

-- É, eu não tenho como não admitir.

-- Caralho! Já são 3h28!

-- Vâmo fechar a conta!

Nesse momento, dois bandidos entram no bar e anunciam um assalto. Os três amigos, que estavam bebendo do lado de fora, correm em disparada e entram no primeiro ônibus “corujão”

que passava pela avenida Gomes Sobreira.

-- Caralho, foi por pouco!

-- Que ideia foi essa, Odaci? Além do calote, deixamos o seu Eufrásio, praticamente, sozinho com os ladrões!

-- Amanhã eu volto lá e acerto a conta com o seu Eufrásio! Tô com várias coisas de valor aqui dentro da mochila, não tava afim de dar mole pra bandido!

-- Cara, a gente deu sorte! Imagina se os caras atiram?

-- Pois é. Eu vou descendo. Hoje é aniversário da Celeste e eu tô cheio de amor pra dar!

-- Do jeito que você tá, a única coisa que tu vai dar à ela é raiva!

-- Vai tomar no cu, Odaci!

-- Ô, Reginaldo!

-- Fala, Riva!

-- Posso dormir na tua casa?

-- Puta merda! O que foi dessa vez, Riva?

-- Deixei cair a chave durante a correria. A minha mãe não vai abrir a porta pra mim nem fodendo!

-- Fodendo é capaz da velha abrir!

-- Caralho, Odaci, vai pro inferno!

-- Beleza, Beleza. Se levanta que a gente desce na próxima parada!

-- E eu vou ficar aqui sozinho? A minha parada ainda tá muito longe!

-- O que aconteceu com a malandragem do bairro do Livramento, Odaci? Virou mocinha?

-- Tomar no cu!

-- Tá certo. Bora todo mundo lá pra casa. Agora é o seguinte: vocês entram pelos fundos. Eu entro primeiro a abro lá pra vocês!

-- Tranquilo!

-- Valeu, Reginaldo! Se tu fosse mulher, eu chupava tua língua agora mesmo!

-- Vai pro caralho, Odaci!

Reginaldo abre a porta de casa. Já são 6h23. Celeste, sua esposa, está lavando roupa no tanque. Reginaldo espia de longe aquelas coxas roliças e aquela bundinha saliente no micro-short de lycra de oncinha. Ele se aproxima e, levemente, encoxa a mulher e lhe sussurra galanteios pesados ao pé-do-ouvido:

-- Porra, Celeste, fico com um tesão danado te vendo assim lavando roupa!

-- Por quê? Quer ajudar? Se quiser, lava as tuas cuecas aí, ó!

-- Caralho, Celeste, pega leve!

-- Pega leve o caralho, seu pinguço! Vai dormir e vê se não me amola!

Reginaldo se esparrama na cama, cai num sono profundo e esquece dos amigos lhe esperando nos fundos da casa. Depois do meio-dia, Celeste acorda o marido:

-- Acorda, vagabundo!

-- O que foi?

-- O Rivera e o Odaci estão aí.

-- Puta merda, esqueci de abrir a porta pros caras!

-- Abrir a porta? Quer dizer que esses putos iam dormir aqui?

-- Era só hoje Celeste!

-- Era, Reginaldo, Era!

-- Vou lá falar com eles.

-- Aproveita e passa o dia longe de mim. Vou pra casa da minha irmã!

-- Porra, Celeste, num faz isso comigo!

-- Fui!

Na sala, Reginaldo dá de cara com Rivera e Odaci:

-- Bonito, Reginaldo. Ficâmo a madruga toda na calçada que nem dois vira-latas!

-- A madruga toda, não. Não exagera!

-- Filho da puta! A gente correndo o risco de ser queimado vivo e você aí de gracinha!

-- Foi mal, foi mal! A Celeste tá soltando fogo pelas ventas!

Não deixou eu colocar vocês pra dentro!

-- Deixa de ser mentiroso. Ela nem sabia que a gente tava lá nos fundos!

-- Odaci, relaxa. Já pedi desculpa!

-- Desculpa, não. Você disse “foi mal”!

-- Desculpa então, vocês dois!

-- Tá calado por quê, Rivera?

-- Tô escutando o rádio!

-- O que tá rolando?

-- Os bandidos meteram bala no seu Eufrásio. O velho reagiu ao assalto!

-- Caralho!

-- Peraí, ele morreu?

-- Não.

-- Puta que pariu!

-- Que foi, Odaci?

-- Fugir do assalto até que foi mole. Difícil vai ser fugir da conta do bar!

Otário é Pato

- Puta que pariu, Rocco!
- O que foi, porra?
- Tinha que vir com essa camisa do patolino?
- Me amarro nessa camisa.
- A gente não vai assaltar um asilo, porra!
- E qual é a de hoje?
- Vâmo assaltar uma casa lotérica, imbecil! Eu te avisei ontem!
- Nem lembrava.
- Muda essa camisa, Rocco.
- Por que?
- Não adianta se mascarar se você tá com a porra duma camisa cheia de patolino estampado, ô filho da puta!
- Pega leve, Domingos!
- Pega leve o caralho! Trata de trocar a porra dessa camisa! O Beltrão já tá chegando pra pegar a gente!
- Não vou trocar porra nenhuma. Essa camisa me dá sorte.
- Sorte? Que sorte, Rocco? Eu não vou me foder por sua causa. Vai, vai! Pega qualquer camisa lá no armário, mas vai logo!
- Não vou.

-- Exagerou no lorax essa noite, Rocco? Vou te dar um minuto pra tu ir lá no armário e mudar de camisa.

-- Soca esse minuto na bunda, Domingos! Bora descendo!

Nesse momento, Rocco se vê com uma Magnum calibre 500 apontada para o seu rosto. Uma amizade de trinta anos é abalada. O suor escorre da sua testa. Domingos não parece brincar.

-- Que...Que porra é essa, Domingos? Abaixa essa porra, aí!

-- Eu disse um minuto, Rocco. Um minuto!

-- Vai à merda, Domingos! Abaixa essa porra!

A porta se abre. É Beltrão. Surpreso, fica paralisado com a mão na maçaneta. Não sabe como contornar a situação. Coça a cabeça, acende um cigarro e resolve se meter.

-- Vocês tão treinando pro assalto?

-- Treinando porra nenhuma. O Domingos enlouqueceu!

-- Enlouqueci mesmo, seu bosta! Tá vendo, Beltrão? Tá vendo por que não se pode confiar nesse puto?

-- Peraí, peraí. O que é que tá havendo nessa merda?

-- Olha a camisa que o cara quer ir assaltar uma casa lotérica recheada de câmera! Já mandei ele trocar essa porra, mas ele tá se recusando!

-- Calma, Domingos.

-- Que calma, Beltrão? Que calma?

-- Abaixa esse revólver!

-- Não abaixo porra nenhuma!

Beltrão resolve sacar o seu 838 e o aponta em direção a Domingos.

-- Que porra é essa Beltrão?

-- Abaixa essa merda, Domingos! Agora!

-- Só quando esse filho da puta do Rocco tirar essa camisa!

A porta se abre mais uma vez. Era a mulher de Rocco. Com um semblante frio, ela coloca as sacolas de supermercado no chão, fecha a porta, coloca a chave sobre o centro de vidro, vira-se transfigurada por um olhar belicoso e, espumando, resolve acabar com aquele imbróglio.

-- Bora parar com essa putaria aqui na minha casa, cambada de viado! Rocco, pela última vez, tira a minha camisa e coloca ela de volta no cabide!

-- Já vou, meu bem, já vou! Pessoal, me espera lá embaixo que eu vou só trocar a camisa. É coisa de um minuto!

Cena de Cinema

Lembro do tempo dos cinemas no centro da cidade. Inclusive aqueles que tinham uma programação pornográfica que atraía bêbados, mendigos, bichas, traficantes, travestis, putas e até bancários. Eu tava no time dos bêbados que, após o fechamento do bar, ficavam perambulando pelas ruelas do centro procurando o que fazer. Naquela época, muitos bares já tinham, inclusive, retirado mesas de sinuca visto que, aqui e acolá, rolava algum esfaqueamento ocasionado por uma discussão mais acalorada. Sem sinuca, sem diversão. Só a cachaça não é capaz de matar toda a tristeza. Então foi naqueles cinemas, mais precisamente no “Cine Garbo”, que eu encontrava um ponto de fuga no fim daquelas noites frias. Lembro de ter assistido umas sete ou oito vezes “O diabo na carne de miss jones”. Filmaço. Certa vez, eu saí do “bar do joca” e tal filme estava em cartaz. Não pensei duas vezes: peguei a fila. Na verdade, naquele dia estava em cartaz a continuação do filme. A sala tava lotada. Peguei o meu cantil cheio de uísque barato e fiquei bebericando e viajando naquelas cenas da Sra. Jones no inferno. Porra, deve ser foda poder trepar à vontade mas não poder gozar. Afinal de contas, o inferno é o inferno! Um cara do meu lado, de cinco em cinco minutos, me cutucava:

-- Aí, não tô entendendo nada desse filme, cara. Que porra é essa?

-- Se você não assistiu a primeira parte fica difícil explicar. Assiste aí, porra!

-- Esse diabo é um sacana, hein?

-- Cala a boca, porra!

-- Foi mal, cara...cê tem cigarro aí?

-- Toma e cala a boca.

-- Passa o isqueiro!

-- Se você me interromper mais uma vez, eu te enfio a porrada!

-- Calma, irmão.

-- Irmão nada que minha mãe não te pariu!

-- A atriz bem que podia ser mais gostosa, hein?

-- Olha aqui, cara, pela última vez: fica de boca fechada!

-- Ok, ok. Vou tirar um cochilo.

Perdi alguns minutos de filme por causa daquele cara. Dei um grande gole no meu cantil e acendi um cigarro. Mais uma vez minha atenção foi desviada por um barulho nas últimas fileiras. Um cara, que aparentava ter uns quarenta anos, discutia com um travesti. Pelo jeito, o cara não queria só economizar o motel. Queria, também, pechinchar no programa. Todos os rostos se viraram para a última fileira. Puta merda! Eu tava, realmente, interessado em ver o filme, mas daquele jeito não

dava:

- Tu vai me pagar o que a gente combinou, seu viado!
- Não pago, boquete de camisinha eu não pago!
- Vai pagar, filho da puta!
- Não pago e pronto!
- Vou te meter a porrada, seu puto!
- Vem então, porra!

O cara era bom de briga. Acertou dois ou três socos na cara do traveco, que caiu no chão feito manga madura. Mas não era o fim. No chão, o travesti abriu a bolsa e retirou de lá o que parecia ser um estilete. Quando o cara virou as costas, o traveco o golpeou várias vezes na região da nuca. Porra, que cena! O filme que se fodesse. Ninguém se meteu naquela briga, que agora parecia findada. O lanterninha, finalmente, apareceu. As estiletadas do travesti renderam um óbito e uma densa poça de sangue sob o chão fétido. Naquele momento, como o leão-da-montanha, só pensei numa coisa: saída pela direita! Entrei na rua Comendador Sílvio Sousa, parei na esquina e conferi a hora no relógio de pulso: 01h34. Cedo demais. Talvez desse tempo de pegar alguma sessão no “Cine Topázio” ou no quem sabe no “Cine Camana”.

Parte 5

O Diabo só Amassa o Pão. Deus é o Padeiro

Sessão de Gala

Na velha televisão dentro da cela, começava a “sessão de gala”. Era um filme com o De Niro e Mickey Rourke (antes de virar uma velha plastificada). Como era mesmo o nome..."Corações Satânicos"! Era o mínimo que o Itamar, meu advogado e meio-irmão, podia ter feito por mim: me colocado numa cela especial. Afinal de contas, eu fiz mestrado em Bordeaux, porra! O duro era dividir aquela merda com dois psicopatas de marca maior. Um deles era o Modesto. Ex-pastor evangélico, preso por sonegação fiscal. Enquanto eu tentava prestar atenção no filme, o filho da puta batia uma punheta pruma revista playboy com a Luciana Vendramini na capa. No canto direito do cubículo, Galeano dormia. De vez em quando acordava com um daqueles pesadelos. “Eu pago, eu juro que eu pago!”, era o que ele mais repetia. Galeano era dono de uma casa de jogos lá no bairro da “Coxia”. Era o rei dos caça-níqueis. Bom, e eu? Eu era um anjo perto desses criminosos. Fui preso por vender um jipe que eu recebi de herança do meu pai. O problema é que eu vendi pro Bugginga. Justo o Bugginga, aquele gordo escroto que tem uma oficina (desmanche) de carros perto da rodoviária. O safado prometeu tirar o carro do meu nome. Antes disso, trocou o motor daquela lata-velha e repassou o

jipe prum tal de Nélio. É aí que eu me fodi: o tal do Nélio usava o jipe pra subir o “morro da mangonga” e entregar uma alta carga de cocaína pro Toquinho, traficante da área. A polícia apreendeu o veículo e bateu em cima do dono do carro que era eu. Era só o que me faltava. Lembro do dia que os canas bateram na minha porta. Eu tava comendo a Miriam. Uma delícia de loira. O interfone tocou catorze vezes, mas a mulher gemia alto demais e ainda narrava a foda: “Come, seu puto! Não tira, porra, mete tudo senão eu te mato!”. Ouvi umas batidas na porta. Não dei bola. Continuei metendo. As batidas viraram porradas. Coloquei meu calção surrado da adidas e fui até a porta. O cana, que mais parecia um vendedor da Mesbla, me apresentou uma mandado de prisão e nem me deixou colocar uma camisa: foi logo me colocando a pulseira de prata.

-- Quero ligar pro meu advogado!

-- Todo pilantra tem advogado. É impressionante!

-- Não sou pilantra. Isso é um engano, porra!

Miriam, peladona, aparece na porta e interrompe meu papo com o policial:

-- O que é que tá havendo aqui, cacete?

-- Fica na sua, ô loira. Não se mete.

-- Vai à merda!

-- Olha o desacato, hein?

Tento acalmar Miriam, mas eu tava pilhado:

-- Coloca uma roupa e se manda daqui, caralho!

-- É assim que tem que ser. Agora chega de conversa fiada e bora pra delegacia, ô comedor!

Entro na viatura e me passa um filme pela cabeça. O Buginga.

Foi tudo culpa daquele gordo filho da puta. Na delegacia eu iria esclarecer tudo. Assim que cheguei pedi pra ligar pro Itamar. O delegado, Dr. Tadeu Noya, colocava uma dose de conhaque numa caneca do Batman e falava com alguém ao telefone. Talvez sua mulher ou sua amante:

-- Ô, Jaciara, já falei e vou repetir: PÁRA DE LIGAR PRO MEU TRABALHO, PORRA!

-- Dr. Tadeu, preciso ligar pro meu adv...

-- Pera aí, Pera aí: como é? Repete o que tu falou, sua vagabunda, repete! Desligou, aquela vaca!

-- Dr. Tadeu...

-- O que é, porra? O que é?

-- Preciso ligar pro meu advogado.

-- Aqui não é a casa da sogra pra tu chegar mandando não, malandro!

-- Foi mal, mas eu preciso ligar pro meu advogado. Tô sendo vítima de um mal entendido.

-- É o que todos dizem.

-- Mas é verdade. Vou esclarecer tudo.

-- Vai, liga aí!

Ligo para o número do Itamar num daqueles telefones de disco.

Meia-hora depois consigo completar a discagem.

-- Alô? Itamar?

-- Um minuto... Abaixa essa porra desse som, seu viado!

-- Itamar?

-- Foi mal, tava falando aqui com meu filho.

-- Sou eu, porra, o Duarte!

-- Duarte? Que Duarte?

-- Por Deus!

-- Pordeus é meu sobrenome. Itamar Pordeus.

-- Caralho, Itamar, sou eu, Duarte, seu irmão!

-- Ah, sim. Que é que você quer, Duarte?

-- Acabei de ser preso, Itamar. Vem aqui no 4º DP!

-- Não dá. Acabei de chegar em casa. Tô de porre.

-- Vem logo, Itamar!

-- Dorme aí. Amanhã bem cedo eu te solto.

-- Vai tomar no cu, Itamar!

-- Calma, Duarte.

-- Calma, nada. Fui preso, porra, fui preso! Qual a parte que você não entendeu?

-- Peraí, tu foi preso mesmo?

-- Caralho, Itamar!

-- Por que não disse antes?

-- Vem logo, seu merda! Me ajuda!

-- Claro, afinal, somos feitos da mesma porra. Tenho que ajudar. Fica frio, chego já!

Sento num banco de estofado carcomido. O policial que me prendeu comia um pão-com-manteiga com uma coca em lata. O delegado se levanta. Tira uma carteira de cigarro do bolso esquerdo da camisa e se aproxima de mim:

-- Toma. É cortesia da casa.

-- Valeu.

-- Teu caso é complicado, hein?

-- Eu sei.

-- Foi vender carro pro Bugginga? Logo pro Bugginga?

-- É. Vacilo.

-- Grande! Aquele gordo já tem oito passagens.

-- E tá solto.

-- Aí não é comigo, meu chapa.

-- Já liguei pro meu advogado. Vou esclarecer tudo.

-- Conheço o Itamar. Frequentávamos o mesmo curso de direito.

-- Sei...

-- Gente fina.

- Verdade.
- Olha, cara, se tu me ajudar, eu te ajudo!
- Como assim?
- Pô, tu sabe como é.
- Não sei não.
- Larga de ser otário, cara: molha minha mão. Sacou?
- Vai na torneira.
- Caralho, bicho: assim tu vai ficar preso.
- Olha aqui: eu não tenho grana pra te dar. O Itamar vai pagar minha fiança e eu vou dar o fora daqui.
- Fiança? Pra sair daqui é preciso mais. Bem mais.
- Eu te denuncio, seu safado!
- Vai, denuncia. Eu te lasco, seu otário. Você já pegou em merda mesmo!
- O filho da puta soltou uma gargalhada na minha cara. Um bafo de conhaque e sardinha exalou daquela boca imunda que mais parecia uma catacumba. O Itamar chegou.
- Dr. Itamar Pordeus, quem é vivo sempre aparece!
- Sempre apodrece, você quis dizer.
- Sempre engracadinho, hein? Teu cliente tá fodido!
- Eu sei.
- É muito malcriado também. Desconhece as regras do jogo. Explica a ele, Itamar!

Itamar me olha com cara de velório.

-- Duarte, você tem grana na conta?

-- Pra fiança? Não.

-- Que fiança, Duarte! Teu caso é grave, porra!

-- Quanto?

O delegado toma a frente:

-- Uns trintinha tá bom!

-- Trinta mil?

-- Não. Trinta reais, imbecil! É claro que é trinta mil!

-- Não tenho.

-- Então vai pra cela.

-- Tenho mestrado. Tenho direito a cela especial.

-- Ok, mestre. A pousada aqui terá o prazer de te hospedar.

Itamar, cabisbaixo, senta do meu lado.

-- Vou tentar te tirar daqui, Duarte. A situação é difícil.

-- Porra, Itamar. Esse delegado é um filho da puta!

-- É o sistema, Duarte! Vou te segurar aqui até ver como vai ficar seu processo.

-- Me tira dessa, Itamar, me tira dessa!

-- Vou tentar, Duarte. Amanhã chego aí com seu diploma. Na cela tem TV e colchonete.

-- Ótimo, Itamar. Que felicidade!

-- Vou atrás do Bugginga. Vou resolver seu caso, prometo!

Itamar foi embora. O policial que me prendeu me levou até a minha cela “especial”. Lembro daquela primeira noite. Na velha televisão, começava mais uma filme na “sessão de gala”. Acho que era do Steven Seagal.

Duplo Twist Carpado na Fossa

Eram tempos difíceis. Eu trabalhava numa limpadora de fossas, a “Fibra”, e ganhava mal pra cacete. O serviço começava às 7h e só terminava às 21h. Não dava tempo pra porra nenhuma. Pelo menos, eu tinha o meu chevette 78 e procurava distração nos jogos de bingo que aconteciam todas as terças e quintas no “Prost Cassino-Bar”. “Prost”, obviamente, era a abreviação de prostíbulo. Um lugar legal para fracassados do meu quilate. Até os traficantes e cafetões denunciavam a derrota em seus olhares e trejeitos. Eu não sei por que eu fui me viciar em bingo. Justo em bingo. Que vício de merda! Toda a grana que eu ganhava era investida ali, naquele antro de almas mortas. Eu tinha um amigo. Um único amigo, que também era meu companheiro de trabalho: o Roberval. O cara era gente boa, mas carecia de malandragem. Deixava que as putas, garçons e até pedintes o enganassem. Sempre com um sorriso no rosto, exalava certo retardamento mental em suas tentativas de conversação mal elaboradas. Mas era o amigo que eu tinha. Certa noite passei em sua casa. Passava da meia-noite. Às vezes, eu sentia pena de mim. Mas eu sentia muito mais pena do Roberval. Deve ser duro passar dos trinta anos e ainda morar com os pais. E o pior: ser esculachado, a cada cinco minutos, por ser um merda.

Buzinei. Roberval saiu de casa, ainda ensacando a camisa na calça branca, enquanto sua mãe lhe proferia palavras carinhosas: “Já vai né, vagabundo! Vê se demora a voltar, seu puto! Eu não vou abrir porta pra cachaceiro. Não vou mesmo!”. Me senti mal. Mas, ao mesmo tempo, senti certa alegria por tirar aquele cara dali. Roberval abriu a porta do chevette, sentou no banco da frente e começou a pentear o cabelo. Ele parecia animado.

-- Cara como é tu aguenta sua mãe?

-- Não tenho pra onde ir, cara.

-- Aluga um quartinho lá na pedreira!

-- Não dá. A grana é curta!

-- Pede um aumento pro Geraldo, porra!

-- Ele já deu no mês passado.

-- Tá metido em roubada, Roberval? Tá devendo no bingo?

-- O bingo já era, cara. Tô devendo pro Salgado.

-- Salgado? O cafetão?

-- É. Ele mesmo.

-- O que é que tá pegando, Roberval?

-- Porra, me apaixonei pela Suelen.

-- Suelen? A puta lá do “prost”?

-- A própria, bicho. Tô muito gamado nela.

-- Tá louco, Roberval? Se apaixonar por uma puta?

- Fazer o quê, cara? Não dá pra mandar no coraç...
- Vai tomar no cu, Roberval! Pára com esse papo de otário!
- Mas é verdade. O Salgado tá me cobrando direto, cara.
- É muito? Dependendo da quantia, eu posso te ajudar.
- Oito mil.
- O quê? Pirou de vez, Roberval? Cara, já passou da hora da tua mãe te internar!
- Não fala isso, cara. Tô desesperado!
- Tá comendo fiado, Roberval?
- Pior...
- Pior como, Roberval?
- Eu sequestrei ela.
- Como é que é?
- Isso mesmo, porra. Eu sequestrei ela.
- E onde ela tá?
- Na sua casa.
- Peraí, peraí, aonde?
- Na sua casa, porra. Esqueceu que eu tenho a cópia da chave?
- Eu te dei a chave pra casos de extrema necessidade, Roberval.
- Mas essa é uma extrema necessidade, porra!
- Sequestrar uma puta do Salgado e levar pro meu muquifo?
Vai à merda, Roberval!

-- Me ajuda, cara!

-- E o Salgado?

-- Disse que estará às 2h lá no “prost”. Disse que eu posso ficar com a Suelen, contanto que eu lhe pague os oito mil.

-- E de onde tu vai tirar esse dinheiro, Roberval?

-- Não sei. É por isso que eu tô precisando da sua ajuda.

-- Eu não tenho essa grana, Roberval!

-- E agora?

-- Você faz a merda e ainda me pergunta “e agora?”? Puta que pariu, Roberval!

-- O Salgado vai me matar!

-- Vai mesmo. Mas não fica triste: eu vou pro teu velório!

-- Não fala isso, porra!

-- E o que é que você quer que eu faça?

-- Eu tenho um plano!

Liguei o carro. Arranquei na avenida Costa Gondim, acendi um cigarro e procurei me acalmar. Roberval, apesar da encrenca que se metera, tinha um sembante tranquilo. Eu queria acreditar que aquilo tudo era mais um dos devaneios do Roberval. Toquei pra minha casa. Ao abrir a porta, lá estava a Suelen no sofá, dormindo só de calcinha. Na televisão ligada, o pastor falava, ao vivo, com um telespectador no “fala que eu te escuto”. Fechei a porta numa batida que estremeceu as quatro

paredes mofadas da minúscula sala-de-estar. Suelen se sentou num susto e esfregou os olhos. Roberval parecia mesmo apaixonado. Estava radiante. Catou uma blusa no chão e jogou no sofá: “Veste aí, amor!”. Amor? Porra, o negócio era sério. O negócio agora era saber qual era o plano do filho-da-puta do Roberval.

-- E aí, Roberval?

-- E aí, o quê?

-- Vai ficar trocando olhares ou vai dizer qual é a porra do plano?

-- Ah, é. O plano.

-- Então?

-- É o seguinte: ainda são 00:40. O Salgado só chega lá no “prost” às 2h.

-- E daí?

-- Temos uma hora e vinte minutos pra arranjar a grana.

-- Peraí, Roberval, esse é o plano?

-- É...

-- Vai tomar no cu, porra!

-- Calma...

-- Calma o caralho! Eu tenho um plano melhor: eu mato vocês dois, esquartejo os dois corpos, queimo tudo e mando lá pra casa da sua mãe!

-- Não fala isso, cara. Assim eu fico triste!

-- Vai pro caralho, Roberval! Você só pode estar de sacanagem! Quer saber de um coisa, pega a Suelen e se manda daqui, porra!

-- Não faz isso, cara. E a nossa amizade?

-- Eu não vou me meter em treta com o Salgado por causa de vacilo seu, Roberval!

No sofá, Suelen veste uma blusa branca. Coloca uma calça verde, calça seus tamancos e se levanta. Eu não tinha reparado, mas ela era linda. Porra, um mulherão! Uma bela morena, bronzeada, olhos puxados, boca carnuda, seios empinados, um belo par de coxas e uma bunda que parecia me chamar pelo apelido. Fiquei hipnotizado. Não vou negar: fiquei de pau duro mesmo! Caralho, o mongol do Roberval se deu mal, mas se deu bem. Ele tava fodido, mas tava bem servido. Fiquei ali, parado, olhando aquele monumento em forma de mulher. Me imaginei fodendo com a Suelen naquele sofá imundo. Ela arrumou os cabelos, passou um pouco de batom naquela bela boca, catou sua bolsa e se dirigiu à mim:

-- O Roberval não tem plano nenhum.

-- Disso eu sei.

-- Quem tem sou eu.

-- Ah, é? Desembucha, Suelen!

-- O prêmio do bingo hoje é alto.

-- Quanto?

-- 15 mil.

-- Porra, belo prêmio. Se nós três jogarmos, a chance aumenta!

-- Não vamos jogar, seu babaca!

-- Babaca é a mãe! Me respeita, porra!

-- Se ficar nervosinho, eu não falo!

-- Tá bom, Suelen, tá bom. Fala!

-- Ninguém manda em mim. Pede por favor.

-- O quê? Roberval, essa filha-da-puta tá sacanagem?

Roberval coça a cabeça e, desconfiado, tenta apaziguar:

-- Faz o que ela pede, amigo. Ela sabe das coisas.

Com uma ira me subindo a cabeça, volto-me à Suelen e atendo o pedido de Roberval:

-- Fala, Suelen, p...

-- O quê?

-- Por favor!

-- Hum, gostei!

-- Haja saco!

-- É o seguinte: não vamos jogar no bingo. Vamos pegar o dinheiro, marcar com o Salgado lá no córrego, perto da capela Santa Matilde, matar ele e dividir a grana entre os três. Amanhã mesmo, vou embora com o Roberval pro Paraguai.

-- Tudo bem, tudo bem. Como é que vamos pegar a grana?

-- Conheço tudo lá no “prost”. O imbecil do Castilho nunca guarda o prêmio do bingo no cofre. Ele sempre guarda a grana do prêmio dentro de uma caixa de sapatos amarela que fica embaixo da sua mesa.

-- Bom, então vâmo lá!

Entramos no carro e nos dirigimos ao “prost”. O clima tava tranquilo. Naquela noite, coincidentemente, não haviam seguranças na frente do estabelecimento e nem em frente à sala do Castilho. Suelen toma a frente:

-- Agora é comigo!

Entra na sala de Castilho, um dos bicheiros mais respeitados de Vila Clara, e pega o velho de surpresa:

-- Suelen, você por aqui? Pensei que tinha se mandando!

-- Não sem me despedir de você, meu gostosão!

-- Nossa, você tá uma delícia, hein? Vem cá, pro seu velho, vem!

-- Vou te fazer o melhor boquete da sua vida!

Suelen, por baixo da mesa, começa a boquetear o velho Castilho que, de olhos fechados, não vê o seu bolo de dinheiro ser tirado de dentro da caixa de sapatos da samello que estava ao lado do seu pé esquerdo. Suelen coloca o dinheiro no sutiã e finaliza.

-- Já, Suelen? Continua, tava quase gozando, pô!

-- Chega, seu safado. Agora eu tenho que ir!

-- Volta logo, Suelen!

-- Um dia, Castilho. Um dia!

Suelen sai da sala, deixa o “prost” pela porta da frente, entra no charmoso chevette azul e comemora:

-- Fácil! Muito fácil!

-- Deixa eu advinhar: boquete no velho, né?

-- Tiro e queda, meu filho!

-- Vâmo marcar logo com o Salgado!

-- Vou ligar pra ele!

-- Peraí, e a arma?

Suelen tira da bolsa uma glock 33, olha para os dois anfíbios que, agora, pareciam rastejar aos seus pés e com um olhar profundo ironiza:

-- Serve pra vocês?

-- Caralho, Suelen, o Roberval que se foda: te amo!

Suelen pega o celular, liga para salgado, seu antigo cafetão, e marca o encontro no tal córrego. Tudo certo. Salgado amarrava o cadarço do sapato quando o chevette se aproximou:

-- Acompanhada, Suelen?

-- Toma, seu puto!

16 disparos. Salgado morreu feito um cachorro. Suelen, num

último ato, deu uma cusparada cheia no rosto do cadáver.

-- Filho-da-puta! Merecia bem mais. Demorei muito pra fazer isso!

-- Boa, Suelen, boa, agora vâmo embora!

-- Vocês tem uma missão!

-- Qual?

-- Jogar o copo no córrego, ora!

-- Pega leve, Suelen. Daqui pro córrego tem uns 50 metros. Vâmo deixar o corpo aí!

-- Nada disso. Quem fez todo o serviço, até agora, foi eu. Vão lá e joguem o corpo no córrego. Vão! Já!

Os dois atendem o pedido da líder. Pegam o cadáver gordo e perfurado e, num esforço miserável, levam o corpo até o córrego. Chegando na beira, jogam o presunto na água ao mesmo tempo em que ouvem um motor arrancando e pneus cantando num estridente falsete:

-- Peraí, que porra é esse?

-- Que porra é essa? Eu te respondo, Roberval: a puta da Suelen nos passou pra trás!

-- Caralho, ela se mandou!

-- Não tô acreditando nisso!

-- Ah, foda-se!

-- Foda-se o quê, Roberval?

-- Olha aqui: tenho duas fichas do bingo. Vâmo pro “prost”. O primeiro prêmio a gente perdeu, mas o segundo não escapa!

O Sol Também Desaba

Finalmente eu saíra da cadeia. Lembro, claramente, que não consegui dormir direito naquela última noite. Felinto, o carcereiro, logo cedo, tratou de me acordar:

-- Levanta aí, cara!

-- Já tá na hora?

-- Já. Inclusive, te deixaram uma encomenda aí.

-- Encomenda?

-- Um terno completo e sapatos brancos.

-- Pra quê isso?

-- Não sei. Te deixaram um número de telefone também.

-- Quem será?

-- E eu vou saber, porra? Aí é com você. Se arruma e se manda!

Vesti um terno azul-celeste e calcei sapatos brancos. Saí da cadeia e dei uma densa cuspida no chão. Coloquei a minha boina, peguei o tal número de telefone e me dirigi ao orelhão da esquina.

-- Alô? Quem fala?

-- Você liga pra cá e ainda pergunta quem fala? Eu é que pergunto: quem fala?

-- Me deram este número, quero saber quem é que tá do outro lado da linha!

- Ora, vá se danar, filho-da-puta!
- Vai você, seu merda!
- Que é que tu quer, hein?
- Olha, acabei de sair da cadeia. Me deram um terno e esse número. Quero saber do que se trata!
- Ah, já sei o que é. Peraí que eu vou chamar o Santiago.
- Santiago?
- Alô?
- Opa!
- Desculpa qualquer coisa, cara. É que o Isauro é meio bruto, sabe?
- Sem problema. Mas o que é que você quer comigo?
- É o seguinte: vem aqui pro “Bar do Cassimiro”. É aqui na rua do colosso, bairro da catenga.
- Tá de brincadeira?
- Por quê?
- Não tenho dinheiro nem pra pegar ônibus, meu amigo!
- Relaxa. Tem um verona prata ao lado do orelhão. Olha pro lado direito!
- Ah, já vi.
- É só bater no vidro. O Djalma vai te trazer pra cá!
- Ok.
- Te espero!

Me aproximei do verona cor prata, acho que o modelo era de 1990. Dei três batidas leves no vidro. O tal Djalma deu o ar da graça:

-- E aí, meu peixe. Tudo certo?

-- Nem tanto. Acho que me enfiei em roubada!

-- Que nada, meu peixe. Fica tranquilo. Entra aí!

Djalma tocou pro tal “Bar do Cassimiro”, um puteiro que ficava num bairro barra-pesada perto do morro-da-gia. Eu estava impecável. Aquele terno era de um ótimo gosto. Belo tecido. Corte fino. Parecia até que estavam me levando para conhecer o chefe da Camorra. Fiquei um pouco apreensivo, mas logo me acalmei. O Santiago era uma figura peculiar: baixinho, gordo e careca, porém, muito bem alinhado. Usava um terno cinza que parecia ter sido feito sob encomenda. Ele devia ter, se muito, 1,50m de altura. Veio ao meu encontro, apertou minha mão e sorriu. Contei quatro dentes de ouro em sua boca. Em seguida, me pediu para sentar.

-- Pensei que não fosse mais sair do xadrez, hein?

-- Pois é. Meu advogado conseguiu reverter o caso. Tudo um engano!

-- Sei do seu caso. Mas você não é tão santo assim, meu caro.

-- Como assim?

-- Sei das suas mutretas. Pensa que eu nasci ontem?

- Tudo bem. Eu confesso que já aprontei, não nego. Mas fui preso por sacanagem!
- Esqueça isso. O pior já passou.
- O caralho! É horrível estar ali, cara!
- Já sei que foi enrabado...
- Claro que não, porra!
- Vou fingir que acredito.
- Olha, fala logo o que você quer!
- Tá com pressa?
- Um pouco.
- Pressa pra quê? Pelo que me consta, você não tem família, trabalho ou moradia. Ou seja: tá num mato sem cachorro.
- E o que te importa?
- Quero te ajudar, meu caro.
- Ajudar? Todo mundo me virou as costas!
- Mas você tem algo que me interessa.
- O quê?
- Não dê uma de besta. Você trabalhou por mais de vinte anos naquele banco e ainda tem muitos amigos lá pelo que me consta.
- Isso é.
- Você tá por dentro do sistema de segurança, logística e o escambau. Sei que você pode me ajudar.

-- Olha, não quero voltar pra cadeia.

-- Não vai voltar. Eu só quero que você intermedie uma conversa entre eu e o Eduardo Díaz.

-- Tá louco?

-- Não. Vocês são amigos que eu sei. O Diaz ainda é o diretor financeiro do banco. Tem muita influência.

-- Peraí, é tanto dinheiro assim?

-- R\$ 220 milhões.

-- Cacete!

-- Dez por cento pra você. Sua única função é intermediar uma conversa entre eu e o Diaz. Topa?

-- Vou tentar.

-- É por isso que você tá bem vestido. Não quero que o Diaz te veja como alguém que acabou de sair da cadeia. Agora vá ao encontro dele. Você sabe como fazer!

-- Mas...

-- Me liga informando o local!

Liguei pro Eduardo pra combinar um local para nos encontrarmos. Ele topou se encontrar comigo no “Versus Bar” perto da praia-da-baluga. O filho-da-puta demorou um pouco para chegar e eu já tinha tomado quatro copos-duplos de uísque. Eis que ele chega:

-- Demorou, hein?

-- Sou um cara ocupado, você sabe!

-- Há quanto tempo hein, Duda?

-- Pra quem tava na cadeia você até que tá bem!

-- Pois é. Entre prum negócio aí, sabe?

-- Mais mutreta?

-- Não, não. Coisa boa!

-- Sei...

-- Duda, meu chefe quer te fazer uma proposta.

-- Proposta?

-- É. Vou ligar pra ele dizendo que a gente tá aqui. Pede um camarão-na-moranga e uma garrafa de seager's!

Fui ao banheiro e liguei pro Santiago para avisá-lo aonde estávamos.

-- Santiago?

-- Não fala meu nome, porra!

-- Foi mal!

-- Não precisa dizer onde vocês estão. Eu tô com o Djalma, te seguimos. Estamos aqui do outro lado da rua. Vamos dar a volta e estacionar em frente ao restaurante.

Olhei em volta e, realmente, o verona-prata estava lá estacionado. Voltei pra mesa e retomei o papo com o Eduardo:

-- Meu chefe tá chegando!

-- Chefe? Quem tem chefe é índio, porra!

Santiago entrou no restaurante e dirigiu-se à nossa mesa. Por um momento, Duda pensou que fosse o garçom e lhe pediu uma garrafa de seager's:

- Tá me achando com cara de garçom, seu puto?
- Foi mal, cara. Eu tava olhando pro cardápio.
- Mais atenção!
- E então, quem é você?
- Meu funcionário não lhe explicou quem sou?
- Ah, sim. O “chefe”. Qual o seu nome?
- Santiago. E o seu?
- Eduardo Diaz, diretor-financeiro do Banco Mundial.
- Não perguntei sua ocupação. Só seu nome.
- Foi mal.
- Foi péssimo.
- Mas, e então? O que querem de mim?
- Não dê uma de desentendido. Eu sei que você o Durval Malga estão planejando, há três meses, o assalto. O que você não sabe é que o Durval é meu subordinado e é comigo que você deve tratar. Compreendeu?
- Sim, compreendi. Não sabia. O Durval é muito discreto...
- É, ele é dos bons. Mas vou tratar disso diretamente com você agora.
- E o Durval?

- Tá morto e enterrado.
- Puta que pariu. Precisava matar o cara?
- Ele quis tratar direto com você. Isso é traição, e isso eu não tolero!
- Bom, tudo bem. Vocês que se entendam.
- Vocês? Você também tá no jogo, cara!
- Sem derramamento de sangue, por favor!
- Ninguém diz o que eu tenho que fazer. Agora, cala a boca e me escuta: o Donato já tá mexendo no sistema. O cara sabe de tudo. Você só tem que fazer uma coisa.
- O quê?
- Descolar o jatinho do Sérgio Guerra.
- Enlouqueceu?
- Por quê?
- O jatinho é pra viagens de negócios, porra!
- Vamos viajar a negócios.
- Pelo amor de Deus!
- Eu sei que vocês só usam aquele jatinho pra ficar levando puta-de-luxo pra cima e pra baixo. Arruma a porra do jatinho pra amanhã, às 14h. Tá entendido?
- Tudo bem, tudo bem.
- Vou ligar pro Donato. Ele disse que no final da tarde já tem finalizado a transferência.

Não tinha como dar errado. Vários deputados federais, senadores, juízes, bicheiros e até fodidos como eu estavam na jogada. Como o sumiço desse dinheiro ia ser explicado já não era problema meu. Saí do restaurante bêbado e sem rumo. Ouvi um assobio: era Djalma.

-- Aonde cê pensa que vai?

-- Não sei.

-- Entra no carro!

Entrei no verona e logo adormeci. Quando acordei, já estávamos dentro do “Bar do Cassimiro”. Uma puta cuidava de mim. Ela segurava um côco na mão e me molhava a testa com um pano molhado.

-- Olha quem acordou! Tá se sentindo melhor?

-- Um pouco. Fui muito afoito no gim.

Uma mão me tocou o ombro. Olhei pra cima, esfreguei os olhos e vi o Djalma. Ele coçou o bigode, deu uma ajeitada no chapéu e sentou ao meu lado.

-- Dormiu demais, hein?

-- Verdade. Fazia um tempão que eu não dormia. Cadeia é foda.

-- O Santiago matou o Duda.

-- Como assim?

-- Matou, porra!

-- Puta que pariu!

-- O Duda tava tramando tudo nas coxias com o Durval. Acha que o Santiago ia deixar barato?

-- Cara, tô fora disso. Já fiz a minha parte que foi levar o Santiago até o Duda. Vou pegar meus dez por cento e vazar!

-- É piada?

-- Por quê?

-- Tu não conhece o Santiago. Mais tarde ele vai passar aqui. Vê se não some!

Levantei da cadeira e fui até o banheiro lavar o rosto. Aquilo tudo tava estranho. O Santiago matou os maiores articuladores do assalto ao Banco Mundial. Certamente, a minha função não era somente intermediar o encontro entre Santiago e Duda. Havia algo a mais e eu não tava querendo me meter em rolo. Voltei para o salão e sentei numa mesa o mais distante possível de Djalma. Não demorou muito e uma mulher puxou uma cadeira e, sem pedir licença, colocou um copo cheio de conhaque sobre a minha mesa.

-- Me paga uma soda!

-- Tô duro!

-- Gosto assim. Detesto broxa!

-- Quis dizer que eu tô sem grana. Tá perdendo seu tempo.

-- E daí?

-- E daí o quê?

- O tempo é meu e gasto como eu quiser!
- Olha, senhora, procura sua turma. Segue teu rumo!
- Eu sei de tudo!
- De tudo o quê?
- De tudo, porra!
- Olha, eu já tô metido em encrenca. Não vem atrasar meu lado!
- Tá pensando que eu sou puta?
- E não é?
- E se eu fosse?
- Olha aqui, me deixa em paz!
- Sou mulher do Santiago. Quem tá no comando agora sou eu!
- E o Santiago?
- Tá morto.
- Peraí, peraí: que porra é essa? Daqui a pouco não vai sobrar ninguém!
- Ele não poderia ter matado o Eduardo Díaz. Era o cara que ia descolar o jatinho, esqueceu? Designei você para falar com o Sérgio Guerra hoje à noite.
- O quê?
- Olha...como é seu nome mesmo?
- Ivone.
- Olha aqui, Ivone...

-- Dona Ivone!

-- Olha aqui, Dona Ivone, tô fora disso tudo. Abro mão dos dez por cento. Me dá cinco por cento e eu me mando!

-- Você não tá entendendo: quem manda nessa porra agora sou eu! Se eu quiser, te entrego pra polícia agora. É isso que você quer?

-- Não, não. Claro que não!

-- Então me obedeça! Você irá se encontrar com o Sérgio às 20h no restaurante Martoni's. Ficarei com o Djalma na esquina. Seja breve e direto. Confio em você!

-- Só tem uma coisa...

-- Fala!

-- Quero trinta por cento!

-- Vinte e cinto!

-- Fechado!

Tomei um banho, vesti novamente o terno e entrei no carro. Ivone era uma típica coroa de cinqüenta anos de idade. Muito bem conservada. Acredito que já deveria ter feito, pelo menos, oito cirurgias plásticas. Ela estava deslumbrante: vestia um apertado vestido vermelho que realçava seu belo busto. Ela me lembrava a Yoná Magalhães. Olhou-me com olhos noturnos, como uma onça-pintada flertando com a caça e, em seguida, amarrou um lenço no pescoço. Djalma deu partida no elegante

verona e seguiu até um dos melhores restaurantes italianos da cidade: o Martoni's. O carro ficou na esquina e eu desci. Ivone me fez um sinal e eu tive que voltar:

-- Faça o que tem de ser feito. Em último caso, eu irei intervir!
-- Pode deixar!

Entrei no restaurante e Sérgio já estava na mesa conforme o horário combinado. Fazia muito tempo que eu não o via. Era um dos manda-chuvas do Banco Mundial.

-- Grande Sérgio Guerra!
-- Você? Não acredito! Que belo terno, hein?
-- Pois é. Tenho mais dez destes.
-- Pelo visto está bem, muito bem!
-- Nem tanto!
-- Conversa fiada!
-- Preciso do jatinho, Guerra!
-- Você e o presidente da república.
-- Um milhão em dinheiro vivo!
-- Vou pensar.
-- Um milhão e meio!
-- Dois!
-- Fechado!
-- Pra quando?
-- Amanhã às 14h.

-- Nossa...

-- E aí?

-- Tudo bem, tudo bem. E a grana? Tem que pagar antes!

-- Tudo bem. Às 10h tá na sua mão.

-- Maravilha!

-- Garçom, uma garrafa de seager's!

-- Soube do Duda?

-- Soube.

-- Estranho, né?

-- Pois é.

-- Mas, me diz uma coisa, pra quê tu quer o jatinho?

-- Não interessa. Você será bem pago, Guerra.

-- Bom, tudo bem.

-- Faz tua parte e não me faça muitas perguntas.

-- Ok.

Fui até a varanda e fiz um sinal para Ivone. Ela saiu do carro e veio em direção ao restaurante. Voltei à mesa. Tudo muito bem encenado. Ivone entra no restaurante e Sérgio parecia um vira-latas babando por um osso:

-- Nossa, que coroa!

-- Respeita, porra! É minha mulher!

-- Desculpa, desculpa!

-- Tudo bem.

Ivone senta na mesa discretamente. Pede um martini com azeitona, apoia seus cotovelos à mesa e olha para Sérgio como se estivesse pronta para devorá-lo. Sérgio suava como um porco. Estava, visivelmente, nervoso. Afinal, não sabia o que estava se passando e, muito menos, no que estava se metendo.

-- E aí, aceitou a proposta do meu marido?

-- Claro! Tá tudo certo!

-- Ótimo. Contrata um piloto desconhecido, ok?

-- Pode deixar.

Saímos do restaurante. Ivone mandou Djalma seguir até sua casa. Eu não estava tão bêbado. Durante todo o caminho, fiquei comendo aquela mulher com os olhos. Ela me dava olhadelas de soslaio e sorria disfarçadamente. Tomei coragem e meti a mão em sua perna esquerda. Ela não esboçou reação. Puxei o seu vestido até aparecer a sua calcinha transparente. Djalma me olhava pelo retrovisor e balançava a cabeça. Chegamos à mansão da viúva. Ela desceu primeiro e me mandou acompanhá-la. Djalma me encarou com firmeza. Fomos para o quarto. Devorei aquela mulher. Fodemos a noite inteira como dois animais. Há pouco tempo atrás eu estava preso e agora comia a viúva de um dos mafiosos mais perigosos da região. Perdi as contas de quantas vezes eu gozei: quando olhei pela janela, amanhecia o dia. Tomamos um banho demorado numa

bela banheira de mármore. Nos arrumamos e Djalma já nos esperava na sala. Era o grande o dia. Uma ligação impediu que saíssemos com mais pressa: era Donato, o responsável por burlar o sistema do banco e transferir a quantia de 220 milhões de reais para oito contas diferentes. Ivone o atendeu enquanto eu e Djalma entramos no carro. Djalma parecia meio aborrecido. Acendeu um cigarro, tirou o chapéu e buscava se conter para não falar. Não se conteve.

-- E aí, a mulher é boa mesmo?

-- Muito.

-- Meu sonho sempre foi comer essa mulher. Trabalho pro falecido Santiago há trinta anos. Sabe o que é isso? Trinta anos batendo punheta pra uma mulher?

-- Deve ser foda.

-- É muito foda, bicho. Mas é a vida: quem tem dinheiro come, quem não tem bate punheta!

-- Calma, Djalma. Eu não tenho grana.

-- Mas terá! E muita!

-- Devagar, Djlama.

-- Eu já tentei, sabe? Porra, cara, ela já me humilhou muito. Já sofri pra cacete por causa dessa mulher!

-- Não fica assim, Djalma...

-- Você não entende, cara. Amor-platônico, saca?

-- Sei...

-- Me declarei pra ela uma vez. Ela cuspiu na minha cara, bicho.

-- Sinto muito.

-- Me mandou encerar o carro que era o melhor que eu sabia fazer.

-- Disfarça, Djalma. Lá vem ela!

Ivone entra no carro e manda Djalma seguir ate o hangar que se encontrava o jatinho dos sócios do banco. Havia algo estranho no ar. Djalma tinha um olhar belicoso. Senti um frio na barriga como na primeira vez que colocaram uma arma na minha cabeça. Ivone parecia tranqüila. Leve. Abriu sua bolsa, pegou um cantil de alumínio e bebeu algo que, pelo cheiro, parecia ser campari. Tomou um grande trago. Eu só conseguia estalar meus dedos e tirar cravos do meu nariz. Eu tava nervoso como nunca! Chegamos ao hangar. O jatinho estava lá. Sérgio nos recebeu.

-- Chegamos na mesma hora, hein?

-- E o piloto?

-- Chega em vinte minutos.

Um belo corvette 1980 estaciona à nossa direita: era Donato com o pagamento de Sérgio Guerra.

-- Sérgio Guerra?

-- Sou eu.

-- Tá aqui seu pagamento.

-- Opa! Valeu!

-- Agora se manda. Rápido!

-- Mas é que...

-- Eu disse rápido!

Ivone chama Donato:

-- Eu quero o relatório com os dados de todas contas.

-- Tá na mão.

-- Ótimo!

-- Tudo correu perfeitamente bem. Porra, o Santiago ficaria orgulhoso!

-- Foda-se o Santiago, Donato, foda-se! Ele foi um imbecil!

-- Ok. Não se fala mais no Santiago.

-- Lá vem o piloto!

O piloto do jatinho se apresenta e entra na aeronave. Tudo parecia bem até então. Eu, Ivone e Donato íamos subir no jatinho quando Djalma assobiou alto. Olhamos para trás: Djalma segurava um Luger P08. Um clima de apreensão tomou conta do ambiente. Ivone tomou a frente:

-- Que porra é essa, Djalma? Abaixa essa merda!

Djalma disparou quatro vezes contra Ivone. Seis vezes contra Donato. Silêncio total no hangar. Djalma abaixa a sua pistola,

relíquia roubada da sala de Santiago, e vem ao meu encontro. Havia chegado a minha hora: Djalma me mataria com um balaço no meio da cara! Ele me encarou, guardou a pistola, acendeu um cigarro e se agachou. Seus olhos brilhavam. Abriu a porta do carro, tirou um paletó verde de napa e colocou seu chapéu. Com seu sapato-de-sola pisou no rosto mórbido de Ivone e me olhou triunfante. Ao mesmo tempo, seis viaturas da polícia federal chegaram ao hangar. Ao menos dezoito tiras sacaram as suas armas e as apontaram em nossa direção. Num último ato, Djalma olha para mim entristecido. Sua boca meio torta para o lado direito treme. Pega um lenço, enxuga o rosto suado e torna a guardá-lo no bolso traseiro da calça surrada marrom. Não haveria ali um grand finale. O fim, aliás, não ousaria dar as caras. Éramos cartas que sobraram de um jogo de baralho entre cegos. Coloco as mãos por trás da cabeça. Djalma não atende a ordem do policial. Coloca os seus óculos escuros, afrouxa o nó da gravata, senta-se no asfalto quente do hangar a acende um cigarro. Os revólveres apontados fustigavam nossas auras homicidas. A fumaça do cigarro de Djalma criava imagens que se faziam parecer com os deuses pagãos que nos abandonaram no último minuto em que a misericórdia esfacelara-se junto aos miolos que enfeitavam o chão. Djalma parecia satisfeito. A culpa, enfim, lhe daria outra

chance de perceber que a esperança sempre morre ao primeiro sinal do sol desabando.

Contratado!

Seleções de emprego são deprimentes. Não porque alguém será excluído. Alguém sempre está sendo excluído de alguma coisa à cada segundo que passa. Digo que é deprimente por ver um bando de fracassados se humilhando por um emprego de merda, numa empresa de merda, de um patrão de merda, por um salário de merda. É só olhar para a cara daquelas pessoas. Porra, elas já estão cansadas de levar porrada mas estão cansadas demais para enfiar um punhal na garganta desses burocratas. Os profissionais de recurso humanos estão sempre impecáveis. Falam com uma voz suave e parecem serenos. Certamente cagam com regularidade e comem fibras no café-da-manhã. Eu já participei de algumas destas seleções e lembro de uma em especial. Eu sempre fui um vagabundo, mas em determinada época, admito, eu exagerava. Excedi os limites da vadiagem e a minha mulher na época me deu um ultimato: ou eu descolava um emprego ou ela me dava um pé-na-bunda. Eu tava apaixonado. Se não estivesse, levaria o pé-na-bunda com gosto. Ela falou com seu irmão, que trabalhava numa empresa que prestava serviços financeiros à bancos e me indicou para trabalhar lá. Poucos dias depois me ligaram. Era dia de seleção. Fui na casa da minha mãe e descolei uma roupa social do meu

falecido pai. Tive que tirar algumas traças da calça. Do sapato, tive que tirar alguns ovos de barata. Coisa besta. A minha mãe balançou a cabeça e fez um gesto típico dos irônicos:

-- Vai morrer?

-- Não, mãe. Por que?

-- E por que já colocou a roupa de entrar no caixão?

-- Pega leve, mãe. Vou pra uma seleção de emprego.

-- É piada?

-- Não, mãe. A Arlete descolou uma indicação com o irmão dela no banco que ele trabalha.

-- O Mauro Sérgio tá louco de te indicar. Meu Deus!

-- Dá um tempo, mãe. Torce por mim, pô!

-- Ultimamente não tô torcendo nem roupa no tanque, meu filho.

-- Caralho...valeu, mãe.

-- Nem vem com essa de filho mal amado!

-- Tchau, mãe. Mais tarde eu passo aqui!

Saí da casa da minha mãe e me encaminhei ao escritório onde seria realizada a tal seleção. Passei um vidro de perfume para disfarçar o cheiro de naftalina da roupa e até penteei o cabelo. Eu tava, no mínimo, apresentável. Chegando ao local, mais ou menos dez pessoas esperavam o horário do começo do processo seletivo. Rostos tristes. Cabisbaixos. Era um ambiente

depressivo. O contraponto era uma loira que usava um salto alto que devia ter uns quinze ou vinte centímetros. Ela estava impecável. Vestida para matar. Certamente foi indicação de alguém importante daquele banco. O seu vestido curto deixava à mostra suas pernas cheias de creme hidratante. Seu perfume era doce e me fez espirrar cinco vezes seguidas. Era uma bela mulher. Sentou-se ao meu lado e começou a puxar assunto:

-- Nossa, esse trânsito tá horrível!

-- Pois é.

-- Difícilímo de estacionar por aqui. Tive que estacionar meu carro na rua de trás. Onde você deixou o seu?

-- Eu ando de ônibus.

-- Ah, tá. Faz tempo que andei de ônibus. A última vez que andei foi para uma excursão, sabe? Aqueles ônibus cinco estrelas.

-- Sei...

-- Tá nervoso pra seleção?

-- Não.

-- Pois eu tô. Olha, preciso desse emprego. Me separei do meu marido. O sacana do Guido disse que até paga o colégio do nosso filho, mas disse que eu tenho que me virar com o Kumon, o curso de inglês, a natação e o caratê. Olha, tem homem que não vale nada! Aquele imbecil é dono seis lojas de

carro. Seis!

-- Pois é.

-- E você, tem filho?

-- Se eu tenho, não conheço.

Um cara gordo e cheio de gel no cabelo interrompeu o papo. Tava de saco cheio daquela perua. Ela não iria calar a boca nunca! O gordo do gel convocou todos a o seguirem até uma sala no primeiro andar. Todos entraram. Tinha um cara que parecia muito nervoso. Ele esfregava as mãos, estalava os dedos, esfregava o rosto e tirava caspas da sobrancelha. O gordo se apresentou. Era coordenador do RH. O cara tinha uma barriga pendurada e suava feito um porco antes de ser abatido. Com um lenço na mão esquerda, ele limpava a testa e mexia em alguns papéis sob a mesa. A loira-perua tava me perseguindo. Sentou ao meu lado novamente. Puta merda, aquele perfume me incomodava. Eu preferia o cheiro da naftalina da minha camisa-de-linho. Respondemos um questionário. Cada pergunta mais idiota que a outra. Depois o gordo passou um teste de matemática e outro psicológico. Olhei para trás. Tinha uma morena espetacular. Ela mordia a caneta e olhava para o teto como se estivesse querendo lembrar de algo. Aquilo tudo parecia a coisa mais idiota que eu já fizera desde que eu entrei na universidade. Fim de testes. Era hora da

dinâmica coletiva. Cada um se apresentaria e depois faríamos um trabalho em grupo. Eu já tava de saco cheio. Só pensava em sair dali e beber uma grade de cerveja no bar mais próximo. Um por um foi se apresentando. Um belo monte de bosta. Aquilo fedia. Era o mesmo papo. Todo mundo falava a mesma merda! Eu tava pouco me fodendo para aquilo tudo! Como pode ter alguém que consegue falar bem ou mal de si próprio? Eu não consigo. É pura demagogia! Nunca consegui. Eu só consigo falar mal dos outros. Porra, falar bem ou mal de si mesmo é que nem ver o próprio cu: ninguém consegue fazer isso sem um espelho! Chegou a vez do cara nervoso. O que tirava caspas da sobrancelha. O cara era estranho. Magro, alto, orelhas enormes. Olheiras idem. Começou a gaguejar. A língua travou. Não conseguiu nem dizer o próprio nome. O gordo do RH o mandou sentar-se novamente. Coitado. Tava eliminado sem nem mesmo ter dito uma palavra. Enfim, havia chegado a minha vez. Eu tava afim de sacanear aquele gordo. Tava puto com aquela merda. Dane-se a Arlete e a mania de querer dizer o que eu tenho que fazer. Fui na confiança. O gordo começou a me fazer algumas perguntas:

-- Por que você quer esse emprego?

-- Preciso de dinheiro pra alimentar meus vícios. A minha mulher não me paga uma garrafa de cachaça!

O gordo anotava alguma coisa na sua prancheta. Me fez mais algumas perguntas mas eu tava com a cabeça nas nuvens ou nas pernas daquela loira-perua. A seleção foi terminada. Fui pro bar e tomei todas. Cheguei em casa e vi Arlete, como sempre, mexendo no computador. Ela era arquiteta e tinha um ar superior que me deixava gamado. Ela sabia me humilhar de um jeito que me deixava de pau duro.

-- E aí?

-- E aí, o quê?

-- A seleção foi no bar?

-- Vizinho!

-- Não tem como te levar a sério. Não tem mesmo! É sempre a mesma bosta! Você é um merda, tá escutando? Um merda!

-- Mais tarde você vai me pedir pra te pegar de quatro, Arlete. Pára com isso!

-- Seu imbecil! Olha, se você não conseguir esse emprego, pode dar o fora daqui. Tô cansada de sustentar vagabundo! Nem sua mãe te aguenta!

Meia-hora depois estávamos na cama king-size fodendo como dois bons amantes apaixonados. Dormimos de conchinha e acordamos com o sol entrando por um fresta da janela. O nosso ódio era lindo. Dava tesão. Um paradoxo romanceado pela minha inaptidão crônica. Tomei um café preto e escutei o

telefone tocar. Arlete atendeu:

-- É pra você!

Puta que pariu! Logo cedo? Juro que não lembrava da tal seleção do dia anterior. Atendi o telefone um pouco aborrecido:

-- Fala!

-- Olá, bom dia!

-- Bom dia? Pra quê isso?

-- O senhor é mesmo engraçado!

-- Por que sou engraçado? De gozado aqui, só o meu lençol!

-- HAHAHAHA! O senhor não existe!

-- Sei disso. Nietzsche pensava a mesma coisa.

-- Olha, o senhor passou na seleção. Compareça ao escritório para uma entrevista comigo às 10h. Te espero!

-- Até lá!

Arlete me olhou aturdida:

-- Que porra é essa?

-- Me ligaram lá do banco. Tenho entrevista hoje às 10h.

-- Não brinca!

-- Foi o que o cara disse.

-- O Mauro disse que quando ligam pra entrevista é porque já tá tudo certo!

-- Tá vendo? Você não confia em mim!

-- Pára com isso. Te amo, baby! Agora vai, descola um terno do

seu pai e vai bem bonito!

Passei, novamente, na casa da minha mãe, abri o guarda-roupas e tirei um terno risca-de-giz cinza do meu pai. Novamente, tive que tirar dali traças e teias-de-aranha. Minha mãe sorriu. Era mais um de seus sorrisos irônicos:

-- Vai morrer de novo? Que defunto chato!

-- Pára com isso, mãe. Vou pra entrevista final lá no banco.

-- Hum, parece que vai dar certo, né?

-- Acho que sim.

-- Vê se toma juízo, meu filho. Não faça como seu pai!

-- Deixa meu pai, mãe.

-- Seu pai era pior que você. Mas tinha um talento: estelionato.

Nunca botaram a mão nele!

-- Isso sim. De trambique ele era bom. Não tenho esse talento, mãe. Por isso tenho que descolar um emprego.

-- Vai, meu filho. Faz isso mesmo!

Fui pra entrevista com o gordo. O nome do cara era Anísio. Me recebeu com alegria em sua sala e pediu para eu sentar. Parecia entusiasmado.

-- Quer um chá? Ou café?

-- Não, obrigado. Estou bem.

-- Olha, quem diria: uma vaga. Uma única vaga. E ela é sua!

-- Sério?

-- Sério!

-- Legal...mas o que é que vocês viram em mim?

-- Você é um cara sincero. Porra, bicho, eu também tenho meus vícios. Só tô nessa merda pra bancar meu uísque e minha farinha mensal. Odeio essa banco de merda! Vi em você o que eu mais quero ser, cara. Porra, a minha mulher me humilha todo santo dia. Me pisa, me bate, me xinga, me manda aumentar o limite do cartão de crédito, me enche o saco pra trocar de carro todo santo ano, troca de móveis todo mês e ainda colocou a cobra da mãe dela pra morar com a gente no apartamento. A velha, todo dia, me lembra que eu sou um bosta. Um gordo medíocre cheio de merda na barriga e sem nada na cabeça. Tô farto.

-- Sei como é.

-- Quando te vi falar, eu me vi ali, cara. Mas eu nunca teria essa coragem. O emprego é seu. Vou encaminhar sua contratação. Você começa amanhã mesmo!

Saí daquele escritório e só me lembro de ter corrido pra casa. Corri o mais depressa possível. Entrei no prédio e o elevador estava quebrado. Subi onze andares de escada. Eu tava arfando. Abri a porta e vi Arlete no computador com os seus grandes óculos de grau. Me aproximei e comecei a tirar o nó da gravata.

-- Arlete!

-- Peraí!

-- Arlerte, eu...

-- O que é, porra? Não enche! Vai pro teu bar e toma a sua cachaça que é o melhor que tu sabe fazer, seu merda!

Me sentei no sofá e lembrei das palavras do Anísio. Coitado.

Ele, sim, é que tava ferrado na vida.

Sopa de Costela

Éramos flagelos encruados na boca-da-noite. Moribundos espreitando a lua despencar. Eu não fazia ideia do que estava fazendo ali no meio daquele bando de vagabundos. Eu tive chances. Realmente, tive chances. Foram muitas. Com prazer, eu digo que desperdicei todas. Eu havia me tornado um deles. Sem dúvidas, eu era um deles. É tudo o que a família tradicional-cristã tanto teme: a sarjeta. Ninguém educa uma criança ensinando que a vida é dura. Que a vida é um skinhead nos esmurrando a boca com uma soqueira-inglesa. Logo cedo, nos colocam numa escola e somos obrigados a aprender merdas que só servem para adubar a miséria de cada um. Aquilo tudo nos deixa ainda mais confusos. Na verdade, tudo o que fazemos enquanto estamos vivos é para matar o tempo. Matamos o tempo asfixiado. Lentamente. Mas se é para matar o tempo que seja com requintes de crueldade. Que tempo seja esquartejado e os seus pedaços colocados dentro de um saco de lixo de vinte litros. Eu não matei o meu tempo. Ele, simplesmente, parou. É como um velho moribundo de boca aberta esperando a morte chegar num leito de UTI. Mas eu me sentia bem. Se eu olhasse para esquerda, para a direita, para frente ou para trás teria a mesma visão: olhos secos,

desesperança viva em meio à podridão urbana. Eu não via executivos de multinacionais, médicos, advogados ou universitários discutindo textos acadêmicos. Eu assistia a recusa à qualquer tipo de imposição ou influência. Nenhuma placa de “SEJA UM VENCEDOR” por perto. Eu estava entre os meus. Perdedores natos. Fracassados que, finalmente, haviam encontrado seu lugar entre as ratazanas, as seringas, o chorume e o reflexo que a luz da lua fazia nas garrafas secas de vinho barato. Ninguém ali seria jubilado da universidade, demitido de seu emprego ou colocado pra fora de casa por uma mulher em fúria. Sabíamos onde estávamos e a realidade era fascinante. A realidade, finalmente, dava as caras. Era o que me permitia conduzir a vida sem esperar nada em troca. Eu tinha um amigo fiel: o Baluga. O cara era fisioterapeuta de um grande hospital da cidade num passado não muito distante. Largou emprego, família e a culpa em troca da heroína. Um junkie inveterado. Eu ainda tava numa fase de aceitação daquilo tudo. Eu ainda pensava em dar um pulo no passado e acertar contas com alguns filhos-da-puta. Baluga, vez ou outra, me dava uns conselhos:

-- Esquece o passado, bicho.

-- Não dá.

-- O passado é como uma piúba de cigarro que acabaram de

jogar no calçamento: pode até sair fumaça dali, mas não há mais o que queimar.

-- Porra, Baluga, você não entende!

-- Entendo. Eu também era assim, mas já se passaram vinte anos.

-- Não sei, Baluga. O ódio só aumenta.

-- Esquece o que passou, cara. Cê tem que viver o agora. E agora tá na hora da sopa!

Nos dirigimos a um albergue e fomos tomar uma sopa de costela. Um cara de meia-idade com cabelos grisalhos e olhos grandes e verdes furou a fila a ficou na frente de Baluga. Notei algo ali. Parece que os dois eram velhos conhecidos. Um careca barbudo que estava logo atrás de mim notou tudo e resolveu tirar satisfação:

-- Que porra é essa aí? Vai pro final da fila, ô babaca!

-- Fica na sua, cabeça de pica!

-- Como é? Repete aí!

-- C-A-B-E-Ç-A-D-E-P-I-C-A!

-- Cê vai ver quem é cabeça de pica, seu puto!

O careca se dirigiu até o grisalho e lhe segurou pela gola da camisa. A sua mão armou um soco, mas o grisalho foi mais rápido: tirou uma faca média de dentro da calça jeans surrada e a enfiou na barriga do careca. Porra, a vida é uma merda,

pensei. O cara tá morrendo de fome, esperando um prato de sopa há quase uma hora numa fila quilométrica e ainda leva uma facada. Eu só queria uma caverna para me esconder dessa droga de humanidade. Baluga olhou para o grisalho e lhe arrastou para fora dali:

-- Vâmo embora, Catão, vâmo embora!

O grisalho se chamava Catão. Ele tinha boa aparência. Tinha uma cicatriz no canto esquerdo da boca como se já tivesse levado uma estilettada. Fugimos dali. Corremos feito gabirus pelos becos escuros da zona oeste da cidade. Catão não agüentava mais correr.

-- Vâmo dar um tempo. Tô morto!

-- Morto tá o cara que você esfaqueou, seu imbecil!

-- Porra, o cara me provocou!

-- Cê tem que segurar a onda, Catão. Tá a fim de voltar pro xadrez?

-- Eu não. Ninguém vai atrás disso. Era só mais um, bicho.

-- Vai dar o teu cu, Catão. Na próxima treta que tu se meter, se mete sozinho!

-- Somos amigos, Baluga. Não somos?

-- Quero crer que sim, Catão. Mas você só me mete em bocada!

-- Foi mal, Baluga, foi mal. Pô, me deixa ficar com vocês?

-- Não sei, Catão, não sei. Você tá louco. Tem que se tratar!

-- A cadeia me fez mal, Baluga. Eu vou me recuperar. Me deixa ficar com vocês?

-- Tudo bem.

Baluga olhou para mim, se aproximou e me deu um cigarro:

-- Tudo bem pra você?

-- Não sei. Tô me sentindo mal com tudo isso. Porra, Baluga, não tinha por que o cara ter metido a faca no outro lá. A gente só ia tomar uma sopa.

Catão se aproximou:

-- Já me expliquei e me desculpei, cara. Qualé a tua?

-- Vai se foder! Não gostei da tua cara!

-- Vá à merda!

Baluga intervém:

-- Calma, pessoal. É o seguinte: vâmo ficar aqui essa noite.

Amanhã o Catão toma seu rumo.

-- Peraí, Baluga, deixa eu ficar com vocês, pô!

-- Não dá, Catão. Se a polícia aparecer, entram os três em cana!

Catão me olha colérico. Senta-se no meio-fio e acende um cigarro. Baluga me chama num canto.

-- Fica frio. Amanhã eu coloco o Catão pra correr.

Naquela noite, eu não dormi. À qualquer momento, eu sabia que a polícia poderia chegar. Catão pegou no sono. Parecia

tranquilo. Certamente, já era acostumado com o crime. Baluga também já se meteu com roubos, furtos e até sequestro, mas nunca matou. Eu era novo por ali. Há pouco, eu tinha um mundo de mentiras me aspirando como se eu fosse um ácaro de tapete. Agora, a realidade me assombrava, mas era tudo verdadeiro: o sangue, o suor, o vapor da madrugada e o ódio que andava no meu encalço. Senti vontade de enfiar a porrada no Catão enquanto ele dormia. Ele era maior do que eu. Mais forte. Mas eu o pegaria desprevenido enquanto ele roncava. Baluga parecia perceber a minha intenção. O cobriu com um casaco da napa e me chamou para sentar ao seu lado:

-- Fica frio. Já disse!

-- Não dá.

-- Não dá o quê?

-- Cara, quer saber? Amanhã eu tô me mandando!

-- Calma, cara. Vai se mandar pra onde?

-- Não sei.

-- Claro que não sabe. Ninguém aqui sabe pra onde vai. Só sabemos onde estamos porque sentimos o cheiro das bocas-de-lobo.

-- Sabe, Baluga. Eu já fui longe demais nisso tudo.

-- Você tá só começando.

-- Mas já me sinto farto. Me sinto inadaptável. Recusei um

maldito mundo de contratos e obrigações para entrar num mundo tão doente quanto.

-- Olha, cara, é normal ter essas crises. Um dia, quem sabe, você vai conseguir se desvencilhar de qualquer dúvida ou dívida. Você vai aceitar tudo isso. Vai esvaziar a mente e triturar esse mundo com todo o ódio que você tem acumulado todos esses anos.

-- Não sei, Baluga. Eu tenho contas a acertar.

-- Com quem, cara? Conta aí!

-- Com uns caras aí.

-- Não tem cara nenhum. Não há conta nenhuma a acertar. É só o ódio que lhe confunde. É o ódio que não te deixa dormir, bicho.

-- Talvez, Baluga. Talvez!

Baluga se deitou e adormeceu. Eu continuei acordado. Talvez Baluga estivesse certo. Não havia conta nenhuma a acertar com o passado. Era só o ódio acumulado. Parece que eu havia pisado nos estilhaços de mil garrafas de vidro. Eu sentia as pontadas na carne. Era só ódio. Acredito que o amor meio trouxe até aqui. Tudo vem dele. Procriam, matam, morrem, traem, roubam e imploram pelo cu da mulher casada por causa do amor. Baluga parecia me entender. É por isso que eu não saía de perto dele. Mas o tal do Catão me incomodava. De

onde aquele cara surgiu? Eu só queria tomar uma sopa de costela. Tava morrendo de fome. Eu queria matar aquele cara. Assim que o sol se levantasse esse cara ia embora. E o sol se levantou. Baluga acordou e olhou para Catão com uma típica cara de puta faceira. Catão tirou a poeira da roupa, se espreguiçou e se dirigiu á mim:

-- Ái, cara!

-- O que é?

-- Tá a fim de descolar um rango pra gente?

-- Não.

-- Como não?

-- Não sou teu empregado, porra!

-- Que cara malcriado!

-- Pau no seu cu!

-- Como é?

-- Pau no seu cu, parceiro!

-- Vem cá, vem! Caminha até aqui e eu vou te mostrar o pau no cu!

Baluga se mete no meio da discussão:

-- Segura a onda, pessoal.

-- O cara aí é malcriado, Baluga.

-- O cara aí é meu amigo. Ninguém mexe com ele!

-- Parece que tá mal acostumado!

-- Não é da sua conta, Catão. Agora se manda, vai!

-- Pô, Baluga, não faz isso comigo, cara! Pelos velhos tempos!

-- Sem essa de velhos tempos. Trato é trato. Tu prometeu se mandar quando amanhecesse!

-- Tudo por causa desse cuzão, aí!

-- Deixa o cara. Já disse!

Catão abotoou a camisa verde surrada, acendeu um cigarro e se escorou no muro. Baluga ficou encarando-o por alguns instantes. Senti que aquilo era só o começo. Catão não ia embora. Resolvi acabar com aquela merda. Anunciei à Baluga que estava indo embora. Eu tava decidido. Talvez fosse pro outro lado da cidade ou talvez mudasse de cidade. Baluga não aceitou:

-- Fica aí, cara! Quem vai embora é o puto do Catão!

Catão apagou o cigarro e tirou a mesma faca que tinha matado o careca no dia anterior. A lâmina ainda estava suja de sangue.

-- Eu fico. Quem vai me peitar?

-- A gente tá indo embora, Catão. Não te quero por perto.

-- Vou matar esse filho-da-puta!

Catão correu em minha direção, mas errou o alvo. Caiu na rua e a sua faca foi jogada para perto do meio-fio. Não pensei duas vezes: meti o joelho em suas costas e lhe enfiei a porrada. Nunca senti tanto ódio em minha vida. Toda a cólera

acumulada em todos aqueles anos perdidos veio à tona. Eu não conseguia ver nada. Meus punhos trabalhavam como um moedor de carne e o sangue espirrava no meu rosto e na minha camiseta cinza. Senti um braço me puxando. Recuperei a visão e vi baluga ofegante. Mesmo perto, escutava sua voz distante:
-- Vâmo embora, porra! Vâmo embora!

Olhei para o chão. Catão parecia um monte de carne abatida num matadouro abandonado. Talvez ele estivesse morto, foi o que pensei. Eu e Baluga corremos em direção à avenida. Ignoramos a passarela e a atravessamos por entre os carros que nos cortavam em alta velocidade. Ao chegar ao outro lado, Baluga me levou até uma torneira perto de um canteiro. Me lavei e tirei o sangue alheio que manchava minhas mãos. Tirei a camiseta e a joguei numa lata de lixo na esquina. Baluga me arrumou uma de suas camisas e nós nos mandamos. Passamos o dia perambulando por ruas sujas da zona leste. Não trocamos uma palavra. Baluga parecia preocupado. Eu me sentia aliviado. Parece que eu havia perdido metade do meu peso. Me sentia bem. A noite chegava e, então, nos dirigimos a um albergue que ficava ao lado de uma fábrica abandonada. Era a hora da sopa. Nos dirigimos à fila quilométrica. Nos serviram sopa de legumes. Baluga e eu atravessamos a rua e sentamos num banco de praça. Ele ia começar a matar a sua fome com

uma colherada cheia de sopa quando resolveu quebrar o gelo:

-- Sabe, cara...

-- O quê?

-- Deixa pra lá!

-- Fala, Baluga! O que é?

-- Essa sopa...

-- O que tem essa sopa?

-- Eu prefiro sopa de costela! Eu não consigo tirar da cabeça
que a sopa de ontem era de costela!

Sem Mapa pra Ixtlan

Cabú e Bundinha eram dois filhos da puta. Mas eram meus amigos. Os únicos que restaram naqueles dias em que o sol nos banhava com a saliva do diabo. Cabú trabalhava na oficina do seu Cândido, um velho diabético que tinha metade da perna direita amputada. Eu fazia uns bicos pra ele, cobrando os velhacos de porta em porta. Em último caso, seu Cândido dava um trêsoitão à Cabú e ele ia até o cliente lhe dizer umas palavras de carinho. Bundinha eu conheci da na feira dos ciganos, perto da Praça Lira Paes. Ele trabalhava pro Pedrolo, um portuga que vendia peixe na barraca 23. Bundinha ajudava na limpeza e embrulho dos peixes. Quando eu não estava cobrando os velhacos da oficina do seu Cândido, estava na feira ajudando Pedrolo e Bundinha a descarregar a caminhonete. Saímos da feira fedendo à peixe-buceta e íamos nos encontrar à noite com Cabú num dos imundos bancos da maldita praça Lira Paes. Mendigos, travestis, ladrões, craqueiros e bêbados inveterados disputavam aquele espaço lúgubre, onde o ódio era um playground. O tempo se esvaia entre o tesão e o horror. E se havia tesão, ele era movido pela vontade de matar. O homem bom nasceu morto. Ninguém ali tinha anjo-de-guarda ou conseguia dormir quando os olhos se

fechavam. Sabíamos que não tínhamos nada, além de alguns míseros dentes na boca. O mais velho era Cabú. Devia ter uns vinte e dois ou vinte e três anos. Eu e Bundinha tínhamos acabado de completar dezoito anos e, ao invés de tirarmos a carteira de motorista, tiramos nossas ilusões de dentro de uma velha boina de feltro e a jogamos no primeiro abismo que vimos pela frente. A verdade é que estávamos ali reunidos naquela praça como bons cães vira-latas à espreita da caridade que nunca dava às caras. Sim, é mais fácil ser caridoso com um cão do que com qualquer pessoa deste mundo. Éramos três vagabundos encruados nas veias entupidas das imundas ruas da cidade-baixa. Nosso futuro foi cortado com uma gilete desde o dia em que nossos pais despejaram suas porras desgraçadas nas bucetas quentes de nossas mães. Cabú ganhou esse apelido ainda na infância quando rodou em cana umas onze ou doze vezes. Era o cabuloso. Com nove anos já tinha até matado policial. Ultimamente, descobriu na heroína o afago que tanto procurava num seio familiar imaginário. Não se podia prever o comportamento de Cabú. Ele era o nosso líder. Não por ser o mais inteligente, mas por ser o mais violento. Lembro do nosso último dia vivendo aquela falsa liberdade que permeava nossos delírios de fome e cola-de-sapateiro.

-- E aí, putada. Bora acordar!

-- Calma aí, Cabú. Tava sonhando com uma buceta rosa e lisinha!

-- Levanta, Bundinha! Esquece isso!

-- Porra, Cabú! Qual é, cara? Hoje é domingo!

-- E daí? Tenho um plano pra gente!

Eu havia roubado um pôster da Luma de Oliveira num sebo do centro da cidade e contemplava as curvas daquela morena debaixo de um dos bancos da praça. Por alguns instantes, cheguei a esquecer minha infelicidade. Buceta é um negócio tão letal como qualquer outra droga pesada. Lembro do seu Cândido me falando sobre o chifre que levou de Zuleide, sua primeira esposa. “Eu era bancário. Ganhava bem. Não deixava faltar nada em casa. Tratava minha mulher muito melhor do que a minha mãe. É foda. Trepávamos toda santa noite. Mas tinha um problema: ela sempre me negava o cu. Eu pedia, pedia e nada. Até que um dia cheguei em casa e, pra minha surpresa, meu irmão tava mandando ver no cu da minha mulher. Virei mendigo, cara. Comi o pão que o diabo amassou e Deus passou meteu na torradeira. Virei diabético, amputei metade da perna. Continuo na merda, nunca consegui esquecer aquilo. Nunca!”. Eu tava viajando naquela morena. Uma das melhores punhetas que eu já batera. Até Cabú meter o pé no banco e arrancar o pôster da minha mão.

- Que porra é essa, Cabú?
- Levanta aí, seu punheteiro!
- Vai tomar no cu, porra! Hoje é domingo!
- Vocês têm dois problemas: achar que buceta é dorflex e achar que domingo é dia de ficar moscando!
- Pega leve, Cabú! O que você tá querendo?
- Um boquete! O que você acha?
- Pega leve, Cabú! Manda o papo!
- Vâmo andando que no caminho eu explico.

Saímos da praça Lira Paes e nos dirigimos a um ponto de ônibus. Cabú tirou três tickets de passagem do bolso e os entregou a mim e à Bundinha. O 414 se aproximou. Não sabia o que ia acontecer dali pra frente, mas eu sentia um cheiro de merda no ar. Subimos no coletivo e nos dirigimos aos bancos do fundo. Havia poucas pessoas naquele ônibus. O cobrador conferia dinheiro e nos fitava com um olhar desconfiado. Bundinha parecia distraído com a paisagem que emoldurava nossas vidas sem rumo. Cabú tira um papel do bolso da camisa. Um endereço parece estar escrito com caneta vermelha no pequeno papel amassado. O ônibus freia bruscamente. Cabú quase se esborracha no sujo chão do transporte.

- Tá louco, motô? Vai matar tua mãe, seu puto!
- Cabú volta a se sentar. Bundinha se mostra impaciente. O

caminho nos era estranho. Eu costumava rodar a cidade a pé, mas confesso que desconhecia aquela área.

-- Pra onde a gente tá indo, Cabú?

-- Visitar tua mãe!

-- Não fode, Cabú! O que é que cê tá tramando, hein?

-- Falta pouco pra chegar. Lá eu explico melhor.

-- Lá onde?

O ônibus chega ao terminal. Agora eu reconhecia o lugar. Era o bairro de Pádua. O terminal ficava perto de uma igreja evangélica. Acho que era a universal. Cabú pediu que nós os seguíssemos. Bundinha tava nervoso. Não aguentou. Puxou Cabú pelo braço e ordenou que ele abrisse logo o jogo.

-- Fala logo, Cabú. Não dou nem mais um passo se tu não disser pra onde a gente tá indo!

-- Tá bom, seus merda! Tâmo indo fazer uma cobrança pro seu Cândido.

-- Não poderia ter dito antes?

-- Não!

-- Por quê?

-- Porque tô querendo pegar o cara de surpresa. O filho dum puta tá devendo uma dinheirama pro Cândido.

-- Sério que alguém ainda teima em consertar carro naquela merda de oficina?

-- Não paga de otário, Bundinha! O seu Cândido é vivo! Ali é ponto de droga, puta e agiota!

-- Sabia que aquele velho aleijado era metido em coisa cabeluda!

-- Você não tem nada a ver com isso!

-- E o que a gente tá fazendo aqui se não temos nada a ver com isso?

-- Cobertura! Eu não poderia vir sozinho!

-- Vai à merda, Cabú! Quer me foder? Já te disse que tô fora do crime, bicho. Tô limpo!

-- Mais limpo que que banheiro de rodoviária, né?

-- Tô fora! Se fode aí sozinho!

Cabú não parece disposto a discutir com Bundinha. Saca da cintura um .32 e o aponta na direção de Bundinha.

-- Fica aí, Bundinha! Tô mandando!

-- Que porra é essa, Cabú?

-- Um revólver. Cê tá na mira!

-- Abaixa essa merda, seu puto!

-- Bora conversar, Bundinha. Tô mandando!

Sentamos os três num meio fio perto do “beco dos larápios”. Cabú parecia mais calmo.

-- Sei que cêis tão nervoso. Eu também. Mas essa é minha última, bicho. Seu Cândido vai me dar uma grana boa. Vou

dividir com vocês. Tô falando, é grana boa!

-- E o que vâmo fazer?

-- Passar o cara.

-- Quem é o cara?

-- Um boliviano que mora ali na rua de baixo. Perto do rio.

-- Qual a chance de dar certo?

-- Hoje é domingo. Seu Cândido disse que hoje é dia dele fazer churrasco. Ainda tá cedo. É capaz dele ainda tá se acordando, manja?

-- Manjei. Mas o que a gente tem que fazer?

-- Quero que vocês deem um jeito na mãe do boliviano. Dona Prisca. Ele guarda o dinheiro debaixo do colchão da velha.

-- Caralho, Cabú, tô nervoso!

-- Relaxa, vai dar certo!

Nos dirigimos à casa do tal boliviano. Hermes Vidal era dono de uma pronta entrega de confecções no centro da cidade. Sua casa era uma das últimas na “rua dos sambaquis”. Uma casa discreta. Alguns vira-latas latiram e pularam na grade ferro quando Bundinha os atiçou com um graveto de bambu.

-- Pára com essa porra, Bundinha. Quero pegar o cara de supresa!

A casa parecia silenciosa. Cabú traçou o plano.

-- É o seguinte: o quarto da velha é lá no muro. Toma a faca,

Bundinha!

-- E o Bolívia?

-- Deixa comigo. É problema meu!

Eu e Bundinha nos dirigimos aos fundos da residência. Não parecia bocada. Um pequeno muro nos separava do quarto de dona Prisca. Pulamos. Nenhum sinal de reação. Ouvimos um desparo vindo de dentro da casa.

-- Porra, o Cabú passou o boliviano!

-- É nossa vez. Bora pegar a grana e cair fora!

A porta do quarto da velha estava aberta. Dona Prisca fumava um cachimbo de forma calma. Parecia não ter pressa alguma de terminar aquilo. Bundinha lembrou seus velhos tempos de crime e partiu pro ataque.

-- Aí, velhota, cadê a grana?

-- ...

-- A grana, porra!

-- Levanta o colchão logo, Bundinha!

Bundinha levanta o colchão. Na grade da velha cama de madeira só havia um grande saco de juta. Parecia cheio. Bundinha o agarra. A velha assiste à tudo com um ar tranquilo. Me senti numa viagem a ixtlan. A velha tava mais pro índio Don Juan Maltus.

-- E aí, Bundinha?

-- E aí o quê?

-- Mato a velha ou não?

-- Deixa ela aí. Vâmo embora!

Cabú nos esperava já no “beco dos larápios”. Corremos em direção ao trem que já estava de saída e pulamos num dos últimos vagões. Ficamos os três nos entreolhando. Cabú parecia exausto.

-- E aí, Cabú? O que aconteceu?

-- Dei um balaço na testa do boliviano. E a grana?

-- Quando levantei o colchão, logo vi esse saco. Tá costurado.

-- Abre com a faca, porra!

Bundinha pegou a faca e começou a abrir o enorme saco de juta. Não dava pra acreditar. Não havia dinheiro nenhum ali dentro. Só folhas de coca. Folhas e mais folhas de coca. Cabú estava à beira de um ataque cardíaco. Passava a mão nos minguados cabelos, esfregava o rosto e procurava palavrões para desferir.

-- P-puta que pariu! Boliviano filho duma puta!

-- E agora, Cabú?

-- E agora? E agora eu vou em cana. De novo, porra! De novo!

Bundinha abria o saco de juta e soltava sonoras gargalhadas. Cabú queria matá-lo. Pegou o seu .32 e, novamente, o apontou em direção à Bundinha.

- Que porra é essa, Bundinha? Tá rindo do quê, seu desgraçado?
- Da velha!
- Que velha?
- Da dona Prisca.
- Que é que tem a velha?
- O seu olhar.
- O que é tinha no olhar da velha?
- Uma mentira confortável.
- Aonde você quer chegar, seu imbecil?

O trem pára na estação Dorotéia. Alguns passageiros saltam. Outros entram e logo ocupam os vagões. Bundinha não pareceu se incomodar em responder a pergunta de Cabú. No fundo, sabíamos muito bem responder aquela indagação com o mesmo olhar mórbido da velha boliviana. Nada havia em nossos olhos secos. Logo chegariam a lugar nenhum, mas sem o auxílio das confortáveis mentiras que nos foram sequestradas pelo tempo que esquartejamos. Continuaríamos a mastigar as duras pedras da realidade cotidiana num horrível disfarce de verdade castigada.

Pink-Pussy do Absoluto

O seu nome estava lá estampado nos classificados do jornal de domingo: “Pink Pussy”. Publicitária, discreta, recém-chegada de um intercâmbio no Canadá. Peitos pequenos, mas a bunda compensava. Número para contato logo abaixo do anúncio. Peguei o meu velho telefone de disco e me pus a ligar. Ela não demorou a atender:

- Alô?
- Pink Pussy?
- Quem deseja?
- Vi seu anúncio no jornal. Qual o valor do programa?
- Depende...
- Depende do quê?
- Vai querer programa completo?
- Completo como?
- Com jantar no “La Cigale”.
- Você divide a conta?
- HA-HÁ-HÁ! Gostei de você, tem senso de humor!
- É só uma trepada. Nem precisa de anal.
- Não faço anal, só pra constar.
- Então por que diabos propõe programa completo?
- Por causa do jantar no bistrô ou uma ida ao teatro municipal.

Hoje, por exemplo, é dia de orquestra.

-- Olha aqui, ô buceta rosa, fala quanto é o programa e aí eu decido se eu contrato ou não os teus serviços.

-- Pink Pussy, ok?

-- Ok.

-- A foda básica é R\$ 150.

-- Foda básica?

-- É. De quatro.

-- Gosto de papai-mamãe.

-- Aí fica R\$ 200.

-- Por quê?

-- Não sou obrigada a olhar pra sua cara.

-- Gosto de dar uns beijos de língua.

-- Fica R\$ 300.

-- Isso é roubo!

-- Você quem sabe.

-- Tudo bem. Quero um papai-mamãe sem beijo de língua.

-- R\$ 250.

-- Fechado.

-- Jantar no bistrô fora a parte!

-- Puta merda!

-- ...

-- Tudo bem, tudo bem! Onde eu te pego?

-- Vou direto pro “La Cigale” às 20h.

-- Como faço pra te reconhecer?

-- Estarei usando uma echarpe vermelha.

-- Ok, ok.

Que programa caro! Eu havia acabado de ser explorado por uma publicitária! Os cursos superiores defasaram a prostituição simplista. Eu só queria dar uma trepada. Resolvi vestir uma roupa decente e me encaminhar até a porra do bistrô. A tal “Pink Pussy” tinha que ser muito gostosa. Ou, pelo menos, não me metesse em mais uma roubada. Minha grana tava contada. Peguei um táxi na avenida Rui Mérida e mandei o taxista tocar pro tal “La Cigale”. O cara era gordo. Muito gordo. Não sei como cabia naquele opala diplomata 89. Ele logo tratou de puxar assunto:

-- Tá frio, hein?

-- Eu já acho que tá quente.

-- Teu rosto não me é estranho.

-- Tenho dois olhos, um nariz, uma boca e duas orelhas. E ainda tenho cabelo! Não deve ser muito estranho mesmo!

-- Tu é meio grosso, né?

--As mulheres falam isso, mas nunca precisei usar KY.

-- Olha aqui, cara, tá nervoso? Pega outro táxi!

-- Esse serve. Mas tu bem que poderia ir mais rápido!

-- Não tá vendo o trânsito? Chuva, meu camarada! O trânsito tá parado!

-- Já tô vendo o restaurante. Vou ficar por aqui mesmo. Fica com o troco!

Desci do táxi, coloquei meu casaco, mas não me livrei de me molhar um pouco na cortante neblina que encobria a cidade putrefata. Na porta do bistrô, encontrei a tal “Pink Pussy” com a sua echarpe vermelha. Uma mulher bonita. Cabelos castanhos bagunçados, boca vermelha, grandes olhos verdes e um corpo ainda por decifrar. Ela usava um sobretudo roxo que não me deixava avaliá-la de forma mais clara. Cheguei junto!

-- “Pink Pussy”?

-- Sim?

-- Te liguei há uma hora.

-- Ah, sim. Demorou muito. Tava quase indo embora.

-- Por quê?

-- Detesto esperar. Se você demorasse mais cinco minutos, iria cancelar o programa. Você teria que me pagar o dobro do combinado.

-- Essa foi boa!

-- Teve sorte!

-- Olhe, vamos nos sentar!

-- Sou fumante. Quero uma mesa ali do lado esquerdo.

-- Como quiser!

Seguimos para a ala dos fumantes. Tipos diversos conversavam nas pequenas mesas enquanto fumavam seus cigarros de forma desprevensiosa. Um velho, já bêbado, reclamava na mesa ao lado da nossa:

-- Sabe o Chico?

-- Que Chico?

-- O Buarque, porra!

-- Sei, sei...

-- Eu trabalhava na Varig. Naquela época, todo mundo fumava no avião. Mas aí, bicho, baixou a porra duma lei proibindo fumar um cigarrinho nas alturas...

-- E aí?

-- E aí o Chico já tava de bilhete comprado, pô. O comandante disse a ele que cigarro no vôo nem pensar!

-- E então?

-- E então o Chico rasgou o bilhete nas fuças dele e se mandou!

-- O que é que eu tenho a ver com isso, hein velho?

-- Vai pro inferno! Daqui a pouco vão proibir de conversar nessa merda! Vão todos pro caralho! Tão ouvindo? Pro caralho!

Enfim, sentamos na nossa mesa. Ela tirou o seu sobretudo e o colocou sobre uma cadeira vaga. Ela não era tão bonita. Acho

que a penumbra da calçada a ajudava. Mas não deixava a desejar. Usava um vestidinho prafrentex e botas de inverno. Um tipo diferente. Eu resolvo começar a decifrar aquela esfinge.

-- E aí, o que vai pedir?

-- Não sei...

-- Como não sabe?

-- Não sei, cara. Nunca vim aqui!

-- Como não?

-- Nunca vim! Te propus o jantar aqui porque eu tinha muita vontade de conhecer esse lugar. Te joguei a lábia e você comprou a idéia.

-- Mas que canalha, hein?

-- Pede um conhaque pra mim!

-- Tudo bem.

Ela acende um cigarro e desvia o olhar para uma propaganda de bebida perto do balcão.

-- Quem diabos vai comprar esse rum por que esse merda de ator tá fingindo beber essa porra?

-- Vocês publicitários são um saco mesmo!

-- Quem disse que eu sou publicitária?

-- O seu anúncio.

-- Tudo mentira.

-- Não diga!

-- Sim.

-- E qual é a sua profissão?

-- Puta.

-- Fora isso.

-- Advogada.

-- E por que diabos têm “publicitária” no seu anúncio?

-- Resolvi tirar o “advogada”. Tava cansada de, depois das fodas meia-boca, os clientes ficarem pedindo orientações judiciais.

-- Deu certo?

-- Deu. Ninguém é tão imbecil ao ponto de, depois duma foda, vir me perguntar o que eu acho da nova propaganda da Pepsi.

-- Isso é verdade.

Chegam dois cálices de conhaque. Continuamos a conversar.

Resolvo pedir nossos pratos. Peço pato ao molho de laranja.

-- Caríssimo. É melhor você fazer o programa com o dono do restaurante. O que acha?

-- Você deixa o seu cu como garantia de pagamento. Não é melhor?

-- Pega leve!

-- Quero mais conhaque!

-- Vem cá...qual seu nome verdadeiro?

- Lígia.
- Bonito nome.
- Nem vem com essa.
- Olha, Lígia, vou ser sincero: te detestei.
- Sério?
- Sério.
- Então se manda!
- De forma alguma. É por ter te detestado que eu quero levar isso até o fim.
- Isso não parece idiota?
- Não. Pessoas afáveis aguçam meu instinto assassino.
- Estou te matando em pensamento desde o telefonema.
- O garçom nos interrompe. Chegam nossos pratos.
- Por que faz programa?
- Uma boa forma de trabalhar naquilo que se detesta ganhando dinheiro de forma rápida e fácil.
- Detesta sexo?
- Não. Detesto fodas de três minutos.
- Hoje você irá se surpreender!
- HÁ-HÁ-HÁ-HÁ!
- O que foi? Hoje eu vou te foder de verdade!
- Só se for a minha paciência.
- Veja, Lígia...

-- Não fala meu nome aqui, cara!

-- Desculpe!

-- Não peça desculpa, porra. Parece um imbecil!

-- Olha...

-- Olha nada! Vâmo embora desse lugar!

-- Peraí, vou pegar a conta!

-- Pagar conta, nada! Vâmo pelo janelão do banheiro feminino.

Dá direto pra rua do Quinteiro!

Entramos no banheiro feminino e fechamos a porta. Ela foi primeiro. “A barra ta limpa!”. Pulei logo em seguida. Entramos depressa no táxi. Era o mesmo gordo que me trouxera na ida.

-- Você de novo!

-- Puta merda! Esse gordo tá me perseguindo!

-- Respeita, hein? Gordofobia é crime!

-- Crime?

-- Caralho!

-- Que foi, Lígia?

-- Esqueci meu sobretudo em cima da cadeira!

-- Foda-se. Amanhã te compro outro!

-- Sério?

-- Claro!

-- Os pombinhos vão pra onde, hein?

-- Edifício Catresi. Rua Alcides Colaço. Fica a umas duas

quadras daqui.

-- Já sei.

Lígia tem belas pernas. Passo a mão na sua coxa esquerda e ela me interrompe:

-- Alto lá! Você ainda não me pagou porra nenhuma!

-- Não seja por isso. Tá aqui, ó!

O taxista nos olha pelo espelho retrovisor.

-- O negócio ta bom aí, mas vou logo avisando: sou evangélico.

Fodelança aqui no meu carro não!

Chegamos ao meu prédio. Pago ao taxista e ele fica contando as notas enquanto Lígia exala desânimo num fúnebre semblante.

-- Que é que foi “Pink Pussy”?

-- Nada.

-- Tô curioso...

-- Pra quê?

-- Pra ver o porquê desse apelido!

-- Nunca viu uma buceta rosa, ô cabaço?

Subimos. Meu apartamento ainda tinha resquícios da decoração de Ieda, minha ex-mulher incinerada pelo fogo fátuo de minha memória fraturada. Lígia pareceu preencher aquele lugar com a sua buceta rosa e o seu vômito na pia da cozinha.

-- Me leva pra cama!

O mergulho de Lígia na cama foi como o mergulho dos suicidas do alto de um arranha-céu. A buceta rosa era mais uma das metáforas que eu retirava nas máquinas de refrigerante que teimavam em repetir a marca da minha solidão gaseificada no vapor da noite. Lígia deve ter permanecido ali por dez ou talvez vinte anos. Todos os domingos, na página de classificados, a minha cegueira tão certa e altiva procurava a “Pink Pussy” naquele velho jornal amarelado e manchado pelo sangue seco da minha memória.

Sobre o Autor

Giordano Bruno Andriola Liberato, potiguar, 27 anos. Fissurado na boemia-urbana das cidades em putrefação. Mais um selvagem fora da jaula procurando comida na mais remota escassez. Um cego solitário olhando para os lados no meio de um trânsito infernal. O último dos sobreviventes de um naufrágio sem mortos e feridos. Entre um cigarro e outro, prevê a vida passar como todas as outras pessoas que não têm muita escolha.

10 Perguntas pra Giordano Andriola

AP: Giordano, cê lembra o que cê comeu hoje no almoço?
Aliás, cê comeu hoje?

Comi um risole de carne. Acho que era de ontem. Tava duro pra cacete.

AP: Seus textos são marcados por vezes por um toque de um refinado humor psicopata. É sem querer, estamos falando bosta ou você vê alguma graça na vida?

Não vejo Graça, nem Maria, nem Odete. A vida é um cruzado de esquerda do Mike Tyson.

AP: Natal-RN te trás literatura ou você gostaria de viver em outro lugar?

Natal me apetece. O "beco da lama" e os poucos puteiros que ainda restam, por exemplo, já inspiraram em vários momentos meu ímpeto literário.

AP: Estão três escritores num barco que vai afundar: Um

romancista, um poeta e um Marketeiro, quem vc salvaria?

Ficaria assistindo os três morrerem de mãos dadas. Seria lindo.

AP: Quais livros te fizeram parar um estante pra falar um palavrão em voz alta? Tem algum texto seu que te traga esse mesmo sentimento?

"Pornopopéia", do Reinaldo Moraes, "Memórias da Sauna Finlandesa", do Marcelo Mirisola e "Romance Negro e Outras Histórias", do Rubem Fonseca. Creio que o meu livro, como um todo, é invocativo neste aspecto. Não há como lê-lo sem recorrer a este sentimento. A linguagem utilizada é determinante para isso.

AP: O que cê quer da literatura?

Uma casa na praia. Pode ser em Búzios/RN.

AP: Você acha que realmente existe contemporaneidade na literatura?

Sim, existe. É latente a quantidade de novos autores pleiteando

um espaço literário para trabalhar sua linguagem, seu modo de expressão e, mais do que isso, encontrar sua própria voz.

AP: Resuma a sua infância pra nós, cê foi uma criança feliz?

De forma alguma. A felicidade é e sempre será a doença do vizinho.

AP: Digamos que eu possa matar qualquer pessoa nesse mundo agora. Quem você me mandaria matar?

A minha sombra, sem dúvidas.

Memórias Putridas de Um Voyeur Cego

Giordano Andriola

Published by

Appaloosa Online Indie Publishing

2017

www.appaloosabooks.com